

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Natação brasileira de alto rendimento:
identificação dos fatores de sucesso a partir da trajetória dos atletas

Bruna Lindman Bueno

São Paulo

2024

BRUNA LINDMAN BUENO

Natação brasileira de alto rendimento:
identificação dos fatores de sucesso a partir da trajetória dos atletas

VERSÃO CORRIGIDA

(versão original disponível no Serviço de Biblioteca)

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte

Orientadora: Profa. Dra. Flávia da Cunha Bastos

São Paulo

2024

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Bueno, Bruna Lindman

Natação brasileira de alto rendimento: identificação dos fatores de sucesso a partir da trajetória dos atletas / Bruna Lindman Bueno.
-- São Paulo : [s.n.], 2024.
133p.

Dissertação (Mestrado) - -Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
Orientadora: Profa. Dra. Flávia da Cunha Bastos

1. Políticas esportivas 2. Gestão do esporte 3. Esporte de alto rendimento 4. Natação I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: BUENO, Bruna Lindman.

Título: Natação brasileira de alto rendimento: identificação dos fatores de sucesso a partir da trajetória dos atletas

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências

Data: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

*Dedico esse estudo a todos os que acreditam e
trabalham para o sucesso da natação brasileira*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Raquel e Cinclair, pela educação, pelo incentivo e apoio de sempre, por terem acompanhado de perto todo o processo de construção desse mestrado e por nunca medirem esforços para me ver feliz.

Agradeço à minha orientadora, professora Flávia da Cunha Bastos, por todo o conhecimento transmitido e por estar sempre tão disposta a ajudar. Agradeço-a também, principalmente, pela parceria construída ao longo desses anos e por ter acreditado no meu potencial.

Agradeço ao professor Ary Rocco por ter me acompanhado e prestado todo o apoio necessário durante o estágio PAE que tanto contribuiu com meu crescimento profissional e pessoal. Agradeço-o também pela confiança e liberdade que me foi dada neste processo.

Agradeço ainda ao professor Leandro por sempre ter se feito próximo e por muito ter agregado à minha trajetória de vida.

Agradeço a todo o pessoal do GEPAE pelas reuniões, conversas e debates enriquecedores que certamente contribuíram com minha formação, e pela amizade feita.

Agradeço a todos os nadadores que prontamente se dispuseram a colaborar com essa pesquisa. Creio que temos um sonho em comum: o sucesso da natação brasileira, dentro e fora das piscinas. Vamos em frente nessa missão!

Agradeço à CAPES pelo suporte financeiro fornecido para a execução desse estudo e por todo o apoio fornecido para o desenvolvimento da ciência no Brasil.

Por fim, e mais importante, agradeço a Deus por todos os dons que me deu, por todo o amor e por todas as graças proporcionadas – isso me basta.

“Quando afinal descobre num clarão
que o mundo é seu também, que o seu trabalho
não é a pena que paga por ser homem,
mas um modo de amar – e de ajudar
o mundo a ser melhor.”

Canção para os fonemas da alegria

Thiago de Mello, 1964

RESUMO

BUENO, Bruna Lindman. **Natação brasileira de alto rendimento:** identificação dos fatores de sucesso a partir da trajetória dos atletas. 2024. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2024.

A natação, esporte tradicional, é uma das raras modalidades sempre presentes no programa oficial de todas as edições dos Jogos Olímpicos de Verão. O Brasil tem tido participação histórica, entretanto, há consenso na literatura sobre a modalidade no país da necessidade de se identificar e analisar fatores organizacionais e contextuais que propiciem à natação brasileira alcançar resultados esportivos internacionais cada vez mais expressivos. Nesse sentido, estudos recentes apontam falhas de direcionamento por parte das entidades de administração e prática da modalidade, resultando em ações desconexas e sem sustentação a longo prazo. O objetivo deste estudo foi de identificar os fatores que influenciam o sucesso esportivo da natação brasileira através da percepção dos próprios nadadores e da análise de suas trajetórias esportivas. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo que foi desenvolvido em duas etapas. A primeira, utilizou a abordagem quantitativa e objetivou identificar o perfil populacional e socioeconômico das cidades onde se deu o desenvolvimento esportivo dos nadadores e traçar relações destes parâmetros com o sucesso esportivo. Os resultados indicam que os principais clubes do país estão localizados majoritariamente na região Sudeste, em cidades populosas e povoadas, com altos índices de desenvolvimento humano e econômico. Já a segunda etapa utilizou a abordagem qualitativa. Teve por objetivos mapear e analisar a trajetória esportiva de nadadores olímpicos brasileiros, e identificar os fatores que influenciam o desenvolvimento desses nadadores de sucesso. Contou com a participação de 23 nadadores brasileiros, semifinalistas e/ou finalistas dos Jogos Olímpicos entre Sydney 2000 e Tóquio 2020. Foram aplicados o instrumento RTL e entrevista semiestruturada, e a análise desses dados se deu por meio da técnica de Análise de Conteúdo. Como resultados, foram identificadas 14 categorias de fatores que influenciam o sucesso da natação brasileira. Na opinião dos entrevistados, alguns fatores ainda são pouco desenvolvidos no Brasil, tais como: fomento à natação de base, gestão das organizações esportivas, convergência entre educação e esporte, quantidade e qualidade das instalações esportivas, competitividade dos campeonatos nacionais, dentre outros. Por outro lado, como pontos positivos foram apontados: profissionais capacitados, presença de equipe multidisciplinar, infraestrutura fornecida pelos clubes, suporte financeiro recebido pelos atletas, dentre outros. Já a análise da trajetória esportiva dos nadadores indica que o ingresso ao esporte de alto rendimento tende a ocorrer de modo mais precoce na natação em comparação a outros esportes. Como fatores que contribuíram para o desenvolvimento desses atletas foram mencionados: a iniciação esportiva diversificada, a mudança para um grande clube, a mudança para os EUA, o apoio familiar e o bom relacionamento com seus pares. Os fatores que afetaram negativamente suas trajetórias identificados foram: a falta de suporte para conciliar estudos e esporte, a falta de apoio psicológico, treinamentos inadequados e lesões. Com isso, espera-se que os resultados dessa pesquisa pioneira no cenário da natação brasileira provoquem reflexões e embasamento para direcionamentos que possibilitem o desenvolvimento da modalidade no país e o alcance do sucesso internacional. Reitera-se que novas pesquisas devem ser conduzidas a fim de obter dados mais detalhados e aprofundados sobre cada fator de sucesso identificado.

Palavras-chave: Políticas Esportivas; Gestão do Esporte; Esporte de Alto Rendimento; Sucesso Internacional.

ABSTRACT

BUENO, Bruna Lindman. **Brazilian high-performance swimming**: identification of success factors based on the athletes' trajectories. 2024. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2024.

Swimming, a traditional sport, is one of the rare modalities always present in the official program of all editions of the Summer Olympic Games. Brazil has had historical participation, however, there is consensus in the literature about the sport in the country of the need to identify and analyze organizational and contextual factors that enable Brazilian swimming to achieve increasingly significant international sporting results. In this sense, recent studies point to failures in direction on the part of the administration and practice entities of the modality, resulting in disconnected actions that are not sustainable in the long term. The objective of this study was to identify the factors that influence the sporting success of Brazilian swimming through the perception of the swimmers themselves and the analysis of their sporting trajectories. This is an exploratory-descriptive study that was developed in two stages. The first used a quantitative approach and aimed to identify the population and socioeconomic profile of the cities where swimmers' sporting development took place and draw relationships between these parameters and sporting success. The results indicate that the country's main clubs are mostly located in the Southeast region, in populated cities, with high levels of human and economic development. The second stage used the qualitative approach. Its objectives were to map and analyze the sporting trajectory of Brazilian Olympic swimmers and identify the factors that influence the development of these successful swimmers. It included the participation of 23 Brazilian swimmers, semi-finalists and/or finalists of the Olympic Games between Sydney 2000 and Tokyo 2020. The RTL instrument and semi-structured interview were applied, and the analysis of these data was carried out using the Content Analysis technique. As a result, 14 categories of success factors were identified. In the opinion of those interviewed, some factors are still underdeveloped in Brazil, such as: promoting grassroots swimming, management of sports organizations, convergence between education and sport, quantity and quality of sports facilities, competitiveness of national championships, among others. On the other hand, positive points were highlighted: trained professionals, presence of a multidisciplinary team, infrastructure provided by clubs, financial support received by athletes, among others. The analysis of the swimmers' sporting trajectory indicates that entry into high-performance sports tends to occur earlier in swimming compared to other sports. The factors that contributed to the development of these athletes were mentioned: diverse sporting initiation, moving to a big club, moving to the USA, family support and good relationships with their peers. The factors that negatively affected their trajectories identified were: the lack of support to combine studies and sport, the lack of psychological support, inadequate training and injuries. Therefore, it is expected that the results of this pioneering research in the Brazilian swimming scene will provoke reflections and provide a basis for directions that enable the development of the sport in the country and the achievement of international success. It is reiterated that new research must be conducted in order to obtain more detailed and in-depth data on each success factor identified.

Keywords: Sports Policies; Sports Management; High Performance Sport; International Success.

Lista de Ilustrações

Figura 1 – Modelo que apresenta a relação entre fatores capazes de determinar o sucesso esportivo	6
Figura 2 – Modelo SPLISS	14
Figura 3 – Caminho de Desenvolvimento de Atletas (CDA)	20
Figura 4 – Metodologia do estudo	31
Figura 5 – Participações brasileiras em Jogos Olímpicos na modalidade Natação (1920 – 2020)	32
Figura 6 – Número de brasileiros(as) semifinalistas e/ou finalistas em Jogos Olímpicos na modalidade Natação entre as edições Sydney 2000 e Tóquio 2020	33
Figura 7 – Adaptação do modelo CDA para a natação brasileira e os fatores que afetam a trajetória esportiva dos nadadores	93

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Estado natal dos nadadores olímpicos brasileiros (Sydney 2000 a Tóquio 2020)..	34
Tabela 2 – Número de nadadores entrevistados conforme cada edição dos Jogos Olímpicos.	34
Tabela 3 – Dados populacionais e socioeconômicos das cidades sede dos clubes dos nadadores (Sydney 2000 a Tóquio 2020)	43
Tabela 4 – Fatores que contribuem para o sucesso internacional da natação brasileira.....	47
Tabela 5 – Comparativo entre as idades indicadas no modelo CDA com as observadas na amostra do estudo	94

Lista de Quadros

Quadro 1 – Roteiro de questões para a entrevista semiestruturada	38
Quadro 2 – Métodos e critérios de categorização das questões da entrevista semiestruturada	41
Quadro 3 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “1.1 - Padrão de vida (renda) dos atletas”	49
Quadro 4 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “1.2 – Sistema clubístico e outros”	51
Quadro 5 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “1.3 – Equipe multidisciplinar”	52
Quadro 6 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “1.4 – Treinamentos individualizados”	53
Quadro 7 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “2.1 – Vivência nos Estados Unidos”	56
Quadro 8 – Trechos da entrevista que representam a categoria “3 – Instalações esportivas” ..	60
Quadro 9 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “4.1 – Participação em competições internacionais”	63
Quadro 10 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “4.2 – Nível das competições nacionais”	64
Quadro 11 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “5.1 – Profissionais capacitados”	66
Quadro 12 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “5.2 – Oportunidade de capacitação e troca de conhecimento”	67
Quadro 13 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “6.1 – Suporte para conciliar estudos e esporte”	70
Quadro 14 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “6.2 – Sistema de detecção e desenvolvimento dos talentos”	72
Quadro 15 – Trechos da entrevista que representam a categoria “7 – Suporte financeiro”	75
Quadro 16 – Trechos da entrevista que representam a categoria “8 – Participação e esporte de base”	78
Quadro 17 – Trechos da entrevista que representam a categoria “9 – Planejamento, organização e governança”	81

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 OBJETIVO(S)	5
3 REVISÃO DE LITERATURA	6
3.1. SUCESSO ESPORTIVO	7
3.2. MACRONÍVEL.....	8
3.3. MESONÍVEL E A ESTRUTURAÇÃO DE SISTEMAS ESPORTIVOS	11
3.4. MICRONÍVEL	16
3.5. TRAJETÓRIA DE DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO	19
3.6. O CONTEXTO ESPORTIVO DO BRASIL E O CENÁRIO DA NATAÇÃO BRASILEIRA.....	22
4 MÉTODO	29
4.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA	29
4.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA	31
4.2.1. Primeira etapa	31
4.2.2. Segunda etapa	32
4.3. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	35
4.3.1. Primeira etapa	35
4.3.2. Segunda etapa	35
4.4. ANÁLISE DOS DADOS	38
4.4.1. Primeira etapa	38
4.4.2. Segunda etapa	39
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
5.1. CIDADE SEDE DOS CLUBES E FATORES DE MACRONÍVEL.....	42
5.2. FATORES DE SUCESSO INTERNACIONAL A PARTIR DA VISÃO DOS NADADORES OLÍMPICOS	45
5.2.1. Suporte para atletas e pós-carreira.....	49
5.2.2. Cultura, tradição e aspectos comportamentais.....	54
5.2.3. Instalações esportivas	60
5.2.4. Competições	62
5.2.5. Desenvolvimento e suporte para treinadores	65
5.2.6. Identificação e desenvolvimento de talentos	69
5.2.7. Suporte financeiro.....	74
5.2.8. Participação e esporte de base	77
5.2.9. Planejamento, organização e governança	80
5.2.10. Fatores intrínsecos	83

5.2.11. Apoio familiar.....	85
5.2.12. Condições climáticas e geográficas	86
5.2.13. Mídia e visibilidade	88
5.2.14. Ciência e tecnologia.....	90
5.3. TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE NADADORES OLÍMPICOS E OS FATORES QUE A AFETAM.....	91
6 CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS.....	110

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais um número maior de países vem investindo em pesquisas e abordagens práticas para alcançar o sucesso esportivo internacional (SHIBLI et al., 2013). Para isso, compreender os diversos fatores que influenciam a trajetória de atletas rumo à excelência esportiva torna-se imprescindível.

Diferentes estudos já foram realizados na intenção de investigar os elementos que exercem influência e podem explicar o êxito esportivo alcançado por determinadas nações. Algumas dessas pesquisas têm seu enfoque em encontrar relações entre parâmetros populacionais, socioculturais, econômicas e geográficos dos países (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; MACDONALD, 2010; TOZETTO et al., 2017), outras nas condições de acesso ao esporte e às instalações esportivas (MUSSO; ANDRE; FRANCONI, 2019). Algumas enfocam em como se dá a organização do esporte do país e nas políticas voltadas ao desenvolvimento esportivo (DE BOSSCHER et al., 2006, 2015; DIGEL; BURK; FAHRNER, 2006). Outras ainda na qualidade das relações do atleta em uma esfera mais particular com sua família, treinadores e amigos (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; MACDONALD et al., 2009).

Fato é que o sucesso esportivo é multifatorial e não pode ser explicado e alcançado por um único elemento isoladamente. Assim, visto o elevado número de fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional, há na literatura um modelo que agrupa esses fatores em três níveis de análise, sendo eles: macronível, mesonível e micronível (DE BOSSCHER et al., 2006).

Segundo os autores, o macronível compreende parâmetros pouco influenciados pelo impacto humano, tais como índices populacionais, fatores ambientais e geográficos, a economia e a cultura da nação. O mesonível envolve os modelos de estruturação e de organização do esporte dos países, bem como suas políticas esportivas, os fatores por elas influenciados e o investimento para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento. O micronível, por sua vez, diz respeito às variáveis que influenciam o sucesso de atletas individualmente, levando em consideração as características particulares de cada um, bem como sua trajetória pessoal. Os autores destacam que esses três níveis interagem continuamente e não devem ser analisados de maneira isolada (DE BOSSCHER et al., 2006). Ou seja, para que um país atinja bons resultados esportivos é necessário que os elementos do

macro, meso e micronível estejam inter-relacionados e conectados de modo que se tenha uma espécie de sinergia entre esses contextos (CHELLADURAI, 2009).

Nesse sentido, a Teoria dos Sistemas fornece embasamento para uma melhor compreensão dos elementos sistêmicos que influenciam o desenvolvimento e o sucesso esportivo internacional alcançado por determinados países. Segundo essa teoria, sistemas podem ser definidos como um conjunto formado por elementos inter-relacionados e integrados a fim de alcançar um objetivo comum preestabelecido (CHELLADURAI, 2009; LYLE, 1997; MAZZEI et al., 2020).

Desta forma, cada país deveria possuir um sistema, no qual diferentes organizações, com seus papéis definidos, desenvolveriam os processos de iniciação, aperfeiçoamento e especialização esportiva para que objetivos previamente definidos fossem alcançados com assertividade. Além disso, vale ressaltar que os sistemas esportivos variam de acordo com cada país, visto que sofrem influência do contexto e do ambiente em que estão inseridos (CHELLADURAI, 2009; DE BOSSCHER et al., 2006; LYLE, 1997; MAZZEI et al., 2020).

Outro ponto relevante que tem sido discutido na temática dos sistemas de esporte e nos fatores que levam ao sucesso esportivo é, mais do que construir um sistema em conformidade com as características de cada país, a elaboração de sistemas esportivos que envolvam as particularidades de cada modalidade. Nesse sentido, tem crescido o número de estudos que enfocam essa temática (LI et al., 2020; LIMA, 2020; MAZZEI, 2015). Compreender como cada esporte está organizado na prática contribui para a identificação de novos fatores organizacionais que influenciam o desenvolvimento de atletas de sucesso em cada modalidade esportiva, visto que cada uma possui seu histórico e suas especificidades (BROUWERS; SOTIRIADOU; DE BOSSCHER, 2015).

Deste modo, o enfoque deste estudo está direcionado aos fatores que influenciam o sucesso esportivo da natação dentro do cenário brasileiro. A natação é um dos esportes mais antigos e tradicionais, sendo uma das poucas modalidades que nunca estiveram ausentes do programa oficial de qualquer edição dos Jogos Olímpicos de Verão (IOC, 2020). Neste esporte, o Brasil estreou nos Jogos Olímpicos da Antuérpia em 1920. Dentre as 29 edições já realizadas dos Jogos Olímpicos, o Brasil esteve presente em 23 destas, e em 22 delas participou na modalidade da natação, contando com um número total de 188 nadadores (BUENO; MAZZEI; BASTOS, 2022; COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2021). Além disso, a natação brasileira está entre as modalidades que mais conquistaram medalhas para o

país em Jogos Olímpicos, contando com um total de 16 medalhas, sendo uma de ouro (WORLD AQUATICS, 2023).

Entretanto, mesmo com este histórico de conquistas da natação do Brasil, é comum observar a comunidade aquática se questionando “o que é necessário para a natação brasileira alcançar resultados ainda mais expressivos?”; ou ainda “o que falta à natação de alto rendimento do Brasil?”. Enquanto ex-nadadora, profissional que atua diretamente com a natação e pesquisadora da modalidade, noto um certo sentimento de insatisfação por parte do público envolvido com a natação brasileira no que diz respeito ao avanço da modalidade ao longo dos últimos anos. Apesar de alguns bons resultados individuais conquistados por determinados nadadores, o sentimento é de que o coletivo não avança da maneira que deveria (e poderia) avançar.

Nesse sentido, estudos realizados na última década buscaram analisar a estrutura, a organização e os programas realizados para o desenvolvimento da natação, sobretudo no estado de São Paulo (o maior polo da modalidade no país) (BUENO et al., 2020; MEIRA, 2011; MEIRA; BASTOS; BOHME, 2015). Os resultados obtidos por Meira (2011) e Meira, Bastos e Bohme (2015) apontam algumas falhas de direcionamento por parte da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) às federações estaduais e demais entidades estaduais e municipais quanto aos objetivos e ações traçadas para a natação brasileira, o que acarreta na realização de ações desconexas por parte dos clubes e federações, e sem sustentação a longo prazo (MEIRA, 2011; MEIRA; BASTOS; BOHME, 2015).

Assim, há consenso entre esses autores que é importante que fatores contextuais, organizacionais e administrativos da modalidade sejam identificados e analisados a fim de que a natação brasileira alcance resultados esportivos internacionais cada vez mais expressivos e atrelados a uma gestão eficiente e profissional da modalidade. Para tanto, são necessários estudos que forneçam dados consistentes a respeito dos vários fatores que têm influenciado o desenvolvimento esportivo dos nadadores ao longo dos anos e, conseqüentemente, o sucesso esportivo alcançado pelo Brasil.

Portanto, tendo como base o contexto e a problemática apresentados, chega-se à questão norteadora desta pesquisa: Quais são os fatores que levam ao sucesso esportivo internacional da natação brasileira de alto rendimento? Para tanto, analisar as trajetórias esportivas de nadadores de sucesso pode fornecer uma visão mais fidedigna de quais são os fatores que influenciam o desempenho esportivo dos nadadores olímpicos brasileiros. Assim, torna-se possível fornecer um direcionamento mais claro às organizações esportivas

encarregadas do desenvolvimento da modalidade no país quanto às medidas que devem ser adotadas visando o avanço da natação brasileira.

2 OBJETIVO(S)

Tendo como base a questão norteadora desta pesquisa, foi definido como objetivo geral: identificar os fatores que influenciam o sucesso esportivo de nadadores olímpicos brasileiros por meio da percepção dos(as) próprios(as) nadadores(as) e da análise de suas trajetórias esportivas.

Deste objetivo geral decorrem outros três objetivos específicos que fornecem subsídios para sua execução. Os objetivos específicos visam compreender alguns fatores de macro, meso e micronível e as influências que eles provocam no desenvolvimento e sucesso esportivo dos nadadores:

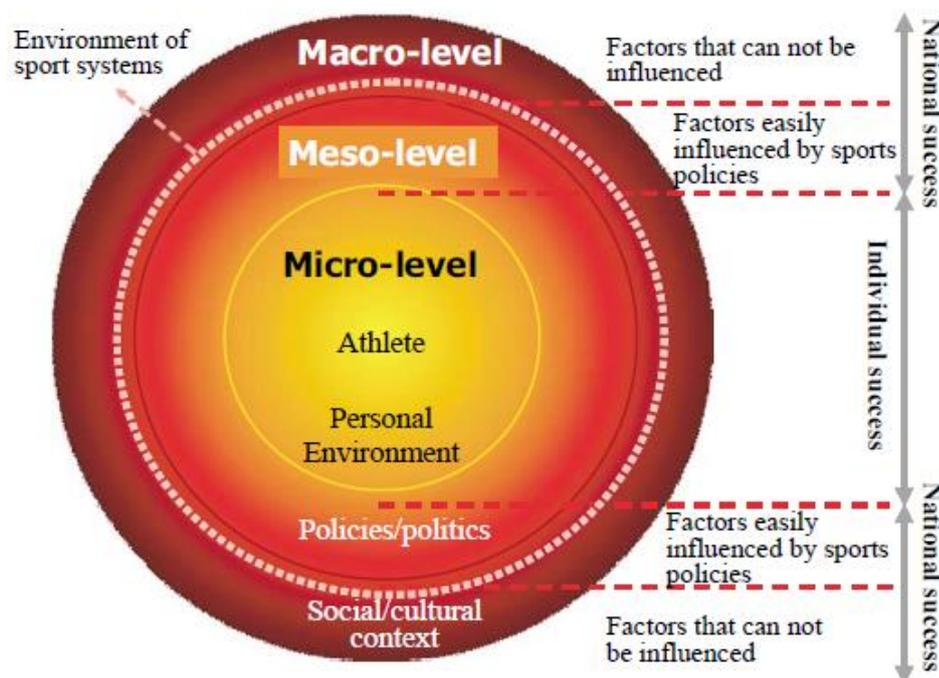
- Traçar relações entre o sucesso esportivo e o perfil populacional e socioeconômico das cidades onde se deu o desenvolvimento esportivo dos nadadores;
- Identificar fatores organizacionais da natação brasileira e de políticas esportivas que influenciam a formação e o desenvolvimento de nadadores de sucesso no Brasil;
- Mapear e analisar a trajetória esportiva de nadadores olímpicos brasileiros, identificando fatos particulares e específicos que afetaram seu desenvolvimento esportivo.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura apresenta estudos que se debruçaram sobre a temática dos fatores capazes de influenciar o sucesso esportivo internacional, abordando tanto aspectos populacionais, geográficos e socioeconômicos dos países, quanto fatores políticos, estruturais e organizacionais do esporte, bem como questões particulares dos atletas, como família, treinadores, colegas, etc.

Assim, a fim de organizar essa vasta gama de fatores e de facilitar a análise dos mesmos, eles foram divididos e agrupados em categorias seguindo a proposta de De Bosscher et al. (2006) que, por sua vez, apresenta aproximações com a abordagem bioecológica de Bronfenbrenner (1979). O modelo proposto por De Bosscher et al. (2006) considera esses diversos elementos em 3 grandes grupos, denominados em macronível (1), mesonível (2) e micronível (3) (Figura 1) (DE BOSSCHER et al., 2006).

Figura 1 – Modelo que apresenta a relação entre fatores capazes de determinar o sucesso esportivo



Fonte: De Bosscher et al. (2006, p. 187)

O macronível compreende o contexto sociocultural, político-econômico, populacional e geográfico de determinado território. O mesonível envolve as Políticas Públicas como um todo, incluindo as Políticas Públicas de Esporte. Já o micronível corresponde aos fatores particulares de cada indivíduo tais como família, amigos, treinadores, dentre outros. Além

desses três níveis, os autores também atentam para uma zona de sobreposição entre o macro e o mesonível denominada “Sistema Esportivo” – representada na Figura 1 pelo círculo tracejado. Essa zona intermediária indica onde as Políticas Públicas em Esporte são desenvolvidas e, naturalmente, acabam interagindo com outros sistemas tais como o sistema educacional e de saúde, além de sofrer influências do setor privado, mídia de massa e da cultura esportiva local (DE BOSSCHER et al., 2006). Assim, esse modelo serviu de base para nortear essa revisão de literatura, abordando cada um desses níveis detalhadamente a fim de gerar uma maior compreensão a respeito dos fatores capazes de influenciar o sucesso esportivo internacional das nações.

3.1. SUCESSO ESPORTIVO

Cada vez mais têm sido desenvolvidos estudos que tem como objetivo compreender os elementos que levam ou que potencializam o sucesso esportivo de países. O sucesso esportivo, porém, não é um conceito fechado e com uma definição única, ele pode compreender diversos parâmetros. As medidas mais comuns para se mensurar o desempenho esportivo internacional incluem a classificação dos países no quadro geral de medalhas e o número total de medalhas conquistadas em grandes competições esportivas (SHIBLI et al., 2013).

Entretanto, apenas uma minoria de nações obtém medalhas em Jogos Olímpicos ou outros campeonatos internacionais, e seria equivocado dizer que os demais países não alcançam o sucesso esportivo apenas por não estarem entre as nações mais medalhadas. Nesse sentido, Shibli et al. (2013) atentam para o fato de que o sucesso esportivo é relativo e varia conforme a realidade e o contexto em que cada país está inserido, assumindo significados distintos e, portanto, sendo necessário diferentes parâmetros para mensurá-lo.

Com isso, outros parâmetros começam a ser utilizados a fim de mensurar o sucesso esportivo tais como o número de atletas classificados para participar dos Jogos Olímpicos (ou outros eventos internacionais), o melhor desempenho do país em uma temporada ou melhor desempenho pessoal de um atleta; o número de vagas conquistadas nas semifinais e/ou finais; recordes nacionais ou internacionais obtidos (SHIBLI et al., 2013).

Outro parâmetro, advindo do ramo empresarial e menos utilizado no contexto esportivo, mas que também pode ser utilizado para mensurar o sucesso esportivo, é o chamado *market share*, ou ‘participação de mercado’. Esse conceito possibilita o cálculo de

quantos pontos foram ganhos em proporção ao total de pontos disponíveis (DE BOSSCHER et al., 2008a). Segundo De Bosscher et al. (2007), todos esses métodos acima citados se mostram altamente correlacionados ($r_s > 0,8$).

Dentre esses diversos parâmetros usados para mensurar o sucesso esportivo, nesse estudo serão adotados: (1) o número de atletas classificados para participar dos Jogos Olímpicos de Verão na modalidade natação e, especialmente, (2) o número de atletas que conquistaram ao menos uma vaga para a semifinal e / ou final dos Jogos Olímpicos, seja em provas individuais ou de revezamento.

3.2. MACRONÍVEL

Conforme proposto por De Bosscher et al. (2006), o macronível se concentra em elementos relacionados ao contexto sociocultural da população de determinada região, englobando fatores tais como o tamanho da população, índices econômicos e de desenvolvimento humano, além de condições geográficas e climáticas. Segundo os autores, aproximadamente 50% do sucesso esportivo internacional poderia ser explicado por tais fatores, enquanto os outros 50% estariam relacionados com elementos presentes sobretudo no mesonível e também no micronível (DE BOSSCHER et al., 2006).

Entretanto, tem se observado que o impacto dos fatores de macronível em relação ao sucesso esportivo vem diminuindo com o decorrer dos anos, visto que os países têm investido cada vez mais em estratégias relacionadas ao mesonível para o desenvolvimento de atletas de sucesso (DE BOSSCHER et al., 2009). Porém, visto que grande parte do sucesso esportivo ainda é influenciado por fatores de macronível, compreendê-los e analisá-los torna-se peça fundamental para o entendimento do êxito esportivo dos países, muito embora não seja possível provocar alterações significativas em tais parâmetros por meio de ações humanas em curto e médio prazo.

Alguns estudos que têm se debruçado sobre essa temática buscam compreender o perfil do local de nascimento dos atletas e a propensão ao sucesso esportivo. A pesquisa de Curtis e Birch (1987), umas das pioneiras na temática, associou o número de habitantes das cidades natais e a probabilidade de jogadores de hóquei no gelo do Estados Unidos alcançarem altos níveis esportivos. Os resultados apontam que jogadores são mais propensos a atingir o sucesso esportivo quando são provenientes de cidades com até 500.000 habitantes (CURTIS; BIRCH, 1987).

Em contrapartida, há outros estudos realizados nos Estados Unidos que indicam que atletas de elite de outras modalidades (basquete, beisebol e golf) tendem a ser provenientes de cidades menores ainda (CÔTÉ et al., 2006). Por sua vez, um estudo realizado por Baker et al. (2009) traçou comparativos entre Reino Unido, Estados Unidos, Canadá e Alemanha, e identificou que o índice populacional ideal para produzir atletas olímpicos varia muito de país para país, de contexto para contexto, evidenciando que não há um padrão único de número populacional e cidades para a formação de atletas de elite.

Nesse sentido, devido às diferenças encontradas entre os países, autores apontam para necessidade de se atentar não somente à análise do número de habitantes, mas também envolver a densidade populacional das cidades e regiões, dentre outros fatores. Baker et al. (2009) afirmam que a densidade populacional contribui para o entendimento de como fatores contextuais afetam as características individuais do desenvolvimento humano, uma vez que reflete o uso dos recursos disponíveis e específicos, tais como o acesso às instalações e programas esportivos, além de recursos para o desenvolvimento esportivo.

Embora ainda sejam incipientes, pesquisas também apontam que, conforme o país, diferentes densidades populacionais são mais propensas a desenvolver atletas de elite e chamam a atenção para que as especificidades e necessidades de cada modalidade sejam consideradas (HANCOCK et al., 2018; ROSSING et al., 2016). Assim, a densidade populacional parece seguir o mesmo padrão encontrado para o número de habitantes, isto é, há indícios de que não há um perfil único e preferido para a formação de atletas de sucesso ao redor do mundo, reforçando que esses parâmetros devem ser analisados a partir do contexto de cada país e de cada modalidade esportiva.

Ainda dentro desta temática do perfil do local de nascimento, além de analisar o número de habitantes e a densidade demográfica, há estudos que buscaram traçar relações entre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e níveis econômicos (representados pelo Produto Interno Bruto – PIB) com a participação esportiva e o sucesso esportivo obtido pelos países (BREUER; HALLMANN; WICKER, 2011; DA COSTA; CARDOSO; GARGANTA, 2013; GOMES-SENTONE et al., 2019). Um estudo analisou os países que obtiveram pelo menos uma medalha nos Jogos Olímpicos de Sydney 2000 e concluiu que, além do tamanho da população, o PIB *per capita* e o IDH estão fortemente relacionados com a obtenção de medalhas nos Jogos (JAYANTHA; UBAYACHANDRA, 2015).

Um outro exemplo de estudo, este realizado na modalidade atletismo (nas provas de 100m e 10km), utilizou do Ranking Mundial de Atletismo composto por mais de 5000 atletas

de 99 nacionalidades distintas, para analisar a relação entre IDH e resultados esportivos. Os resultados indicam que, para os 100m, há uma prevalência de corredores provenientes de países com IDH muito elevado e elevado. Já para os 10km foi observada uma maior prevalência de países com IDH moderado e baixo (SANTOS et al., 2019b). Esses dados indicam, portanto, que tais parâmetros também devem ser analisados de maneira específica para cada país e modalidade esportiva.

No cenário brasileiro, ainda são escassos os estudos que buscam analisar os fatores que podem influenciar o sucesso esportivo, inclusive no que diz respeito aos elementos do macronível, como o local de nascimento dos atletas. Entretanto, uma pesquisa realizada com atletas brasileiros medalhistas olímpicos (participantes dos Jogos de Sydney 2000 até o Rio 2016) identificou que a maioria deles provém de cidades da região Sudeste, seguido da região Sul, cidades com elevado número de habitantes e com médio Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) (TOZETTO et al., 2017). Esse estudo, porém, não buscou identificar a densidade populacional das cidades natais e, ao mesmo tempo, não realizou uma análise de cada modalidade particularmente. Um outro estudo analisou, dentre outros fatores, o local de nascimento dos medalhistas olímpicos brasileiros dos Jogos de Tóquio 2020. Os resultados indicam que a maioria desses nasceu na região Sudeste, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, seguidos pelos que nasceram na região Nordeste (THUANY et al., 2021).

Ainda considerando o cenário brasileiro, há pesquisas que buscam analisar tais elementos em modalidades esportivas específicas. Uma dessas se debruçou sobre o futebol, analisando o local de nascimento dos jogadores que disputaram o Campeonato Brasileiro Série A de 2010. Os resultados sugerem que aqueles nascidos em cidades com taxas populacionais inferiores a 100 mil habitantes, com IDHM entre 0,501 e 0,800 apresentam maiores chances de atingir a elite (DA COSTA; CARDOSO; GARGANTA, 2013). Já um estudo que teve por base a ginástica artística aponta maiores chances de sucesso para os ginastas nascidos em cidades com número de habitantes médio (100.001 a 500.000) e com densidade populacional elevada (acima de 2.700 hab./km²) (CAETANO et al., 2020).

De modo particular no contexto da natação brasileira, Gomes-Sentone et al. (2019) reiteraram que o IDH pode ser utilizado como ferramenta para a identificação de nadadores com chances de atingir um desempenho profissional. Os autores identificaram que cidades brasileiras com IDHM elevado, bem como parâmetros relativos à renda e à escolaridade, proporcionaram maiores chances de sucesso para atletas de natação de nível competitivo.

Já em um estudo mais recente de autoria própria, foram analisados os perfis populacionais e socioeconômicos das cidades natais dos nadadores brasileiros participantes do Jogos Olímpicos, desde a edição de Antuérpia 1920 até Rio 2016 (BUENO et al., 2020). Nesse estudo foi identificado que a maioria dos atletas provém predominantemente de cidades pertencentes à região Sudeste do país, com elevado número de habitantes (superior à 5.000.000), alto índice de densidade populacional (superior a 1.800 hab./km²); alto IDHM (superior a 0,700), e elevadas taxas de PIB *per capita* (superiores a R\$ 48.500,00) (BUENO et al., 2020). Assim, com base nesses dados, pode-se considerar que a natação de alto rendimento no Brasil é um esporte praticado por indivíduos nascidos em grandes cidades e com índices econômicos e de desenvolvimento humano relativamente elevados.

3.3. MESONÍVEL E A ESTRUTURAÇÃO DE SISTEMAS ESPORTIVOS

O mesonível compreende as políticas em prol do esporte, bem como os fatores facilmente influenciados por tais políticas (DE BOSSCHER et al., 2006). Observa-se que na Figura 1 os autores utilizam dois termos para se referir a essas políticas, o *policies* e o *politics* que, ao traduzir para o português, ambos acabam se tornando “política”. Na língua portuguesa, o termo “política” apresenta uma terminologia vasta e abrangente, que engloba as instituições (partidos políticos e órgãos governamentais), os agentes (políticos e gestores) e o desenvolvimento das ações (programas e projetos) – ou seja, engloba todas as ações do ato de governar (MEZZADRI, 2014). Porém, no campo da ciência política, cada uma dessas dimensões recebe um termo. Segundo Frey (1999), para designar os conteúdos concretos das políticas, isto é, os programas e os conteúdos materiais das decisões políticas emprega-se o termo *Policy* (*policies*). Já o termo *Politics* diz respeito aos agentes e aos processos políticos, frequentemente de caráter conflituoso, no que tange à imposição de objetivos e às tomadas de decisões. Há ainda o termo *Polity* (*polities*) que se refere às instituições políticas e à estrutura institucional do sistema político-administrativo (FREY, 1999). Assim, embora tais elementos se constituam separadamente com uma lógica própria, há uma articulação entre eles. Compreender como esses elementos se relacionam e agem sobre o processo de elaboração das ações de um governo é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas mais assertivas (HAM; HILL, 1993).

Nesse sentido, no contexto esportivo, as políticas desenvolvidas acabam por determinar, seja parcial ou totalmente, diversos fatores do mesonível. Ao considerar os

inúmeros elementos atrelados ao sucesso esportivo, os fatores do mesonível são os únicos capazes de serem influenciados e modificados através de ações políticas e programas de esporte (DE BOSSCHER et al., 2006). Com isso, alguns estudos começaram a ser realizados a fim de gerar maior elucidação a respeito de quais são os elementos que sofrem influência das políticas esportivas e em que medida tais elementos explicam o sucesso esportivo alcançado pelos países (CHELLADURAI, 2009; CLUMPNER, 1994; DE BOSSCHER et al., 2007; DIGEL, 2002; GREEN; HOULIHAN, 2005; GREEN; OAKLEY, 2001; LAROSE; HAGGERTY, 1996).

Dentre as pesquisas realizadas, há aquelas que buscaram traçar comparativos entre os modelos de estruturação e organização dos sistemas de esporte em diversos países, identificando as políticas e ações desenvolvidas (CLUMPNER, 1994; DIGEL, 2002; GREEN; HOULIHAN, 2005; GREEN; OAKLEY, 2001; LAROSE; HAGGERTY, 1996). Uma característica chave desses estudos foi a busca por similaridades e diferenças entre os sistemas de esporte das nações.

Há pesquisas pioneiras nessa área que buscaram analisar a estruturação do esporte nos antigos estados comunistas (BROOM, 1991; DOUYIN, 1988; SEMOTIUK, 1990). Outros estudos mais recentes foram desenvolvidos e analisaram os sistemas de esporte de diversos países (Austrália, Reino Unido, França, Espanha, Alemanha, Itália, Estados Unidos, Canadá, China e Rússia) (DIGEL, 2002; GREEN; HOULIHAN, 2005; GREEN; OAKLEY, 2001).

É relevante observar que apesar dos países analisados estarem em estágios distintos do desenvolvimento de seus sistemas de esporte, os achados desses estudos apontaram grandes semelhanças entre as políticas esportivas adotadas pelos países orientais e ocidentais. Essa crescente tendência dos países em desenvolver estratégias e políticas esportivas cada vez mais similares pode ser explicada por um processo geral de globalização, conforme apontado por Oakley e Green (2001). Dentre as principais características identificadas pelos autores nos sistemas de esporte desses países estão:

1. Uma compreensão clara sobre o papel dos diferentes órgãos envolvidos e uma rede de comunicação eficaz que mantém o sistema;
2. Simplicidade de administração por meio de fronteiras esportivas e políticas comuns;
3. Um sistema eficaz de identificação estatística e monitoramento do progresso de atletas talentosos e de elite;
4. Prestação de serviços desportivos para criar uma cultura de excelência em que todos os membros da equipe (atletas, treinadores, dirigentes, cientistas) possam interagir uns com os outros de modo formal e informal;

5. Programas competitivos bem estruturados com exposição internacional contínua;
 6. Instalações bem desenvolvidas e específicas com acesso prioritário para atletas de elite;
 7. O direcionamento de recursos para um número relativamente pequeno de esportes através da identificação daqueles que têm uma chance real de sucesso em nível mundial;
 8. Planejamento abrangente para as necessidades de cada esporte;
 9. Um reconhecimento de que desenvolver excelência tem custos, com financiamento adequado para infraestrutura e pessoas;
 10. Apoio ao estilo de vida e preparação para a vida após o esporte.
- (GREEN; OAKLEY, 2001, p. 256).

Ainda que esses estudos tenham gerado grandes avanços acerca da temática dos sistemas esportivas e modelos de estruturação do esporte a nível nacional, fazendo emergir diversos fatores chave a serem desenvolvidos nas políticas de esporte dos países, esses estudos não apresentaram um modelo que permitisse avaliar e comparar o nível de desenvolvimento de cada um desses fatores em cada nação.

Visto isso, De Bosscher et al. (2006) objetivaram criar um modelo que contivesse uma categorização de fatores de políticas esportivas capazes de influenciar o alcance do sucesso esportivo internacional. A partir da elaboração desse modelo seria possível realizar uma comparação mais detalhada e realista entre os sistemas de esporte e ações desenvolvidas por cada país. O modelo criado se intitula SPLISS (*Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success*), e foi construído pautando-se em nove pilares (Figura 2).

Figura 2 – Modelo SPLISS



Fonte: Böhme; Bastos (2016, p. 21)

O SPLISS é baseado em modelos “entrada-processo-saída”, muito comuns na área do planejamento estratégico. As entradas dizem respeito aos materiais (como por exemplo, as instalações esportivas) e aos recursos humanos e financeiros necessários para o alcance dos objetivos traçados. Já os processos envolvem todas as ações, projetos e políticas empregadas para atingir tais objetivos, que envolvem desde o planejamento, organização, controle e avaliação desses procedimentos. As saídas, por sua vez, representam a efetividade dos recursos despendidos e das ações realizadas, mensuradas conforme o objetivo de cada sistema esportivo, podendo ser o número de medalhas obtidas, a quantidade de atletas de elite formados, o aumento da prática esportiva, entre outros.

Assim, para a elaboração de um sistema esportivo eficiente é necessária a integração de todos os elementos representados por esses grupos (CHELLADURAI, 2009). No caso do SPLISS, segundo De Bosscher et al. (2016, p. 49) “o foco tem mudado cada vez mais de um simples relacionamento de entrada e saída para a investida em uma mistura de pilares ou dimensões políticas, os processos, cujo objetivo é transformar as entradas nas saídas desejadas”.

A base deste modelo é sustentada pela entrada de recursos financeiros (Pilar 1) e a aplicação destes recursos na Governança, Organização e Estrutura de Políticas para o Esporte (Pilar 2). Segundo o SPLISS, tais recursos (Pilar 1), também devem ser direcionados e aplicados em 7 processos: participação esportiva e esporte de base (Pilar 3), identificação e desenvolvimento de talentos (Pilar 4), suporte para atletas e pós-carreira (Pilar 5), instalações esportivas (Pilar 6), desenvolvimento e suporte para técnicos (Pilar 7), competições nacionais e internacionais (Pilar 8) e pesquisa científica (Pilar 9).

Estes pilares são avaliados a partir de uma série de indicadores específicos para cada um deles, os chamados Fatores Críticos de Sucesso (FCSs). Ao todo são 96 FCSs, fundamentais para a avaliação de cada pilar, permitindo identificar quais das nove dimensões (pilares) precisam ser otimizadas. Portanto, o modelo SPLISS não apenas apresenta “o que” caracteriza políticas bem-sucedidas para o esporte de alto rendimento, mas também “como” essas diferentes dimensões podem ser desenvolvidas (DE BOSSCHER et al., 2008b).

Além desses nove pilares, os autores do modelo chamam a atenção para a influência da mídia, bem como a de patrocinadores e a do contexto político-cultural de um país. Esses elementos, embora não componham os pilares do modelo, também são extremamente relevantes para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento e, portanto, não podem ser desconsiderados. Esses fatores compõem o chamado “ambiente do esporte de elite” e podem ser vistos como um décimo pilar do modelo:

Este ambiente inclui, por exemplo, o papel que um sistema educacional nacional pode desempenhar, a influência do setor privado como parceiro do esporte, o papel dos meios de comunicação social como promotores (ou dificultadores) dos interesses do esporte e as atitudes da população em geral como propagadoras de performances esportivas a nível mundial. Poderíamos identificar esses fatores como o ‘Pilar 10’ do modelo SPLISS (DE BOSSCHER et al., 2015, p. 50, tradução nossa)

O SPLISS buscou abarcar em um único modelo características que se mostram comuns e frequentes em diversos contextos e estudos. Porém, como em qualquer outro modelo teórico, o modelo apresenta limitações. Conforme indicado pelos próprios autores do modelo, embora ele tenha como objetivo fornecer uma visão geral dos principais fatores de política esportiva que são importantes para o sucesso internacional, sua função não é determinista; ao contrário, ele visa identificar aspectos centrais e gerar questões cruciais para estudos acerca dos sistemas de esportes de elite (DE BOSSCHER et al., 2006). Além disso, tais limitações não invalidam a análise baseada na abordagem SPLISS, apenas destacam os limites das alegações que podem ser feitas com base neste modelo (HENRY et al., 2020).

O modelo foi aplicado pela primeira vez em 2008 em um estudo comparativo das políticas esportivas de seis países (Bélgica, Canadá, Holanda, Itália, Noruega e Reino Unido) (DE BOSSCHER et al., 2008). A partir dessa primeira publicação, pesquisadores lançaram o SPLISS 2.0, que teve por objetivo comparar as políticas esportivas de 15 países: Austrália, Bélgica, Brasil, Canada, Coréia do Sul, Dinamarca, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Holanda, Irlanda do Norte, Japão, Portugal e Suíça (DE BOSSCHER et al., 2015). A partir dessas publicações, o modelo passou a ser frequentemente discutido em eventos e encontros científicos internacionais.

No Brasil, o modelo SPLISS foi aplicado neste estudo sobre as políticas de esporte no país (BOHME; BASTOS, 2016) em nível nacional, como parte do consórcio que levou a comparação entre países (DE BOSCHER et al., 2015). Bohme e Bastos (2016) apresentam os resultados desse estudo posterior, aplicando o SPLISS no país e suas regiões, que revelaram pontos cruciais para o desenvolvimento esportivo no Brasil, dentre eles o que se refere ao Pilar 6 – Instalações esportivas (MAZZEI; AMARAL, 2016) e ao Pilar 8 – Competições nacionais e internacionais. (MAZZEI; SILVA JÚNIOR, 2016).

Deste modo, evidencia-se que, diferentemente de outras propostas, o SPLISS não é apenas um modelo conceitual. Devido aos seus procedimentos metodológicos bem descritos, é possível que novas pesquisas utilizando o modelo possam ser replicadas. Assim, visto que o SPLISS tem sido amplamente utilizado tanto na literatura sobre a avaliação da performance no esporte de alto rendimento (SHIBLI et al., 2013) quanto em aplicações práticas, em estudos de modalidades como o Tênis, o Judô e a Ginástica Artística (LI et al., 2020; LIMA, 2020; MAZZEI, 2015), ele servirá como base teórica para dar fundamentação a esse estudo.

O modelo também será empregado para atingir o objetivo específico de identificar os fatores organizacionais e de gestão que influenciam a formação e o desenvolvimento de nadadores de sucesso no cenário brasileiro. Com base nos pilares deste modelo espera-se identificar os principais fatores de mesonível que têm influenciado os resultados esportivos da natação brasileira, indicando quais destes fatores têm sido bem desenvolvidos e quais ainda são passíveis de melhora.

3.4. MICRONÍVEL

O micronível é composto por elementos relacionados à trajetória de desenvolvimento esportivo particular de cada atleta, tais como características genéticas e o ambiente imediato

que o envolve, como treinadores, familiares e amigos (DE BOSSCHER et al., 2006). Nesse sentido, abordagens ecológicas vêm ganhando espaço na literatura, as quais enfocam na integração entre o desenvolvimento do atleta e o ambiente direto que o cerca, buscando identificar elementos capazes de influenciar a permanência no esporte e o sucesso esportivo a longo prazo (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2011).

Nesse sentido, um elemento que deve ser levado em consideração é quanto à variedade de práticas esportivas realizadas pelo atleta sobretudo no início de sua trajetória esportiva, e o modo com que se dão os processos de iniciação, aperfeiçoamento e especialização esportiva. Estudos indicam que para um ótimo desenvolvimento no esporte, nos anos iniciais da trajetória esportiva a diversidade de práticas deve preceder a especialização no esporte, e que as brincadeiras espontâneas devem ser priorizadas em relação às atividades práticas estruturadas durante a infância (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022; CÔTÉ et al., 2009; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Esses elementos irão favorecer o engajamento com a prática esportiva para toda a vida, seja na rota do esporte de participação (mais voltado ao lazer) ou do rendimento (mais voltado à carreira esportiva) (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022).

Outro fator do ambiente imediato que envolve o atleta que exerce grande influência no seu desenvolvimento esportivo a longo prazo é a qualidade dos relacionamentos deste com seus familiares, treinadores, colegas de equipe, etc. No início da trajetória esportiva, o relacionamento da criança com a família é determinante pois os familiares são os responsáveis por incentivar e oportunizar a prática diversificada. Com o avanço do processo de desenvolvimento esportivo, o relacionamento do atleta com seus pares e colegas de treinamento ganha mais relevância, pois é nessa fase que se constrói o sentimento de pertencimento a um grupo social e, conseqüentemente, o desejo de permanecer no ambiente esportivo. Nessa etapa a boa relação com os treinadores também passa a ser fundamental, pois são eles os responsáveis por apresentar o esporte como uma experiência positiva e inclusiva. A construção de um relacionamento saudável e positivo com treinadores e pares se torna essencial, visto que com o avanço da trajetória esportiva, os atletas tendem a passar cada vez mais tempo, durante muitos anos, na companhia desses indivíduos (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Especificamente na natação brasileira, o estudo de Ferreira et al. (2012) buscou analisar o contexto de desenvolvimento de nadadores medalhistas olímpicos. Com relação ao

apoio familiar, o estudo identificou que nos anos iniciais da prática esportiva o apoio dos pais se deu sobretudo na parte financeira, na motivação para permanecer na modalidade, e no comprometimento com a carreira e a prática esportiva. No ápice da carreira esportiva, o apoio dos pais foi sobretudo motivacional, visto que o apoio financeiro oriundo da família já não esteve mais presente nessa etapa da trajetória esportiva dos nadadores (FERREIRA et al., 2012). Já no que diz respeito aos treinadores, os nadadores do estudo apontam que as principais características dos seus treinadores nos anos iniciais da prática esportiva era a capacidade de transformar a prática em prazer e diversão. Já nos estágios seguintes da formação esportiva, a característica principal dos treinadores foi a seriedade e a disciplina. E, por fim, a principal característica dos treinadores responsáveis pela conquista da medalha olímpica foi a excelência e o conhecimento aprofundado do esporte (FERREIRA et al., 2012).

O micronível também engloba as características genéticas e de personalidade dos atletas que tendem a favorecer o alcance de resultados esportivos mais expressivos que os demais indivíduos. No senso popular é muito comum de se ouvir que determinado atleta possui “talento” ou “dom” para aquele esporte, numa tentativa simplista de explicar que há indivíduos que demonstram ter uma dada facilidade para desempenhar algum tipo de função e que todo êxito obtido é decorrente dessas características inatas. A ciência, por sua vez, busca identificar quais características físicas, biológicas e psicológicas determinam um talento esportivo, pautando-se no pressuposto de que há indivíduos que conseguem desenvolver certas habilidades com maior facilidade que os demais, ainda que estejam em condições adversas de ensino e treinamento.

Com relação aos parâmetros antropométricos, estudos apontam que nadadores de alto rendimento mais propensos a alcançar resultados expressivos têm como características uma estatura alta e magra, com elevados valores de comprimento e superfície dos segmentos corporais (antebraços, mãos, pés e pernas), com uma porcentagem de gordura corporal normalmente entre 8 e 15% (mais alta quando comparada a atletas de rendimento de outras modalidades esportivas, visto que um maior percentual de gordura corporal pode ser vantajoso para ter uma maior flutuabilidade, o que leva a um menor gasto energético para nadar) (FERNANDES; BARBOSA; VILAS-BOAS, 2002; NAGAOKA et al., 2008; SHARP, 2000).

Assim, é evidente que não há como desconsiderar esses fatores ao analisar o desenvolvimento de atletas de sucesso, embora seja difícil de mensurar e quantificar o impacto que esses elementos de micronível exercem no alcance do sucesso esportivo. Além

disso, ressalta-se mais uma vez que, conforme indicado por De Bosscher et al. (2006), não há como dissociar os elementos de micronível, mesonível e macronível.

3.5. TRAJETÓRIA DE DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO

A fim de se compreender como os fatores de macro, meso e micronível geram influência na trajetória esportiva de atletas de sucesso, faz-se necessário um olhar mais aprofundado e longitudinal quanto aos processos e etapas de desenvolvimento esportivo dos mesmos (GULBIN et al., 2013). Observa-se que muitas avaliações longitudinais dos processos de desenvolvimento esportivo estão pautadas no modelo piramidal, isto é, que compreende os anos de iniciação, especialização e rendimento (BALYI; HAMILTON, 2004; LAND; LIGHT, 2010). Entretanto, apesar da popularidade dessas avaliações, tais abordagens não representam com exatidão a totalidade dos processos de desenvolvimento esportivo de atletas (BROUWERS; SOTIRIADOU; DE BOSSCHER, 2015).

Cada vez mais tem sido reconhecida a necessidade de abordagens mais extensas e detalhadas, capazes de promover um entendimento mais refinado a respeito dos processos e transições do desenvolvimento esportivo de atletas de elite, englobando inclusive as trajetórias ‘não normativas’ (GULBIN et al., 2013). As transições esportivas não normativas são aquelas que ocorrem de modo inesperado, sem que tenham sido planejadas e sistematizadas (como lesões, mudanças de cidade, etc) (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022).

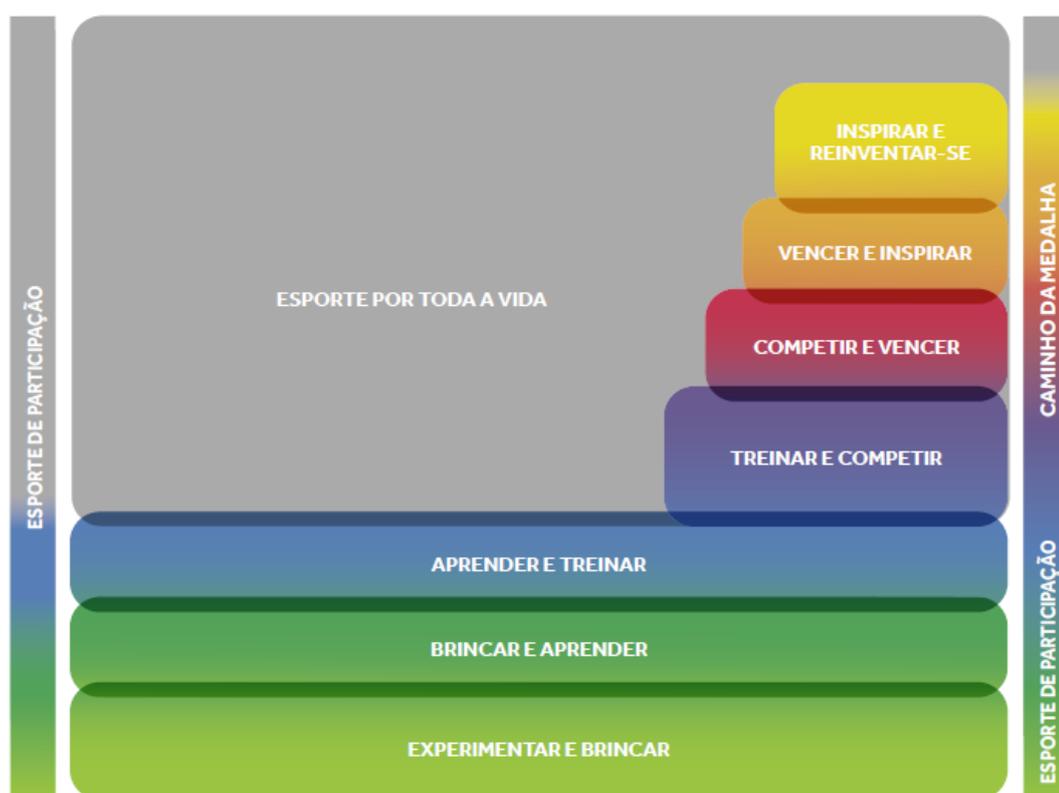
Assim, para uma abordagem mais abrangente e aprofundada é necessário ir além do enfoque dado por modelos que se pautam exclusivamente nas etapas de iniciação, especialização e rendimento esportivo. É evidente que a trajetória esportiva de cada atleta está sujeita a muitos outros fatores que vão para além de aspectos técnicos e de treinamento, tais como a influência de políticas esportivas, investimentos financeiros, condições de acesso às instalações esportivas, dentre outros.

Deste modo, torna-se imprescindível que sejam incorporadas perspectivas organizacionais da gestão do esporte a esses modelos, que abordem de que modo as organizações esportivas influenciam e podem colaborar com o desenvolvimento de atletas em diferentes estágios de carreira esportiva (BROUWERS; SOTIRIADOU; DE BOSSCHER, 2015). “Nesse conjunto de fatores associados ao desenvolvimento holístico de atletas, clubes e confederações devem ser parceiros e prover suporte para que atletas possam identificar as

demandas das diferentes transições, assim como as barreiras em potencial a serem enfrentadas” (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022, p. 34).

Partindo desse pressuposto, o Comitê Olímpico do Brasil desenvolveu um modelo brasileiro de desenvolvimento esportivo intitulado Caminho de Desenvolvimento de Atletas (CDA), composto por sete etapas que envolvem a trajetória esportiva de atletas, desde a iniciação até o pós-carreira (Figura 3). Esse modelo é constituído por duas rotas: após a iniciação esportiva, ou o indivíduo pode seguir seu desenvolvimento no sentido do esporte de participação, ou ele pode seguir para o esporte de rendimento. O enfoque do CDA está justamente nessa rota rumo ao rendimento, intitulada de Caminho da Medalha.

Figura 3 – Caminho de Desenvolvimento de Atletas (CDA)



Fonte: Comitê Olímpico do Brasil (2022, p. 38)

O CDA apresenta detalhadamente os objetivos esperados em cada etapa, as idades ideais em que cada fase deveria ocorrer e as características de treinamento e competição em cada uma das sete etapas. Por se tratar de um modelo holístico, ele destaca ainda três dimensões que sustentam o CDA: a pessoa, o esporte e a gestão. A combinação equilibrada dessas três dimensões dentro de um programa de desenvolvimento em longo prazo tende a sustentar carreiras esportivas mais bem-sucedidas.

A dimensão da pessoa engloba os elementos físicos, psicológicos e sociais (incluindo demandas acadêmicas e laborais) de cada atleta que acessa o sistema; a dimensão do esporte relaciona os elementos relativos às características ou demandas esportivas no treino e competição, assim como valores vividos no esporte nas diferentes etapas da carreira; já a dimensão da gestão indica o que as organizações esportivas – como as confederações – precisam oferecer de recursos e suportes institucionais e individuais para que o desenvolvimento de cada atleta seja possível (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022, p. 39).

A Figura 3 apresenta as sete etapas que compõem o CDA, sendo que destas, três são comuns tanto na trajetória do esporte para toda a vida, quanto no Caminho da Medalha: (1) Experimentar e Brincar; (2) Brincar e Aprender; (3) Aprender e Treinar. As quatro etapas seguintes são exclusivas do Caminho da Medalha: (4) Treinar e Competir; (5) Competir e Vencer; (6) Vencer e Inspirar; (7) Inspirar e Reinventar-se.

Em linhas gerais, a etapa (1) Experimentar e Brincar tem como objetivo principal gerar prazer e motivação nas crianças por meio de práticas corporais variadas e com relacionamentos saudáveis e amistosos com seus pares. A etapa (2) Brincar e Aprender passa a envolver práticas esportivas de maneira mais formal e estruturada, desenvolvendo a autonomia e a autoconfiança da criança. Já na etapa (3) Aprender e Treinar há o início da especialização esportiva, com a realização de treinamentos e o começo da participação em competições. Essa é a última etapa que envolve o esporte de participação. Se nessa terceira etapa surge no jovem esportista o desejo de seguir na jornada do rendimento, dá-se início às etapas do Caminho da Medalha.

Assim, a etapa (4) Treinar e Competir acontece já nas categorias juvenis e início da fase adulta do atleta. Nessa fase há uma maior especialização e o compromisso com a evolução do desempenho esportivo. Já a etapa (5) Competir e Vencer é marcada pelo alto rendimento esportivo, com treinamentos intensos e ajustes ao máximo nível de competição. Após completar o primeiro ciclo de competições de alto nível na categoria adulta, o atleta passa então à etapa (6) Vencer e Inspirar. Nessa fase mais extensa há a manutenção do desempenho e constante busca por melhores resultados e medalhas. Essa etapa é também marcada pela autogestão da carreira de atleta, mantendo hábitos e rotinas como atleta de referência. O término dessa etapa se dá ao iniciar o processo de transição para a pós-carreira esportiva. Por fim, na etapa (7) Inspirar e Reinventar-se ocorre a redução do volume e intensidade de treinamento e participação em competições. Essa fase culmina no encerramento da carreira esportiva e se prolonga por toda a vida.

Resumidamente essas são as principais características de cada uma das sete etapas que compõe o CDA. Certamente são esperadas algumas variações, tanto por questões individuais dos atletas, quanto por características de cada modalidade esportiva. Os autores do modelo indicam ainda que a passagem para a etapa posterior pode carregar elementos da anterior, porém ressaltam que

O encurtamento ou negligência em alguma das etapas do CDA, o desrespeito às necessidades e às características individuais de atletas na sua compreensão holística podem resultar em processos de treino e na gestão de carreira equivocados, assim como gerar problemas e até mesmo a interrupção da carreira esportiva (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022, p. 36)

Porém, é importante ressaltar que o CDA se trata de um modelo que representa tendências gerais, mas cada modalidade esportiva possui suas particularidades que podem modificar alguns elementos do modelo. Além disso, cada etapa do CDA possui seus objetivos específicos que devem servir de orientação para os resultados esperados a cada momento; e que não é desejável que critérios de desempenho de etapas posteriores sejam atingidos precocemente. Por fim, os autores do modelo indicam que apesar de representar um percurso desejado de desenvolvimento esportivo, é importante compreendê-lo como um sistema aberto e contínuo, e que as transições das etapas acontecem de maneira fluida (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022).

Portanto, este modelo brasileiro de desenvolvimento esportivo também servirá como base teórica para nortear este presente estudo. O CDA será utilizado como suporte para compreender e gerar reflexões a respeito das trajetórias esportivas de nadadores brasileiros rumo ao sucesso esportivo. Entretanto, este estudo não tem o objetivo de aplicar o modelo para traçar com exatidão a trajetória de desenvolvimento esportivo de nadadores brasileiros.

3.6. O CONTEXTO ESPORTIVO DO BRASIL E O CENÁRIO DA NATAÇÃO BRASILEIRA

O esporte brasileiro é regido pela Constituição Federal de 1988 que, no Artigo 217, dá autonomia às organizações envolvidas e o caracteriza como um direito individual de cada cidadão, sendo dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais (BRASIL, 1988). Além da Constituição, há também legislações específicas que regem o esporte brasileiro: a chamada Lei Pelé (Lei 9.615/98), que “Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências” (BRASIL, 1998), e a Nova Lei Geral do Esporte, que

“Institui a Lei Geral do Esporte” (BRASIL, 2023). Dentre os tópicos abordados nas leis, tem-se que a organização do esporte no Brasil possui caráter autônomo, definido pela faculdade e liberdade de pessoas físicas e jurídicas organizarem-se para a prática desportiva, e caráter descentralizado, consubstanciado na organização e funcionamento harmônicos de sistemas desportivos nos níveis federal, estadual, distrital e municipal (BRASIL, 1998, 2023).

No que diz respeito aos níveis de prática esportiva, o Art. 4º da Lei 14.597/23 a divide em três níveis distintos, mas integrados, e sem relação de hierarquia entre si. São eles: I - a formação esportiva; II - a excelência esportiva; III - o esporte para toda a vida. A formação esportiva visa o acesso à prática esportiva por meio de ações inclusivas e educativas para crianças e adolescentes, direcionada ao desenvolvimento integral. A excelência esportiva envolve o treinamento sistemático direcionado à formação de atletas na busca do alto rendimento de diferentes modalidades esportivas. Já o esporte para toda a vida está pautado na aquisição de hábitos saudáveis ao longo da vida, por meio da prática esportiva, do lazer e do esporte competitivo para jovens e adultos (BRASIL, 2023).

Por sua vez, na Lei 9.615/98 há em seu Capítulo IV (Do Sistema Brasileiro do Desporto) a descrição de como se dá a estruturação do esporte brasileiro, bem como apresenta os órgãos e entidades que o compõem. O Sistema Brasileiro do Desporto tem por objetivo garantir a prática desportiva regular e melhorar-lhe o padrão de qualidade. É composto pelo Ministério do Esporte, pelo Conselho Nacional do Esporte (CNE), pelo Sistema Nacional do Desporto e pelos sistemas de desporto dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, organizados de forma autônoma e em regime de colaboração (BRASIL, 1998). Desses, o Sistema Nacional do Desporto, por sua vez, tem por finalidade promover e aprimorar as práticas desportivas, sobretudo no esporte de rendimento. Conforme o Art. 13 (BRASIL, 1998, [n. p.]):

O Sistema Nacional do Desporto congrega as pessoas físicas e jurídicas de direito privado, com ou sem fins lucrativos, encarregadas da coordenação, administração, normatização, apoio e prática do desporto, bem como as incumbidas da Justiça Desportiva e, especialmente:

I - o Comitê Olímpico Brasileiro (COB);

II - o Comitê Paraolímpico Brasileiro;

III - as entidades nacionais de administração do desporto;

IV - as entidades regionais de administração do desporto;

V - as ligas regionais e nacionais;

VI - as entidades de prática desportiva filiadas ou não àquelas referidas nos incisos anteriores;

VII – o Comitê Brasileiro de Clubes (CBC); e

VIII – o Comitê Brasileiro de Clubes Paralímpicos (CBCP).

Com a publicação da Nova Lei Geral do Esporte há a premissa de que esses sistemas atuem com maior comunicação e interação entre eles por meio do chamado Sistema Nacional do Esporte (Sinesp). De acordo com o Art. 11 da Lei 14.597/23 cabe ao Sinesp “o planejamento, a formulação, a implementação e a avaliação de políticas públicas, de programas e de ações para o esporte, nas diferentes esferas governamentais.” (BRASIL, 2023).

Com relação ao desenvolvimento do esporte de alto rendimento no Brasil, ele é comandado por duas organizações principais: o Comitê Olímpico do Brasil (COB) e o Ministério do Esporte, por meio da Secretaria Nacional de Esportes de Alto Desempenho. Há entre esses dois órgãos uma certa coordenação horizontal em termos de repasse de verbas, porém por vezes observa-se uma certa sobreposição de tarefas e conflito de interesses entre as entidades, visto que muitos programas e projetos são desenvolvidos isoladamente, realizados em paralelo, sem interação entre si (MEIRA; BASTOS, 2016).

Estudos indicam que nações com apenas um órgão responsável pelo esporte de rendimento a nível nacional (como é o caso de Austrália, Canadá, França, Holanda, Espanha, dentre outros) parecem ter uma certa vantagem sobre os países nos quais o esporte de elite é organizado por duas ou até mais organizações. Essa estrutura que delimita o comando do esporte de rendimento a apenas um órgão nacional reduz os custos de transação e evita divergências estratégicas, além de reduzir a concorrência interna entre o esporte de elite e o esporte de base (DE BOSSCHER et al., 2015).

Por fim, vale salientar a respeito dos Sistemas do Desporto dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, também compreendidos pela Lei 9.615/1998, segundo os quais:

Art. 25. Os Estados e o Distrito Federal constituirão seus próprios sistemas, respeitadas as normas estabelecidas nesta Lei e a observância do processo eleitoral.

Parágrafo único. Aos Municípios é facultado constituir sistemas próprios de desporto, observado o disposto nesta Lei e, no que couber, na legislação do respectivo Estado (BRASIL, 1998, [n. p.]).

Entretanto, apesar da legislação formalizar o sistema esportivo do Brasil, apresentar seus objetivos e as entidades que o compõe, alguns estudos têm questionado se na prática há, de fato, a existência de um sistema esportivo brasileiro, visto que a legislação não apresenta detalhadamente como essas organizações devem se articular a fim de promover o desenvolvimento do esporte no país (GODOY, 2013; MAZZEI et al., 2014; MEIRA; BASTOS; BOHME, 2012; MEIRA; MAZZEI; BASTOS, 2012). Isso se dá porque um

“Sistema” deve ser compreendido a partir de um conjunto de elementos distintos, cada qual com seu papel claro e definido, mas que agem de maneira conjunta, integrada e harmônica a fim de alcançar propósitos comuns (CHELLADURAI, 2009; LYLE, 1997).

Partindo desse pressuposto, estudos realizados no cenário brasileiro têm apontado para o fato de que a atual estrutura prática do esporte no Brasil não atua propriamente como um Sistema. Uma pesquisa realizada por Meira, Bastos e Bohme (2012) identificou que não há uma centralização e um norteamento claro para a formulação e aplicação desses programas nos diferentes níveis (Federal, Estadual e Municipal). Isso faz com que os programas esportivos acabem sendo, em sua maioria, desconexos e algumas ações acabem até mesmo se sobrepondo. Além disso, há indicativos de uma baixa conexão entre os programas de esportes desenvolvidos para o âmbito educacional com os de alto rendimento (MAZZEI; BASTOS; BÖHME, 2014; MEIRA; BASTOS, 2016).

Devido a essas características, Godoy (2013) conclui que seria um equívoco nomear de Sistema Nacional de Esporte a atual estrutura organizacional esportiva do país, uma vez que os subcampos envolvidos com o desenvolvimento esportivo brasileiro atuam de maneira independente e não possuem estratégias de aproximação entre si, ao passo que cada um acaba desenvolvendo ações isoladas para a promoção do esporte no Brasil. Com isso, apesar de boas iniciativas, a organização do esporte no Brasil continua apresentando um perfil descentralizado e com descontinuidades, marcado muitas vezes por políticas partidárias e não governamentais, além da falta de visão estratégica nas ações implementadas (MAZZEI et al., 2014). Portanto, uma vez que os componentes do sistema não dialogam entre si, há indicativos de poucas possibilidades de se viabilizar, de fato e na prática, a criação de um sistema nacional de esporte para o Brasil (GODOY, 2013).

Já com relação ao financiamento do esporte brasileiro, este está amparado pelo Art. 217 da Constituição Federal de 1988 e pela Lei Geral do Esporte (conhecida como Lei Pelé - Lei nº 9.615/1998), pelas quais fica determinado que é dever do Estado destinar recursos públicos para a promoção das práticas esportivas, dentro das manifestações de esporte educacional, rendimento, participação e formação (BRASIL, 1988, 1998). As fontes de financiamento ao esporte podem ser provenientes de recursos orçamentários (diretos) ou de recursos extraorçamentários (indiretos) (BRASIL, 1998).

Os recursos diretos são aqueles originários de recursos públicos dos governos federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal, provenientes de impostos, taxas e contribuições sociais. Dentro do orçamento público, a porcentagem que é destinada para aplicação no

esporte é extremamente pequena (aproximadamente 1% do que é arrecadado), e não possui a definição de um percentual mínimo a ser investido (KASZNAR; GRAÇA FILHO, 2012). Já os recursos indiretos se referem aos recursos advindos de incentivos financeiros, concessão de benefícios, auxílios e subvenções sociais e de exonerações tributárias que não transitam pelo orçamento público (SANTOS et al., 2019a).

As principais legislações de fomento ao esporte são a Lei das Loterias (popularmente conhecida como Lei Agnelo Piva – Lei nº 10.264/2001), a Lei de Incentivo ao Esporte (LIE - Lei nº 11.438/2006) e o Programa Bolsa-Atleta (Lei nº 12.395/2011) (BRASIL, 2001a, 2006, 2011). Em resumo, a Lei das Loterias destina aproximadamente 7% do montante bruto arrecadado nas loterias federais às entidades responsáveis pelo desenvolvimento do esporte no país, incluindo o Ministério do Esporte, o COB (que distribui a verba para as confederações olímpicas segundo critérios pré-estabelecidos), o CPB, CBC, CBDE e CBDU (BRASIL, 2018). Já a LIE é um programa que funciona por meio de isenção fiscal, no qual pessoas físicas e jurídicas podem destinar parte do seu imposto de renda devido em benefício de projetos esportivos elaborados por entidades do setor (BRASIL, 2006). Por sua vez, o Bolsa-Atleta destina parte dos recursos do Ministério do Esporte para atletas de acordo com as categorias Base, Estudantil, Nacional, Internacional, Olímpico e Pódio, desde que esses atendam a alguns critérios específicos.

A pesquisa SPLISS 2.0 que analisou e comparou o suporte financeiro para o esporte em 15 países identificou que o Brasil é um dos países em que há maiores investimentos públicos no esporte, com um orçamento nacional para o esporte de elite semelhante ao da Austrália. Dado esse elevado suporte financeiro, os autores afirmam que o país poderia (e deveria) atingir resultados esportivos internacionais mais expressivos, condizentes com os altos valores investidos (DE BOSSCHER et al., 2015).

Já com relação ao cenário da natação brasileira, em termos formais cabe à Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) promover e desenvolver a natação nacionalmente; enquanto as Federações são responsáveis pelo desenvolvimento da natação em nível estadual. A CBDA é encarregada de administrar 5 esportes aquáticos, sendo eles: natação, águas abertas, saltos ornamentais, nado artístico e polo aquático. Tem por missão representar e fomentar os desportos aquáticos brasileiros com excelência, através de ações inovadoras e socialmente responsáveis, fundamentadas no desenvolvimento do alto rendimento e da base (CBDA, 2019).

Resgatando um breve histórico da CBDA, a entidade inicialmente era nomeada como Confederação Brasileira de Natação, fundada em 1977. Passou a ser CBDA propriamente no ano de 1988 (mesmo ano em que foi promulgada a atual Constituição Federal). Desde sua origem enquanto CBDA, a mesma foi presidida por Coaracy Nunes, reeleito 6 vezes, permanecendo no cargo por 28 anos, até o ano de 2017. Durante sua gestão, viu o Brasil conquistar 10 medalhas olímpicas (9 na natação e 1 nas maratonas aquáticas).

Ao longo dessas três décadas, a CBDA teve como patrocinador máster a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, popularmente conhecida como ‘Correios’. A parceria CBDA-Correios teve início no início da década de 1990, com um contrato de aproximadamente 3,5 milhões de reais (valores em reais corrigidos) (BUENO; MAZZEI; BASTOS, 2022). No decorrer dos anos a parceria foi se fortalecendo e os valores investidos se tornando cada vez mais expressivos. Os contratos firmados entre 2013 e 2016 previam um repasse superior a 94 milhões de reais (o equivalente a aproximadamente 23 milhões de reais por ano) (BUENO; MAZZEI; BASTOS, 2022).

Porém, os altos investimentos financeiros à CBDA começaram a ruir a partir de 2017 uma vez que a confederação passou a ser investigada pela Polícia Federal na chamada Operação Águas Claras, que apurou irregularidades na administração da entidade. Segundo o Ministério Público Federal houve um esquema de desvio de recursos públicos captados por meio de convênios e leis de fomento ao esporte com aplicação indevida (MPF, 2018). No ano de 2017, o então presidente da CBDA e mais 3 dirigentes da entidade foram presos, mas obtiveram *habeas corpus*. Porém, no ano de 2019, aos 81 anos, Coaracy foi novamente condenado a prisão por fraudar licitações e desviar recursos públicos (LANCE!, 2019). O montante desviado esteve relacionado com o patrocínio dos Correios que, por ser uma empresa pública, envolve a Lei de Licitações (BRASIL, 1993).

Como consequências desse período conturbado, os Correios não renovaram a parceria com a CBDA e a confederação perdeu seu patrocinador master depois de 26 anos. Outra reação negativa foi o bloqueio do repasse de verbas advindas da Lei nº 10.264/01 por falta de transparência nas prestações de contas. Com isso, nos anos que antecederam a edição Tóquio 2020 a CBDA se viu sem duas das suas principais fontes de renda. Atrelado a isso, há ainda todas as dificuldades enfrentadas pelas gestões seguintes em tentar encontrar alternativas para reestruturar a confederação e manter o apoio aos esportes aquáticos brasileiros (BUENO; MAZZEI; BASTOS, 2022, p. 280)

A partir de 2017 a entidade passou a ser comandada por Miguel Cagnoni, que não obteve sucesso em atingir objetivos relacionados à reestruturação da CBDA. No ano de 2020

uma nova gestão assumiu a CBDA, comandada por Luiz Fernando Coelho (presidente) e Renato Cordani (vice-presidente) (CBDA, 2020a).

Estudos anteriores às mudanças na gestão da CBDA no ano de 2020 apontaram algumas lacunas quanto ao fomento dos esportes aquáticos no país, o que, em grande parte, pode ser explicado pela má gestão de seus recursos por parte daqueles que estavam no comando da entidade. Dentre os pontos observados tem-se a CBDA (bem como as Federações Estaduais) havia restringido suas ações à organização e participação em eventos esportivos da modalidade (MEIRA, 2011; MEIRA; BASTOS; BOHME, 2015). Além disso, observou-se que, do mesmo modo, os Conselhos Técnicos dessas organizações se limitavam a debater temáticas relacionadas a regulamentos, calendários competitivos e índices de participação. Enquanto isso, países com grande sucesso na natação se encarregam de tomar decisões voltadas às condições adequadas de treinamento dos atletas de alto rendimento, participação em campeonatos internacionais e ao desenvolvimento técnico da modalidade (MEIRA, 2011; MEIRA; BASTOS; BOHME, 2015).

Verificou-se ainda que, na realidade, os reais responsáveis pelo desenvolvimento de atletas de natação no Brasil, desde a formação até o alto nível, são os clubes e as entidades municipais de prática esportiva (MEIRA; BASTOS; BOHME, 2015). Além disso, Meira (2011) concluiu que, especificamente no estado de São Paulo, os clubes e as entidades municipais de prática esportiva são responsáveis também por destinar recursos próprios para a infraestrutura da modalidade, pela detecção e desenvolvimento de talentos esportivos e pelo suporte financeiro de técnicos.

Portanto, de maneira semelhante ao que ocorre no cenário esportivo brasileiro de modo geral, a natação do Brasil também foi marcada por ações descentralizadas e desconexas entre aquilo que era proposto e o que era realizado pela CBDA, pelas Federações Estaduais e pelas entidades municipais de prática esportiva. Entretanto, visto que a CBDA tem passado por um momento de reestruturação, buscando atingir uma gestão no mínimo mais transparente a fim de promover com excelência os esportes aquáticos no país e conquistar resultados internacionais expressivos, reafirma-se que, em breve, novos estudos acerca dessa nova realidade da entidade e da natação brasileira deverão ser realizados.

4 MÉTODO

4.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este estudo segue uma abordagem epistemológica construtivista, a qual se baseia no desenvolvimento de novos significados e compreensão acerca de determinado fenômeno ou experiência. A abordagem construtivista é caracterizada por uma forte presença do pesquisador, que interage com o objeto pesquisado a fim de extrair e interpretar a visão e as opiniões deste a respeito de determinado tema ou fato normalmente ainda pouco estudado (CROTTY, 1998).

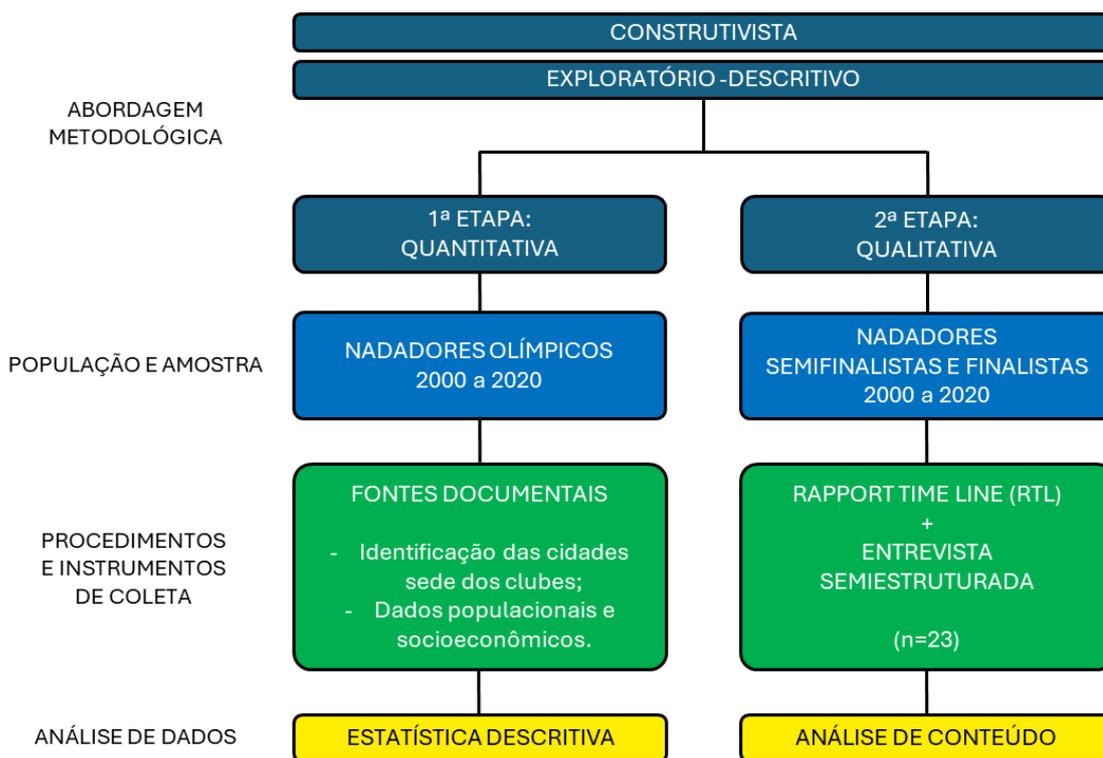
Trata-se também de um estudo exploratório-descritivo. O tipo de pesquisa exploratório visa explicitar um determinado fato ou fenômeno pouco explorado, gerando mais informações e hipóteses sobre o mesmo (SKINNER; EDWARDS; CORBETT, 2015; VEAL; DARCY, 2014). As pesquisas descritivas, por sua vez, objetivam descrever características de determinadas populações, fatos ou fenômenos, sendo possível traçar correlações entre as variáveis (SKINNER; EDWARDS; CORBETT, 2015; VEAL; DARCY, 2014). Assim, esse estudo visa explorar o contexto da natação no Brasil, mais especificamente os fatores que levam ao sucesso esportivo da natação brasileira a partir da percepção dos(as) próprios(as) nadadores(as) e da análise de suas trajetórias esportivas.

Para atingir os objetivos propostos, este estudo foi realizado em duas etapas. Na primeira etapa da obtenção dos dados foi empregado o método quantitativo. A abordagem quantitativa se baseia em um elevado número de observações e faz uso da estatística para a análise e interpretação dos dados. Creswell (2010) divide as pesquisas quantitativas em dois tipos: de levantamento e experimentais. Esse estudo trata-se de um projeto de levantamento, que é caracterizado por uma descrição numérica de tendências ou opiniões de uma dada população. Para a descrição desses elementos utiliza-se a estatística descritiva, que consiste na “apresentação, análise e interpretação de dados numéricos através da criação de instrumentos adequados: quadros, gráficos e indicadores numéricos” (REIS, 2008, p. 15). Assim, essa primeira etapa teve como objetivo identificar o perfil populacional e socioeconômico das cidades onde se deu o desenvolvimento esportivo dos nadadores e interpretar em que medida esses parâmetros de macronível podem estar relacionados com o sucesso esportivo dos atletas.

Já na segunda etapa foi utilizada a abordagem qualitativa, a qual se baseia em pequenas amostras que proporcionam percepções e compreensão do contexto do problema (MALHOTRA, 2011). O foco da pesquisa qualitativa está nas percepções e nas experiências dos participantes e na maneira como eles entendem o contexto em que se inserem, de modo que o pesquisador busca compreender não apenas uma, mas sim múltiplas realidades (CRESWELL, 2010). Durante um estudo qualitativo, diversos aspectos emergem a partir da coleta de dados, de modo que o pesquisador tem liberdade para alterar e / ou refinar o processo de obtenção dos dados conforme julgue necessário a fim de potencializar a compreensão sobre o fenômeno estudado. Além disso, métodos qualitativos são fundamentalmente interpretativos, isto é, o(s) pesquisador(es) responsável(eis) realiza(m) interpretações sobre as informações obtidas (CRESWELL, 2010). Assim, essa segunda etapa da pesquisa teve como objetivo mapear e analisar a trajetória esportiva de nadadores olímpicos brasileiros, bem como identificar fatores de meso e micronível que influenciam a formação e o desenvolvimento de nadadores de sucesso no Brasil.

A Figura 4 representa os elementos da metodologia empregada neste estudo, na qual são apresentadas a população e a amostra de cada etapa, bem como os procedimentos e instrumentos utilizados para a coleta e análise dos dados. Nas seções seguintes serão descritos detalhadamente todos os elementos da figura.

Figura 4 – Metodologia do estudo



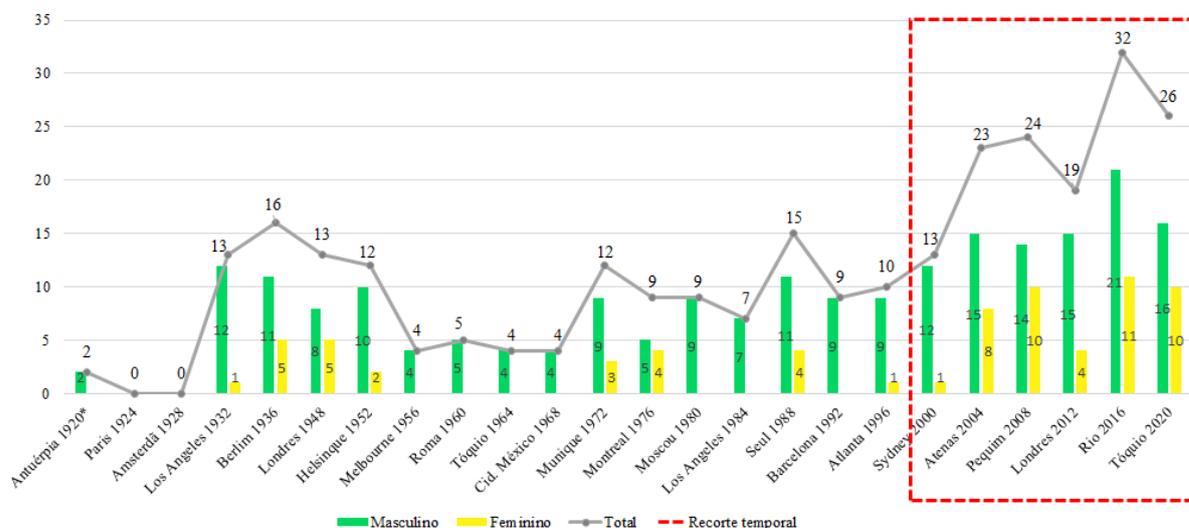
Fonte: elaborado pela autora

4.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA

4.2.1. Primeira etapa

Como a primeira etapa da pesquisa aplicou a metodologia quantitativa, nela foi considerada a população que compõem o estudo, formada pelos atletas olímpicos brasileiros da modalidade natação que participaram dos Jogos Olímpicos. Foi feito um recorte temporal, e considerados apenas os nadadores que compuseram a delegação brasileira que participou de alguma das seguintes edições: Sydney 2000, Atenas 2004, Pequim 2008, Londres 2012, Rio de Janeiro 2016 e Tóquio 2020, seja em provas individuais ou de revezamento. O critério utilizado para a adoção desse recorte temporal se deu a fim de obter um panorama recente da natação brasileira e condizente com a atual realidade da modalidade. Dentre essas 6 edições, houve um total de 87 nadadores participantes (57 homens e 30 mulheres), e representa 46,3% do total de nadadores brasileiros que já participaram dos Jogos Olímpicos desde a primeira edição realizada em 1920 na Antuérpia (Figura 4).

Figura 5 – Participações brasileiras em Jogos Olímpicos na modalidade Natação (1920 – 2020)



Fonte: adaptado de Bueno, Mazzei e Bastos (2022)

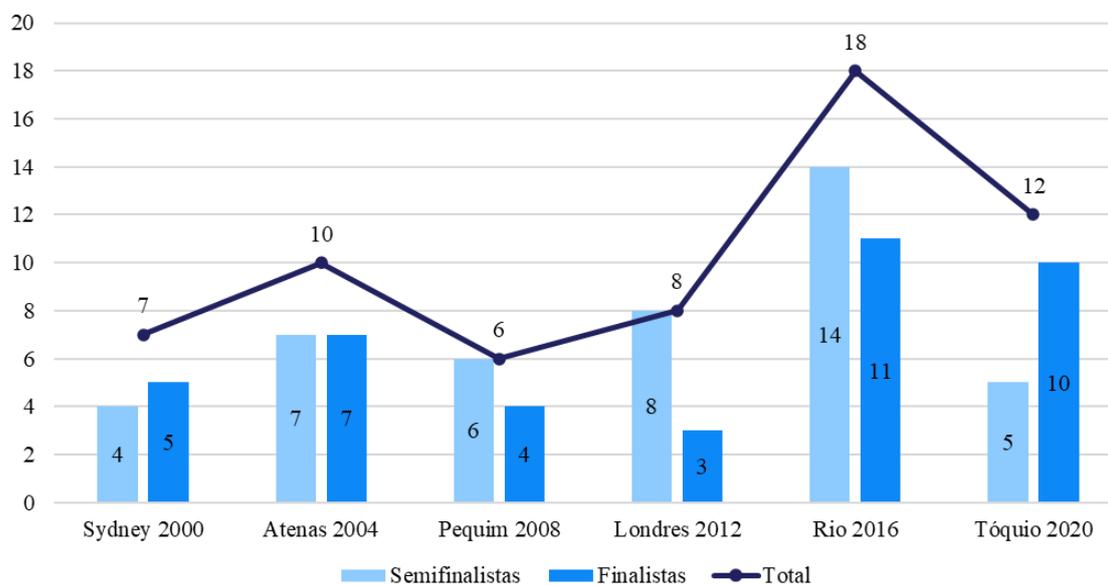
4.2.2. Segunda etapa

Já para a segunda etapa da pesquisa, como esta aplicou a metodologia qualitativa, foi feito um recorte da população apresentada na Figura 4. O critério utilizado para definição da amostra foi o de selecionar apenas os nadadores olímpicos que conseguiram alcançar ao menos uma vaga em semifinais e/ou finais olímpicas, seja em provas individuais ou de revezamento. Deste modo, dentre os 87 atletas indicados na Figura 4, para essa etapa do estudo foram identificados apenas 45 nadadores que avançaram das etapas eliminatórias (51,7%). Entretanto, dentre esses atletas há o caso de uma nadadora que foi desligada pelo resultado positivo obtido no exame antidoping em 2007 e, com isso, tornou-se inelegível para disputar a modalidade pelo resto da vida – decisão tomada pela World Aquatics, até então nomeada FINA (MELLO, 2008). Com isso, a amostra desse estudo é composta por 44 atletas (34 homens e 10 mulheres).

A Figura 5 representa a amostra do estudo, com a quantidade de atletas que conquistaram vaga nas semifinais e/ou finais olímpicas entre Sydney 2000 e Tóquio 2020. Vale ressaltar que na natação em Jogos Olímpicos, na maioria das provas individuais o nadador obrigatoriamente passa pelas semifinais (16 melhores tempos) antes de chegar à final (8 melhores tempos). Porém, isso não ocorre para as provas de 400m, 800m e 1500m livre, e 400m medley, nas quais os 8 melhores tempos das eliminatórias vão diretamente para a final.

O mesmo ocorre para todas as provas de revezamento, nas quais não há a realização das provas semifinais.

Figura 6 – Número de brasileiros(as) semifinalistas e/ou finalistas em Jogos Olímpicos na modalidade Natação entre as edições Sydney 2000 e Tóquio 2020



Fonte: elaborado pela autora

Dentre essas seis edições olímpicas consideradas, em três delas houve nadadoras que conquistaram a vaga de semifinalistas e/ou finalistas. Em Atenas 2004 foram cinco nadadoras, em Pequim 2008 apenas uma, e no Rio 2016 mais quatro, totalizando 10 nadadoras brasileiras que chegaram até as semifinais e/ou finais de Jogos Olímpicos entre Sydney 2000 e Tóquio 2020.

Foi verificado ainda se a amostra adotada atendia ao critério de representatividade, isto é, o quanto ela reflete com precisão as características da população total. Para isso foi feito um mapeamento do estado natal da população do estudo, composta pelos 87 nadadores olímpicos brasileiros (entre 2000 e 2021), bem como da amostra composta pelos 44 nadadores semifinalistas e finalistas olímpicos (entre 2000 e 2021). A Tabela 1 apresenta a quantidade de nadadores nascidos em cada região do país, atestando que o critério adotado para a definição da amostra pode ser considerado representativo em relação à população total do estudo.

Tabela 1 – Estado natal dos nadadores olímpicos brasileiros (Sydney 2000 a Tóquio 2020)

Região	Participantes (população total)		Semifinalistas e finalistas (amostra)	
	N	%	n	%
Norte	3	3,4%	2	4,5%
Nordeste	8	9,2%	6	13,6%
Centro-Oeste	7	8,0%	4	9,1%
Sudeste	58	66,7%	27	61,4%
Sul	11	12,6%	5	11,4%
Total	87	100,0%	44	100,0%

Fonte: elaborado pela autora

Assim, foram convidados a participar voluntariamente do estudo o total de 44 nadadores. Destes, 23 atletas (17 homens e 6 mulheres) aceitaram colaborar com a pesquisa (52%) e se submeteram aos procedimentos de coleta de dados previstos no estudo. Dos 23 nadadores participantes, 16 (70%) já se aposentaram da natação competitiva de alto rendimento, enquanto 7 (30%) ainda estão ativos, treinando e disputando campeonatos internacionais. Além disso, desses 23 atletas, 14 nasceram na região Sudeste (61%), 3 na região Nordeste (13%), 3 na região Centro-Oeste (13%), 3 na região Sul (13%) e nenhum na região Norte.

Por fim, a Tabela 2 apresenta o número de atletas entrevistados conforme cada uma das 6 edições dos Jogos Olímpicos considerada nesse estudo (de 2000 a 2021).

Tabela 2 – Número de nadadores entrevistados conforme cada edição dos Jogos Olímpicos

Edição	Entrevistados	%
Sydney 2000	2	6,1%
Atenas 2004	6	18,2%
Pequim 2008	3	9,1%
Londres 2012	5	15,2%
Rio 2016	10	30,3%
Tóquio 2020	7	21,2%

Fonte: elaborado pela autora

4.3. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

4.3.1. Primeira etapa

A primeira etapa da coleta dos dados se deu por meio de fontes documentais. Foram identificadas as cidades sede do clube/entidade que os nadadores defendiam quando conquistaram a vaga para os Jogos Olímpicos. Esses dados foram primariamente obtidos através do site da CBDA (CBDA, 2020b). Posteriormente esses dados foram verificados e, quando necessário, complementados com informações registradas na obra *Atletas Olímpicos Brasileiros*, da professora Dra. Kátia Rúbio (RUBIO, 2015) e no site *Olympedia* (OLYMPEDIA, 2021). Nos casos em que houve divergência de informações obtidas através dessas três fontes de dados, foi considerado o que constava no site da CBDA.

Vale ressaltar que há casos nos quais foi identificado alguns nadadores que residiam e realizavam seus treinamentos fora do Brasil (sobretudo nos Estados Unidos), mas que defendiam algum clube brasileiro quando participavam de campeonatos nacionais. Nesses casos, para a análise dos dados desse estudo não foi levado em consideração a cidade de treino dos nadadores, apenas a sede do clube brasileiro que defendiam na ocasião da conquista da vaga para os Jogos Olímpicos.

Após esse levantamento, foram coletados dados referentes aos índices populacionais e socioeconômicos das cidades identificadas. Os dados coletados foram: (1) Região do país; (2) Número de habitantes; (3) Densidade demográfica; (4) Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e (5) Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*. As informações foram extraídas dos censos demográficos mais recentes realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, os dados do Número de Habitantes e Densidade Demográfica são do ano de 2022; já os dados de PIB *per capita* são do ano de 2020 e os dados de IDHM do ano de 2010 (IBGE, 2022).

4.3.2. Segunda etapa

A segunda etapa da coleta de dados foi feita através da aplicação de dois instrumentos: *Rapport Time Line* (RTL) e entrevista semiestruturada (descritos nas seções seguintes). Todos os procedimentos de coleta de dados empregados nessa etapa do projeto foram submetidos ao

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da EEFÉ-USP e aprovados sob o número 63310922.0.0000.5391.

Para a obtenção dos dados, todos os 44 nadadores da amostra foram contatados através de e-mail e plataformas digitais e convidados a participar voluntariamente do estudo. Com os 23 atletas que deram o aceite para participar da pesquisa, foi acordado entre a pesquisadora responsável e cada um desses nadadores se a coleta dos dados seria realizada online ou presencialmente. Nos casos em que a coleta se deu de maneira remota, utilizou-se a plataforma de videochamada Google Meet. Já para as coletas presenciais, o local foi definido em comum acordo entre os entrevistados e a pesquisadora. Além disso, foi solicitado aos atletas que se dispuseram a colaborar com a pesquisa o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) atestando que estão cientes de todos os procedimentos previstos no estudo. A coleta de dados dessa segunda etapa da pesquisa ocorreu entre outubro de 2022 e março de 2023.

Anteriormente à aplicação desses dois instrumentos com os atletas da amostra final, foi realizada uma pesquisa piloto com 3 atletas que disputam campeonatos nacionais absolutos e internacionais, sendo um da natação, outro do polo aquático e outro dos saltos ornamentais. Os procedimentos aplicados na pesquisa piloto foram os mesmos realizados com os nadadores da amostra final. O intuito da realização dessa etapa piloto foi de verificar se os instrumentos e o roteiro da entrevista proposto estavam adequados e se a partir deles a pesquisadora conseguiria alcançar os objetivos propostos.

4.3.2.1. Rapport Time Line (RTL)

O instrumento *Rapport Time Line* (RTL), adaptado de *Langley e Knight* (1999), foi aplicado anteriormente à realização das entrevistas semiestruturadas. Esse instrumento consiste em desenvolver uma linha do tempo que compreende desde o ano de nascimento do entrevistado até a data atual. Nessa linha do tempo os atletas foram instruídos a inserir eventos importantes, marcos e transições em sua trajetória pessoal e esportiva, indicando os períodos de tempo em que esses eventos ocorreram.

A aplicação desse instrumento teve dois objetivos. O primeiro é que o RTL servisse como um estímulo prévio, refrescando a memória do participante e preparando-o para a realização da entrevista realizada na sequência. O segundo está atrelado com um objetivo

específico desse estudo de mapear a trajetória esportiva dos nadadores olímpicos brasileiros e identificar fatos particulares e específicos que afetaram seu desenvolvimento esportivo.

Quanto à elaboração das linhas do tempo, houve nadadores que preferiram escrevê-las à mão em uma folha sulfite, e outros que preferiram digitá-las no computador/celular. Independentemente da opção adotada pelos participantes, o material foi encaminhado para a pesquisadora responsável. As informações presentes na linha do tempo dos atletas foram utilizadas como guia para a entrevista semiestruturada, fornecendo embasamento para a formulação de novas questões pertinentes ao tema, de modo que os dados coletados alcançassem um nível de detalhamento e precisão satisfatórios.

4.3.2.2. *Entrevista semiestruturada*

Após a aplicação do instrumento *Rapport Time Line* (RTL), foi realizada a entrevista semiestruturada. Segundo Marconi e Lakatos (2010), as entrevistas podem ser caracterizadas como um encontro entre o pesquisador e o entrevistado, no qual o primeiro buscará obter informações do segundo a respeito de determinado assunto mediante uma conversa de aspecto profissional. O modelo de entrevista semiestruturada, ou também conhecido como semiaberta, é pautado em um roteiro de questões prévias que servirão como guia para o pesquisador, de modo que, a partir delas, novas perguntas e hipóteses possam surgir durante a conversa (CRESWELL, 2010).

A aplicação das entrevistas teve como intuito alcançar dois objetivos específicos desse estudo, sendo eles: (1) identificar fatores organizacionais e de gestão da modalidade que influenciam a formação e o desenvolvimento de nadadores de sucesso no cenário brasileiro; e (2) analisar a trajetória esportiva de nadadores olímpicos brasileiros, identificando fatos particulares e específicos que afetaram seu desenvolvimento esportivo.

Para tanto, o roteiro prévio das entrevistas semiestruturadas foi pautado nas questões aplicadas por Brouwers (2015) em seu estudo com atletas de alto rendimento de tênis. Uma adaptação deste roteiro já foi aplicada em um estudo no cenário da ginástica artística brasileira (LIMA, 2020). Para essa pesquisa as questões foram adaptadas para o contexto da natação brasileira, de modo que fosse possível gerar uma maior compreensão dos fatores que influenciam o sucesso esportivo da modalidade a partir da visão que os nadadores olímpicos têm ao analisarem e refletirem a respeito de suas próprias trajetórias esportivas. O Quadro 1 apresenta o roteiro de entrevista aplicado com os nadadores da amostra.

Quadro 1 – Roteiro de questões para a entrevista semiestruturada

1. Explique as informações que você inseriu na sua linha do tempo (RTL).
2. Na sua perspectiva, quais são os cinco fatores mais importantes que contribuem para o sucesso internacional da natação do Brasil?
3. Ao longo de sua trajetória esportiva, quais são os principais fatores que afetaram positivamente seu desenvolvimento na natação?
4. Ao longo de sua trajetória esportiva, quais são os principais fatores que afetaram negativamente seu desenvolvimento na natação?

Fonte: adaptado de Brouwers (2015)

Como se trata de uma entrevista semiestruturada, conforme as respostas que a pesquisadora obtinha dos atletas no decorrer dessas perguntas, novas questões eram formuladas a fim de alcançar um maior entendimento da trajetória desses nadadores e dos fatores que a influenciaram. Ademais, conforme mencionado na seção anterior, o instrumento RTL aplicado anteriormente ao início das entrevistas também foi utilizado como base para novas questões formuladas ao longo da entrevista, de modo que fosse possível relacionar os dados inseridos na linha do tempo com as respostas obtidas pelo roteiro semiestruturado. Por fim, com a autorização dos participantes, os áudios das entrevistas foram gravados e a pesquisadora tomou notas durante a realização das mesmas.

4.4. ANÁLISE DOS DADOS

4.4.1. Primeira etapa

Para a análise dos dados relativos às cidades sede do clube/entidade que os nadadores defendiam quando conquistaram a vaga olímpica, foi utilizada uma abordagem quantitativa, empregando a estatística descritiva. Cada categoria de análise foi subdividida em faixas de valor a fim de possibilitar uma análise mais precisa dos dados.

A categoria (1) Região do país foi dividida conforme os Estados do território brasileiro. Já na categoria (2) Número de habitantes, utilizou-se a divisão proposta pelo IBGE (IBGE, 2022) para os valores de até 500.000 habitantes; sendo que acima desse valor foram empregados critérios próprios para uma estratificação mais minuciosa dos dados (500.001 a 1.000.000; 1.000.000 a 5.000.000; e acima de 5.000.000), visto que o IBGE não apresenta estratificação dos dados com valores superiores a 500.000 habitantes.

Para as categorias (3) Densidade demográfica e (5) PIB *per capita* foram mensurados os quartis, utilizado na estatística descritiva para separar o conjunto de dados em quatro partes iguais, de modo que cada uma delas represente $\frac{1}{4}$ da amostra total. Por fim, para a categoria (4) IDHM seguiu-se o critério empregado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2013), que atribui um valor de 0 a 1 para classificar o desenvolvimento humano de determinado município com base na sua educação, longevidade e renda da população, classificando-os nas categorias: Muito baixo, Baixo, Médio, Alto e Muito alto.

4.4.2. Segunda etapa

Para a análise das informações obtidos por meio do instrumento RTL, não foi possível identificar na literatura métodos específicos para a análise desses dados (CHARTIER, 2018; LANGLEY; KNIGHT, 1999; TOZETTO et al., 2017). Os estudos que aplicaram esse instrumento apenas o utilizaram como um mecanismo para ativar a memória dos participantes e prepará-los para a realização das entrevistas. Porém, nesse estudo, ao introduzir no roteiro das entrevistas semiestruturadas uma questão solicitando aos atletas entrevistados que explicassem as informações inseridas na sua linha do tempo, tornou-se possível analisar os dados obtidos pelo RTL.

Assim, tanto as entrevistas quanto os dados do RTL foram analisados por meio de uma abordagem qualitativa, empregando a técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011). Segundo a autora, a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de pesquisa que possibilita o pesquisador realizar inferências replicáveis e válidas a partir da análise de textos (ou outros meios de comunicação). A Análise de Conteúdo envolve diversas técnicas (análise categorial; análise de avaliação; análise da enunciação; análise proposicional do discurso; análise da expressão; análise das relações), cada qual com procedimentos especializados, capazes de fornecer novos *insights* e aumentar a compreensão do pesquisador sobre temas e fatos específicos (BARDIN, 2011).

Dentre as várias técnicas de Análise de Conteúdo, nesse estudo foi empregada a Análise Categorial, considerada a mais antiga dentre as técnicas existentes e também a mais utilizada na prática. A análise envolve a identificação de elementos textuais com características e significados semelhantes, agrupando-os em categorias conforme a

similaridade das informações obtidas (BARDIN, 2011). Assim, os procedimentos da análise envolvem três etapas: (1) pré-análise, (2) exploração e organização do material e (3) tratamento e interpretação dos resultados.

Na etapa 1 são realizadas as transcrições dos áudios das entrevistas, a leitura flutuante das mesmas, de modo que o pesquisador se familiarize com o conteúdo presente nos textos, e também é onde as hipóteses são formuladas.

A etapa 2 envolve a codificação e categorização dos dados. A codificação é um processo no qual trechos dos dados brutos do texto (chamados de unidades de registro ou códigos) são selecionados e recortados sistematicamente, permitindo que seja feita uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo desse texto. Nesse estudo, a seleção das unidades de registro se deu com base nos temas abordados pelos nadadores ao longo das entrevistas. Segundo Bardin (2011, p. 131), realizar uma análise com base na temática do texto “consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem a comunicação, e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”.

Já a categorização consiste em agrupar tais códigos em classes com base nas características comuns desses elementos. A categorização dos dados pode ser feita segundo três métodos, sendo eles o fechado (dedutivo), o aberto (indutivo) e o misto. O método dedutivo utiliza de critérios e evidências já presentes na literatura, de modo que as categorias são definidas *a priori*. No método indutivo, por sua vez, a criação das categorias não se baseia em um modelo teórico já existente, mas parte dos elementos que emergem das próprias entrevistas. Por fim, o método misto combina as características de ambos, partindo de um sistema de categorias já existente, mas possibilitando que novas categorias possam ser criadas com base no conteúdo do material analisado (BARDIN, 2011). Nesse estudo os métodos empregados e os critérios adotados para a categorização das 4 questões do roteiro semiestruturado estão presentes no Quadro 2.

Quadro 2 – Métodos e critérios de categorização das questões da entrevista semiestruturada

	Método de categorização	Crítérios para definição das categorias
Questão 1	Indutivo	Fatos que se mostraram mais comuns entre as trajetórias dos nadadores entrevistados.
Questão 2	Misto	Fatores que contribuem para o sucesso internacional da natação do Brasil. Base teórica utilizada foi o modelo SPLISS (DE BOSSCHER et al., 2006), mas com liberdade para que novos elementos fossem incluídos, visto que cada país e cada modalidade esportiva possui suas particularidades.
Questão 3	Indutivo	Fatores que afetaram positivamente o desenvolvimento esportivo dos nadadores entrevistados.
Questão 4	Indutivo	Fatores que afetaram negativamente o desenvolvimento esportivo dos nadadores entrevistados.

Fonte: elaborado pela autora

Por fim, a etapa 3 consiste no tratamento e interpretação dos dados. Neste último estágio os dados brutos obtidos a partir da categorização realizada na etapa anterior são submetidos a operações estatísticas, desde as mais simples às mais complexas, que permitem a criação de quadros de resultados, diagramas, figuras e gráficos, os quais possibilitam uma melhor visualização dos resultados. A partir desse tratamento dos dados, o pesquisador pode então propor inferências e realizar a interpretação dos resultados obtidos com a análise.

Nesse estudo, a transcrição das entrevistas, bem com os processos de codificação e categorização dos dados foram realizados com o auxílio do *software* NVivo, na versão 1.7.1., desenvolvido pela QSR *International*.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. CIDADE SEDE DOS CLUBES E FATORES DE MACRONÍVEL

Essa seção apresenta os resultados que contemplam o objetivo específico do estudo de traçar relações entre os fatores de macronível e o sucesso esportivo alcançado pela natação do Brasil. Assim, a Tabela 3 apresenta o perfil populacional e socioeconômico das cidades sede dos clubes que os nadadores defendiam quando conquistaram o índice para participar dos Jogos Olímpicos.

Do total de 87 nadadores olímpicos brasileiros, para a confecção da Tabela 3 foram considerados 85 (um atleta foi desconsiderado da análise devido ao caso positivo no exame antidoping; e o outro foi desconsiderado pois não foi possível encontrar informações sobre o clube que ele defendia quando conquistou a vaga olímpica). Vale observar que o número total de atletas na Tabela 3 é de 113 e não de 85. Isso se dá porque alguns desses 85 nadadores identificados participaram em mais de uma edição dos Jogos Olímpicos e, por vezes, defendiam diferentes clubes em cada ocasião que conquistaram a vaga olímpica. Então, como exemplo, se um atleta conquistou a vaga para Pequim 2008 defendendo um clube da região Nordeste, e depois conquistou a vaga para Londres 2012 defendendo um clube com sede na região Sudeste, esse atleta aparece duas vezes na Tabela 3.

Ao todo foram identificadas 15 cidades sede e as que apresentaram maior frequência foram São Paulo (42%), Rio de Janeiro (23%) e Belo Horizonte (17%) – cidades onde se localizam as principais entidades de formação de nadadores do país (Esporte Clube Pinheiros (SP), Universidade Santa Cecília (SP), SESI (SP), Clube de Regatas do Flamengo (RJ) e Minas Tênis Clube (MG).

Tabela 3 – Dados populacionais e socioeconômicos das cidades sede dos clubes dos nadadores (Sydney 2000 a Tóquio 2020)

Categoria	Atletas	%
Região do país		
Norte	1	0,88%
Nordeste	3	2,65%
Centro-Oeste	0	0,00%
Sudeste	105	92,92%
Sul	4	3,54%
Número de habitantes		
> 5.000.000	73	64,60%
1.000.001 a 5.000.000	24	21,24%
500.001 a 1.000.000	5	4,42%
100.001 a 500.000	11	9,73%
Até 100.000	0	0,00%
Densidade demográfica (hab/km²)		
6849,76 a 10805,23	69	61,06%
1630,61 a 6849,75	31	27,43%
612,39 a 1630,60	10	8,85%
Até 612,38	3	2,65%
IDHM		
Muito alto (0,800 a 1,000)	82	72,57%
Alto (0,700 a 0,799)	31	27,43%
PIB per capita (R\$)		
55422,59 a 86200,01	50	44,25%
49692,43 a 55422,58	11	9,73%
41081,76 a 49692,42	29	25,66%
Até 41081,75	23	20,35%
Total	113	100,00%

Fonte: elaborado pela autora

Os dados da tabela indicam que os principais clubes responsáveis por desenvolver os nadadores de alto rendimento do país estão localizados majoritariamente na região Sudeste (93%), em cidades populosas (com mais de 5.000.000 habitantes) e povoadas (com elevada densidade demográfica), e com altos índices de desenvolvimento humano e econômico. Com relação aos dados do PIB *per capita*, embora os resultados não apontem uma diferença significativa entre as faixas de valor, é válido ressaltar que todas as 15 cidades sede identificadas apresentam PIB *per capita* mais elevado que o PIB *per capita* médio do Brasil (R\$35.935,74).

Ao traçar comparativos com os dados obtidos por Bueno et al. (2020), que analisou o perfil populacional e socioeconômico das cidades natal de todos os nadadores olímpicos

brasileiros, pode-se afirmar que há um padrão quanto ao perfil de cidades mais propensas tanto para a iniciação, quanto para o desenvolvimento de atletas de elite na natação. Os resultados desse estudo apontam que nadadores olímpicos brasileiros são, em sua maioria, provenientes de cidades da região Sudeste, com elevado número de habitantes, altos índices de densidade populacional, alto IDHM e altas taxas de PIB *per capita* (BUENO et al., 2020).

Uma outra discussão que se pode fazer ao comparar os resultados desses dois estudos é que, embora muitos nadadores olímpicos tenham nascido em cidades de outras regiões do país, com índices populacionais e econômicos mais baixos (BUENO et al., 2020), ao longo de sua trajetória esportiva esses atletas acabam tendo que se mudar para as cidades consideradas como polos da natação brasileira para darem sequência ao seu desenvolvimento esportivo.

Portanto, no que diz respeito aos locais onde se dão o desenvolvimento esportivo dos nadadores, embora o início da trajetória esportiva dos mesmos seja plural e apresente diferenças entre si, suas trajetórias tendem a sofrer um afunilamento ao passo em que os atletas atingem o alto rendimento. Ou seja, a fim de alcançar o sucesso esportivo, torna-se praticamente imprescindível que os nadadores desenvolvam suas carreiras em clubes localizados em alguma cidade capital como São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte.

Mas certamente existem exceções. Há atletas que chegam ao alto rendimento e conquistam a vaga para os Jogos Olímpicos treinando em cidades menores, ou até mesmo na própria cidade onde se deu sua iniciação esportiva ainda quando criança. Esses casos particulares corroboram com a ideia de que, além dos fatores de macronível, há outros diversos elementos que influenciam o sucesso dos atletas (DE BOSSCHER et al., 2006). Ou seja, embora grandes cidades, com elevados índices socioeconômicos, tendam a ser mais propícias para o desenvolvimento de nadadores olímpicos, o local de treinamento dos atletas não é o único fator responsável pelo alcance do sucesso esportivo.

Além disso, a partir dos resultados encontrados é possível traçar uma discussão relacionada à distribuição geográfica desses “polos” de alto rendimento da natação brasileira. Conforme já mencionado, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte são as cidades onde se localizam os principais clubes de natação do país. Porém, será que essa concentração de clubes na região Sudeste é interessante para o desenvolvimento da natação brasileira? Estudos apontam que a implementação de centros de treinamento (bem distribuídos) em território de países com dimensões extensas tendem a proporcionar um desenvolvimento esportivo mais abrangente e, conseqüentemente, oportunizar melhores resultados esportivos (GREEN; OAKLEY, 2001; HOULIHAN; GREEN, 2008).

Nesse sentido, há cidades capitais, sobretudo no Nordeste e Sul brasileiro, que apresentam um perfil populacional e econômico propício para desenvolver nadadores de alto rendimento. Dentre as 15 cidades sede de clubes contempladas na Tabela 3, há capitais como Recife, Fortaleza e Porto Alegre que também possuem altos índices populacionais, demográficos e socioeconômicos. Entretanto, esses municípios não possuem um histórico tão forte de formar nadadores olímpicos como ocorre com as capitais da região Sudeste do país. Por que não procurar desenvolver ações para que, a longo prazo, o país possuísse mais polos de alto rendimento da natação em cidades que já apresentam características propícias para a formação de nadadores?

A existência de centros de treinamento da modalidade espalhados por todo o território nacional poderia contribuir para que jovens talentos tivessem maiores oportunidades de desenvolver suas carreiras, sem que houvesse a necessidade de se mudarem para a região Sudeste. Além disso, possuir polos de natação em mais regiões do país faria com que houvesse um maior desenvolvimento no nível técnico e competitivo dos nadadores em todo o território nacional. E, a longo prazo, faria com que o país formasse mais nadadores olímpicos de sucesso. Porém, esses fatores já estão mais relacionados com os elementos de mesonível e as políticas para o desenvolvimento do esporte no país e, portanto, serão considerados nas seções seguintes, sobretudo no item 5.2.3. Instalações esportivas.

5.2. FATORES DE SUCESSO INTERNACIONAL A PARTIR DA VISÃO DOS NADADORES OLÍMPICOS

Nesta seção busca-se atingir o objetivo específico de identificar fatores organizacionais da natação brasileira e de políticas esportivas que influenciam a formação e o desenvolvimento esportivo de nadadores de sucesso no Brasil. Os resultados apresentados nessa seção são oriundos sobretudo da questão 2 do roteiro da entrevista semiestruturada: “Na sua perspectiva, quais são os cinco fatores mais importantes que contribuem para o sucesso internacional da natação do Brasil?”. Importante ressaltar que as respostas obtidas para essa questão envolvem tanto fatores que, segundo a opinião dos nadadores entrevistados, já estão sendo bem desenvolvidos no contexto da natação brasileira de alto rendimento, quanto fatores que poderiam contribuir para o sucesso internacional da modalidade, mas que ainda não são efetivamente aplicados no cenário brasileiro e que, portanto, deveriam ser mais bem desenvolvidos.

A Tabela 4 apresenta as categorias e subcategorias identificadas a partir da análise de conteúdo realizada. A categorização teve como referencial teórico os 9 Pilares do modelo SPLISS e seus respectivos Fatores Críticos de Sucesso (DE BOSSCHER et al., 2015), mas com espaço para que novas categorias fossem incluídas, visto que cada modalidade possui suas particularidades.

Ao todo foram identificadas 14 categorias, sendo que em 6 dessas ainda foram observadas algumas subcategorias. A partir da resposta dos entrevistados foi possível identificar fatores de sucesso atrelados sobretudo ao mesonível, mas houve também menção a elementos de macro e micronível. Cada categoria identificada será apresentada e discutida nas seções seguintes, partindo dos fatores de sucesso mais citados nas entrevistas, o que não necessariamente corresponde à ordem preestabelecida pelos pilares do modelo SPLISS (DE BOSSCHER et al., 2007).

Tabela 4 – Fatores que contribuem para o sucesso internacional da natação brasileira

Categorias	Subcategorias	Nº de atletas que citaram (23 total)	%
1. Suporte para atletas e pós-carreira		17	74%
1.1	Padrão de vida (renda) dos atletas	7	30%
1.2	Sistema clubístico e outros	4	17%
1.3	Equipe multidisciplinar	4	17%
1.4	Treinamentos individualizados	3	13%
2. Cultura, tradição e aspectos comportamentais		17	74%
2.1	Vivência nos Estados Unidos*	16	70%
2.2	Outros	7	30%
3. Instalações esportivas		14	61%
4. Competições		13	57%
4.1	Participação em competições internacionais	10	43%
4.2	Nível das competições nacionais	8	35%
5. Desenvolvimento e suporte para treinadores		12	52%
5.1	Profissionais capacitados	8	35%
5.2	Oportunidade de capacitação e troca de conhecimento	5	22%
6. Identificação e desenvolvimento de talentos		12	52%
6.1	Suporte para conciliar estudos e esporte	12	52%
6.2	Sistema de detecção e desenvolvimento dos talentos	5	22%
7. Suporte financeiro		11	48%
8. Participação e esporte de base		9	39%
9. Planejamento, organização e governança		6	26%
10. Fatores intrínsecas		5	22%
10.1	Predisposição genética	3	13%
10.2	Aspectos psicológicos	3	13%

Categorias	Subcategorias	Nº de atletas que citaram (23 total)	%
11. Apoio familiar		5	22%
12. Condições climáticas e geográficas		5	22%
13. Mídia e visibilidade		5	22%
14. Ciência e tecnologia		2	9%

Fonte: elaborado pela autora

* As falas dos atletas que compõem a subcategoria “2.1 Vivência nos Estados Unidos” não foram extraídas exclusivamente da questão 2 do roteiro da entrevista semiestruturada. Incluíram também falas referentes ao tema em outras questões.

5.2.1. Suporte para atletas e pós-carreira

Dentre os fatores que contribuem para o sucesso da natação brasileira, os mais citados pelos nadadores são os elementos relacionados ao pilar 5 do modelo SPLISS: Suporte para atletas e pós-carreira (DE BOSSCHER et al., 2007). Essa categoria abarca elementos bastante distintos e, portanto, foi subdividida em 4 subcategorias: (1.1) Padrão de vida (renda) dos atletas; (1.2) Sistema clubístico e outros; (1.3) Equipe multidisciplinar e (1.4) Treinamentos individualizados.

Com relação ao padrão de vida (renda) dos atletas, o Quadro 3 apresenta alguns trechos retirados das entrevistas que representam essa subcategoria.

Quadro 3 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “1.1 - Padrão de vida (renda) dos atletas”

Atleta 7	Uma das coisas que contribui muito para o sucesso da natação brasileira principalmente pela longevidade que a gente tem no esporte... a natação do Brasil acho que é mundialmente reconhecida pela longevidade que a gente tem, é pelo profissionalismo que a gente tem com a natação. Poucos países do mundo os atletas recebem a quantidade de dinheiro que recebem para poder estar nadando.
Atleta 19	Você quer ser um atleta profissional? Você não pode só depender do seu clube ou da sua seleção, isso se você estiver na seleção para estar recebendo ali por eles, sabe? Acho que você ter essa estabilidade financeira para você realmente viver do esporte, que muitas pessoas até hoje acho que têm essa mentalidade de que ‘Ah, ser atleta é um hobby, sabe?’ Não, ser atleta é como uma profissão como outra qualquer, sabe? Eu não estou ali brincando, é o meu trabalho diário.
Atleta 21	Para mim o principal fator de sucesso da natação brasileira é a questão profissional da natação. Então no Brasil, hoje mudou um pouco né, eu sei, mas por muito tempo o Brasil era o país que melhor pagava seus atletas [...], nenhum outro país conseguia oferecer esse nível profissional de salário, de clube, igual a gente tem no Minas, tem Pinheiros, tem Flamengo, tem Sesi, isso principalmente ajuda muito, muito mesmo.

Fonte: elaborado pela autora

A partir da fala dos atletas pode-se observar que a profissionalização da carreira de nadador ao longo dos anos é vista como um fator positivo que contribuiu para a melhora do desempenho esportivo dos mesmos. Essa profissionalização envolve o reconhecimento de que a rotina de um atleta de alto rendimento envolve custos de treinamento, de viagens para competição, de aquisição de equipamentos e de manutenção de um estilo de vida que requer investimentos financeiros e materiais para que ele consiga se dedicar integralmente à melhora de sua performance (NOGUEIRA et al., 2016). Além disso, alguns deles até mesmo relacionam essa profissionalização com a reconhecida longevidade que os nadadores brasileiros possuem.

Entretanto, em um estudo do modelo SPLISS realizado no ano de 2015, foi observado que o Brasil é o país que obteve a menor pontuação no pilar 5 (suporte para atletas e pós-carreira) dentre as nações analisadas. Nessa pesquisa, mais da metade dos 16 principais atletas de elite brasileiros relataram que “ganhavam menos de 10 mil euros por ano com seu esporte, mas gastavam quantias relativamente grandes de seu próprio dinheiro em suas atividades esportivas” (DE BOSSCHER et al., 2015, p. 236).

Tendo como base os achados dessa pesquisa comparativa, parece haver um certo desencontro entre tais resultados e a opinião dos nadadores olímpicos entrevistados nesse estudo. Aparentemente, tendo como base a fala dos nadadores, o cenário da natação brasileira se mostra mais promissor no que diz respeito ao apoio aos atletas e à profissionalização de suas carreiras esportivas.

Entretanto, é extremamente importante ressaltar que o suporte financeiro para a carreira dos atletas vai muito além do que apenas oferecer um salário para que o esportista consiga se dedicar à sua performance com um padrão de vida estável. É necessário que o atleta saiba fazer a gestão desse dinheiro ao longo da sua trajetória esportiva. Conforme apontado por Nogueira et al. (2016, p.189):

Uma orientação quanto à administração dos recursos financeiros, em determinados casos, é fundamental. Pode ser que o atleta consiga estabelecer uma boa condição econômica ao longo da carreira, e essa situação gradual pode ser favorável para a formação de sua educação financeira. Entretanto, em alguns casos, o atleta experimenta uma liberdade financeira de maneira repentina, sem estar preparado para lidar com tais recursos. Assim, o auxílio de um consultor competente e confiável é fundamental para auxiliar o atleta a administrar esses recursos, tanto no momento do auge da carreira quanto nos investimentos que possam assegurar um futuro economicamente estável para as novas etapas da vida.

Essa orientação financeira foi bem observada pelo Atleta 9, que afirmou

O Brasil é de fato o melhor país do mundo para se ganhar dinheiro com natação. Em nenhum outro país se ganha tanto dinheiro nadando quanto no Brasil. Isso é muito bom, porque existem atletas que sabem pegar esse dinheiro e fazer algo com ele. O que eu diria que é 1 a cada 100 atletas, 1 a cada 300 atletas, sabe pegar e reinvestir esse dinheiro em performance esportiva. (Atleta 9).

Além desse apoio com relação ao aspecto financeiro, o suporte ao atleta também deveria envolver um programa coordenado para atletas de alto rendimento que incluísse apoio aos treinamentos e competições, assessoria jurídica, treinamento de mídia, assessoria para a transição de carreira e pós-carreira, equipe multidisciplinar, dentre outros elementos (DE BOSSCHER et al., 2008b).

Nesse sentido, no contexto da natação brasileira, um fator que contribui muito com o suporte para os atletas é o sistema clubístico, predominante no país (MEIRA, 2011). Pode-se até dizer que essa percepção que os nadadores olímpicos brasileiros têm de que recebem um bom apoio para o desenvolvimento de suas carreiras, se deve ao sistema de clubes e também pelo apoio oriundo do sistema das Forças Armadas. A subcategoria 1.2 (Sistema clubístico e outros) engloba esses elementos (Quadro 4).

Quadro 4 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “1.2 – Sistema clubístico e outros”

Atleta 4	Acho que um ponto importante eu diria o sistema de clubes que nós temos aqui no Brasil. É uma coisa boa que a gente tem aqui porque, vamos lá, boa parte dos atletas lá fora têm que bancar seus próprios custos, digamos assim. E pelo menos aqui no Brasil a gente então tem a possibilidade de ter os clubes tipo Pinheiros, Minas, Flamengo, Unisanta, clubes que dão um salário. E isso de salário é uma coisa que não existe lá fora, entende? Acho que o sistema de clubes é uma coisa que ajuda, pelo menos assim, no sentido de a gente manter a nossa rotina competitiva, nossa rotina de treinos também, de contexto geral.
Atleta 8	As Forças Armadas né, é... Primeiro que dá uma rede de segurança financeira. Então você tem certeza de que seu salário vai cair no começo do mês, faça chuva ou faça sol, independentemente de estar com dificuldade financeira no país, crise e tudo mais. E tem vários benefícios, plano de saúde e tudo mais. E eles tem uma estrutura física que para vários esportes acaba sendo super útil, principalmente para a galera do atletismo. Natação o exército acabou não terminando a piscina deles. Mas eles dão esse suporte de estrutura física também, desde alojamento que o atleta pode morar e treinar lá no quartel. Dá uma oportunidade de participar de competições internacionais através do Exército, das Forças Armadas em geral.

Fonte: elaborado pela autora

A partir dessas falas fica evidente que o apoio fornecido pelo clubes e pelas Forças Armadas é visto como fundamental para o desenvolvimento esportivo dos nadadores brasileiros. Entretanto, conforme observado pelo Atleta 13 “Infelizmente no Brasil a gente depende do clube, que o clube abraça o atleta [...], tem que ter um clube, senão é muito difícil você ter uma formação de um atleta olímpico no Brasil sem clube”.

Ou seja, o sistema clubístico é visto por boa parte dos nadadores entrevistados como um fator positivo que contribui para o desenvolvimento de suas carreiras esportivas, visto que ele é capaz de fornecer o apoio necessário para o atleta em termos de treinamento, competição, infraestrutura e suporte financeiro. Mas, por outro lado, o atleta fica praticamente dependente deste sistema para que consiga evoluir em termos de desempenho esportivo. E, se acaso o nadador em desenvolvimento que busca alcançar o alto rendimento não conseguir se inserir dentro desse sistema clubístico, há poucas chances reais desse atleta atingir o sucesso esportivo visto que essa é uma realidade praticamente imposta dentro da natação brasileira.

Outro fator bastante mencionado pelos nadadores entrevistados e que também está muito atrelado ao fato de pertencer a um grande clube é a importância de uma equipe multidisciplinar (treinadores, preparadores físicos, nutricionistas, biomecânicos, psicólogos, fisioterapeutas, dentre tantos outros profissionais) trabalhando coordenadamente em benefício do atleta. O Quadro 5 apresenta falas dos nadadores que sintetizam a ideia geral da subcategoria 1.3 (Equipe multidisciplinar).

Quadro 5 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “1.3 – Equipe multidisciplinar”

Atleta 5	Se o atleta ele tem acesso a profissionais muito bons, de ter determinadas áreas, então nutrição, psicologia, fisioterapia, fisiologia, biomecânica, enfim, tudo isso, facilita com que o atleta entenda o que está fazendo de errado e o que ele precisa melhorar.
Atleta 18	Tem que ter toda uma rede de apoio por trás né, um acompanhamento psicológico, um acompanhamento médico e fisioterápico, de médico, de fisioterapeuta, de nutricionista, entendeu? Toda essa questão deve existir para você conseguir ser um atleta de alto nível, digo alto nível pra estar brigando no nível mundial, a nível olímpico ou mundial, estar lá brigando por medalha, brigando por final. Então isso no país a gente tenta até hoje. Na atualidade melhorou, mas ainda deixa a desejar. A grande verdade é que só os grandes clubes do país possuem essa estrutura.
Atleta 23	“Uma maior interação entre o time, o staff. Então a questão da interdisciplinaridade eu acho que é difícil de acontecer aqui. Então preparador físico que não fala com o treinador, que não fala com o psicólogo. Então eu vejo que existe essa dificuldade. Está mudando, os clubes mais de ponta eu acho que começaram a mudar, a ter essa percepção de que era importante.

Fonte: elaborado pela autora

Esses trechos evidenciam que os nadadores olímpicos brasileiros reconhecem a importância e a necessidade de se haver profissionais de diversas áreas atuando em prol da performance esportiva dos atletas. Entretanto, a presença de uma equipe multidisciplinar ainda é uma realidade que se restringe aos grandes clubes, que possuem maiores condições de oferecer uma estrutura totalmente voltada para o atleta de alto rendimento. Enquanto isso, a maior parte dos clubes de natação no país conta com uma equipe de profissionais mais reduzida (normalmente apenas com treinador e preparador físico). E, muitas das vezes, para o atleta ter acesso à nutricionistas, psicólogos, fisioterapeutas, dentre outros, ele acaba precisando custear esses profissionais com investimento próprio.

Outro aspecto dessa temática de suporte para atletas, abordado sobretudo pelas nadadoras, diz respeito aos treinamentos específicos e individualizados, que estejam pautados não apenas nas diferenças de provas (velocidade, meio fundo e fundo), e na diferença de estilos (crawl, costas, peito, borboleta e medley), mas também no gênero do atleta (feminino e masculino). O Quadro 6 retrata a opinião das nadadoras a respeito dessa necessidade de os treinadores brasileiros reconhecerem e compreenderem as diferenças fisiológicas entre o

atleta masculino e feminino. É imprescindível que os treinadores se capacitem para desenvolver programas de treinamento em conformidade com tais características, sobretudo os atuantes nas categorias de base, visto que na adolescência ocorrem diversas alterações fisiológicas, hormonais e corporais nos(nas) atletas que não podem ser desconsideradas. As nadadoras reconhecem que no decorrer dos anos houve uma evolução entre os treinadores do país quanto a essa temática e enfatizam a importância dessa compreensão para que a natação feminina alcance resultados mais expressivos.

Quadro 6 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “1.4 – Treinamentos individualizados”

Atleta 15	É outra coisa é a parte da individualidade em relação ao masculino e feminino. É muito novo o direcionamento do treinamento em relação ao período menstrual e a separação do desenvolvimento masculino e feminino. Porque o que acontece no Brasil é que os meninos começam a treinar levando pau das meninas que já estão mais desenvolvidas. Então elas são coelho de corrida, quando elas começam a reduzir rendimento porque elas já tiveram a menarca, e tem um certo platô, eles estão começando no desenvolvimento do corpo e na puberdade mais forte. E aí eles começam a se desenvolver e vem a falácia de que as meninas não estão afim e que não estão comprometidas. E na verdade são momentos de desenvolvimento diferentes. E é muito comum a desistência de meninas nessa época, muito comum mesmo, para além da coisa da escola, porque não há uma atenção específica da parte do desenvolvimento físico de cada um. Então você já perde aí.
Atleta 17	Eu acho que, primeira coisa que precisa separar o homem de mulher. A gente pode competir junto, mas o treino ser o mesmo não faz o menor sentido. [...] Eu acho que falta essa divisão. A gente não tem como querer misturar as coisas já que a gente faz tempos tão diferentes no feminino e no masculino. Então eu acho que o treino de força tem que ser diferente, o treino na água tem que ser diferente, tudo.
Atleta 19	Não tinha isso na minha época, mas eu vi que depois de alguns anos começaram a diferenciar, ou montar, digamos assim, equipe feminina e equipe masculina, né? Na minha época todo mundo treinava junto, mesmo treinamento. E muitas vezes a gente não tinha nem separado quem era velocista e quem era fundista, só dividia ali no final do treino, na série só. Então a gente vê como isso é importante, você ter um treinamento diferenciado para as provas que você nada. E aí tem gente que fala ‘ah, as mulheres querem se igualar em tudo aos homens e tudo mais’. Sim, mas entram muitos fatores que são diferentes, né? A questão da menstruação, de hormônios, é diferente. Os homens, sim, são mais fortes que as mulheres. Então eu acho que tem que ter um treinamento específico para as mulheres. Não que a gente vai treinar menos, nada disso, mas que seja realmente mais específico e, principalmente, para os seus períodos, para os seus ciclos, digamos assim. Porque a gente sabe o quanto muitas mulheres sentem dificuldade quanto ao ciclo menstrual e tudo mais, reagem de formas diferentes.

Fonte: elaborado pela autora

Por fim, outro fator de sucesso abordado pelo pilar 5 do modelo SPLISS é com relação ao suporte para a transição de carreira e para o pós-carreira dos atletas. É sabido que a carreira esportiva é intensa e a rotina de um atleta de alto rendimento demanda grandes esforços. Por

conta disso, enquanto os atletas estão ativos, é provável que eles fiquem relativamente isolados da sociedade e restritos ao universo esportivo (NOGUEIRA et al., 2016). Devido a este fato, uma problemática complexa existente na vida de grande parte dos atletas diz respeito à sua transição de carreira e à sua aposentadoria.

Ainda que não tenha sido um fator amplamente citado na entrevista dos nadadores, a decisão pela aposentadoria é um momento marcante na vida de todo esportista e que muitas vezes está acompanhada de grandes dúvidas e incertezas. A fala do Atleta 23 retrata bem os anseios que permeiam essa decisão:

Por que eu não parei até hoje? Por medo também né. Ninguém fala isso, nenhum atleta campeão vai te falar isso. Eu tinha medo, eu ganhava dinheiro, estava competitivo, ganhando, no topo, todo mundo me pappicava. Mas era uma coisa que ia acontecer e eu precisava tomar uma decisão. [...] Ninguém tem essa informação até onde eu posso chegar, né? [...] Aí eu peguei e me despedi. Foi um momento de dúvida, de insegurança também com relação à parte financeira. Mas ia acontecer. Então tem um lado muito legal do atleta que você vive, saúde, você come bem, você está num ambiente superlegal. Mas tem um lado muito, muito negativo também que você para e você tem que recomeçar, né? (Atleta 23).

Portanto, é necessário que as organizações responsáveis pelo desenvolvimento do esporte e, especificamente, da natação brasileira de alto rendimento também procurem desenvolver ações e programas para auxiliar os atletas nesse processo de transição para a pós-carreira esportiva. Estudos apontam que a fim de maximizar o desempenho esportivo e minimizar os problemas de adaptação ao término de uma carreira de elite, os atletas devem dar início à preparação para a vida após o esporte ainda enquanto estão ativos em suas carreiras esportivas (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004). Conforme indicado por Nogueira (2022), esse suporte deve envolver assistência e consultoria para inserir os atletas no mercado de trabalho, com direcionamento vocacional, e com apoio tanto na esfera psicológica, quanto psicossocial e financeira.

5.2.2. Cultura, tradição e aspectos comportamentais

A segunda categoria que mais esteve presente na fala dos entrevistados se relaciona com fatores culturais, comportamentais e da tradição, tanto da sociedade brasileira como um todo, quanto especificamente do ambiente da natação do país. Essa categoria foi subdividida em duas: (2.1) Vivência nos Estados Unidos e (2.2) Outros.

Especificamente com relação à subcategoria “2.1 Vivência nos Estados Unidos”, essa foi mencionada por um elevado número de nadadores olímpicos entrevistados (70%). Entretanto, é necessário realizar uma importante observação quanto à análise e categorização desse tema. As falas dos atletas que compõe essa subcategoria não emergiram exclusivamente da questão 2 do roteiro da entrevista (“Na sua perspectiva, quais são os cinco fatores mais importantes que contribuem para o sucesso internacional da natação do Brasil?”). Em se tratando de uma entrevista semiestruturada, todo o conteúdo do material deve ser levado em consideração. Portanto, devido à dinamicidade do diálogo com os entrevistados, os trechos que compõe essa subcategoria foram extraídos de momentos distintos ao longo da conversa.

Os Estados Unidos são a principal potência da natação mundial, sendo disparado o país com o maior número de medalhas em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. Por conta disso, culturalmente no contexto da natação brasileira não é raro de se observar jovens atletas que se destacam nas categorias juniores (17 a 19 anos) se mudarem para os Estados Unidos para darem sequência em suas carreiras de nadadores profissionais. Esse fato parece ser um diferencial da natação brasileira em relação às demais modalidades esportivas do país, visto que ele não ocorre com tamanha frequência em outras modalidades. Além disso, ao traçar paralelos com o SPLISS, como se trata de um modelo conceitual mais genérico, ele não apresenta um pilar que abranja especificamente esse intercâmbio de atletas, reiterando que este parece ser um fator de sucesso exclusivo da natação brasileira.

Essa cultura hoje amplamente difundida no cenário da natação brasileira de alto rendimento teve seu início por volta das décadas de 1980 e 1990, quando alguns nadadores de renome passaram a viver e treinar nos EUA na busca de atingir resultados mais expressivos. Na entrevista com o Atleta 14, ele discorre detalhadamente a respeito de como se deu o início desse processo e das motivações que levaram os nadadores a buscarem esse intercâmbio:

O processo migratório, processo de ida de atletas brasileiros a ir treinar nos Estados Unidos, começando pelo Ricardo Prado em 1980 [...]. Então existia uma memória e um exemplo disso. [...] Aí veio toda a onda de uma galera indo, aí foi o Gustavo, foi o Cristiano Michelena, Renato Ramalho, uma leva, uma nova onda de gente que foi. E essa galera passou a ser muito referência para nós que treinávamos aqui. Os caras vinham pra nadar, e nadavam muito bem. Não só tinham resultado em uma prova, mas você via eles muito mais preparados para a competição e para nadar em geral. Então a ida de atletas no início da década de 90 para os Estados Unidos de forma mais em bloco, não só de forma isolada, foi muito importante. Por que foi importante? Eles passaram a vivenciar outros métodos, outro ambiente de competição e treinamento, diferente do que tinha do Brasil. E passaram a gerar na comunidade brasileira, inicialmente mais aos atletas que estavam no Brasil do que nos próprios treinadores, no meu ponto de vista, uma curiosidade do que os caras faziam lá, de como era a experiência lá, de qual

era essa vivência, e despertando o interesse de mais atletas fazerem a mesma rota, o mesmo caminho. Porque os caras iam, nadavam bem pra caramba, tinham destaque e tal, voltavam pro Brasil e eram os caras que compunham a maioria da seleção nacional, tirando algumas exceções. (Atleta 14).

Nesse sentido, foi possível identificar ao longo das entrevistas alguns dos principais fatores que motivam os nadadores brasileiros a migrarem para os EUA. Dentre esses motivadores, os que mais foram mencionados são (1) a alta competitividade inerente ao cenário da natação estadunidense; (2) a curiosidade por conhecer diferentes métodos de treinamento; (3) a busca por estruturas mais profissionais e de alto padrão e (4) a possibilidade de conciliar a carreira de atleta com os estudos universitários. O Quadro 7 apresenta algumas falas que exemplificam esses motivadores.

Quadro 7 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “2.1 – Vivência nos Estados Unidos”

Atleta 3	Uma coisa importante que eu acho que eu fui até buscar fora do país foi a alta competitividade. Quando eu fui morar nos Estados Unidos, eu morei por dez anos nos Estados Unidos, eu fui em busca disso, da competitividade que existe lá.
Atleta 9	E nos Estados Unidos, treinando dentro de uma universidade, foi onde eu encontrei o nível de competitividade, o nível de seriedade e de profissionalismo que eu precisava para me desenvolver ali.
Atleta 11	Eu tomei essa decisão de ir para os Estados Unidos, que era uma coisa que eu não tinha feito né. [...] Acho que a partir daí realmente eu consegui uma consciência maior de como que eu poderia treinar. Isso só foi sendo aprimorado. Ao mesmo tempo, depois que eu voltei de Coral Springs, eu fiquei muito exigente. Então não era fácil me treinar, digamos assim (risos). Porque eu não aceitava qualquer coisa.
Atleta 21	Então eu tive que tomar uma decisão entre ou eu vou seguir minha carreira de natação e abandonar os estudos, ou então eu vou ter que achar uma outra forma, digamos assim. [...] A minha decisão de vir aqui para os Estados Unidos também, sem dúvida nenhuma, foi um fator que foi fundamental na minha carreira. Foi um momento de, 18 anos de idade, um momento de transição e poder ter vindo pra cá sabendo que eu teria oportunidade de continuar desenvolvendo a minha natação no mais alto nível e ao mesmo tempo continuar buscando uma carreira acadêmica para me preparar para o meu futuro pós natação, aquilo foi essencial pra me deixar mais calmo.

Fonte: elaborado pela autora

Com base nessas falas nota-se que os motivos que levam os nadadores brasileiros e realizarem esse intercâmbio nos EUA está sobretudo relacionado com a busca por uma realidade que no Brasil ainda apresenta falhas. Isto é, alguns atletas julgam que, ao permanecer no Brasil, eles não teriam as oportunidades e condições que almejam para desenvolverem suas carreiras. E na tentativa de alcançar uma realidade que consideram mais propícia para seu desenvolvimento esportivo (e acadêmico), eles acabam apostando nessa mudança de país.

As seções seguintes deste estudo vão apresentar a realidade da natação brasileira, abordando esses fatores que têm sido motivadores para que os nadadores brasileiros deixem o país – apresentando suas potencialidades, suas falhas e indicando possibilidades de avanço. Serão feitas discussões mais aprofundadas relacionadas à competitividade no cenário brasileiro, aos profissionais que atuam na natação nacional, às infraestruturas esportivas do país, à gestão da natação brasileira, a dificuldade de se conciliar estudos e esporte no Brasil, dentre outros fatores.

Porém, é importante ressaltar que, como a decisão de sair do país se trata de uma escolha particular de cada atleta, alguns nadadores que realizaram tal intercâmbio avaliam que a experiência não foi tão positiva quando imaginaram e acabam optando por retornar ao Brasil:

Igual quando eu fui fazer faculdade no Estados Unidos também. Não foi bom para mim, não gostei. Mas foi por um aprendizado, né? A mudança de país foi legal, mas a mudança da cultura de treinamento eu não gostei. (Atleta 1).

Por exemplo, eu fui morar nos Estados Unidos [...]. Aí chegou lá, aí eu vi que ‘puts, não é aqui que eu vou ir para uma Olimpíada’, sabe? E aí deu uns meses, eu decidi voltar. Mas eu não acho que foi uma decisão errada. Não é uma coisa que eu me arrependa. (Atleta 8).

Ou seja, é evidente que cada atleta vivencia uma experiência única e responde a ela de maneiras distintas. Com isso, dá para se concluir que, por mais que a mudança para os EUA seja um fato muito presente na cultura da natação brasileira, não há como afirmar que é um fator determinante para o sucesso esportivo dos nadadores brasileiros.

Na literatura, os estudos que mencionam a realização de intercâmbios como um fator que contribui para o sucesso esportivo tratam sobretudo de intercâmbios temporários, com um período de realização mais curto. Green e Oakley (2001), por exemplo, apontam que treinamentos de campo e intercâmbios internacionais são estratégias efetivas na preparação de atletas e equipes nacionais. O estudo de Mazzei (2015) identificou que atletas de judô de alto rendimento realizam intercâmbios temporários e treinamentos de campo para adquirir experiências de treinamento com alto nível de qualidade. Entretanto, não foi possível encontrar pesquisas que tratassem especificamente de intercâmbios de caráter mais permanente e o impacto que esses exercem no desenvolvimento esportivo dos atletas.

Já a subcategoria “2.2 Outros” envolve demais aspectos culturais e comportamentais, tanto da realidade da população brasileira como um todo, quanto especificamente do contexto da natação de alto rendimento do Brasil, que acabam influenciando (direta ou indiretamente)

o sucesso da modalidade. Esses elementos estão atrelados aos fatores de sucesso presentes no macronível e, portanto, não são facilmente modificáveis por meio de ações dos governos e de políticas públicas (DE BOSSCHER et al., 2006).

Um fato cultural mencionado pelos entrevistados é o modo com que o esporte é encarado pelo povo brasileiro. Culturalmente no Brasil o esporte não costuma ser visto como um instrumento de saúde, educação, bem-estar social e formador de cidadãos íntegros. E conforme apontado pelos entrevistados, essa visão prejudica todo o ciclo esportivo, desde o fomento à prática na base e, conseqüentemente, até a formação de atletas de alto rendimento que defendem o país internacionalmente. A fala do Atleta 20 exemplifica essa realidade

Eu acho que no Brasil o esporte ainda não é visto como precursor de um cidadão, formador de cidadãos, de bons cidadãos. Eu acho que ele ainda não é encarado como um educador, como um meio de manter as crianças ocupadas, de qualidade de vida, de respeito e de hierarquia. Eu acho que o esporte tem tantas ferramentas para ensinar né, tanto quanto a escola em si. E eu acho que no Brasil falta um pouco disso. Eu acho que o esporte não é visto como uma ferramenta para formação de um ser humano, de um cidadão (Atleta 20).

Na literatura há uma vasta gama de estudos afirmando que o esporte é um importante aliado na formação de cidadãos íntegros e com senso crítico (CAPITANIO, 2003), difundindo entre seus praticantes inúmeros valores (respeito, diálogo, sinceridade, dentre outros) (CARRERAS, 2006), além de integrar socialmente os indivíduos, desenvolvendo relacionamentos positivos com seus familiares e colegas (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2004).

Outro aspecto presente nessa subcategoria tem relação com o histórico da prática de esporte no país e com a forte presença de clubes sócio-esportivos no Brasil, que são os grandes responsáveis pela formação de atletas de alto rendimento no país. Em um breve histórico, a fundação de clubes no Brasil teve início ainda no século XIX, com a vinda de imigrantes europeus ao país. Esses grupos de indivíduos passaram então a se reunir em movimentos associativos com o intuito de manterem suas culturas e tradições, o que incluía a prática de atividades físicas e esportivas (BARROS; MAZZEI, 2012). Com o passar do tempo, “os clubes sócio-esportivos se tornaram a base fundamental do esporte no Brasil, distante do poder público, privados e com autonomia para decidir o que seria melhor para seu associados.” (MAZZEI; BUENO, 2023, p. 33).

Porém, esse caráter tanto social quanto esportivo da maioria dos clubes brasileiros acaba gerando alguns entraves que limitam a formação de atletas de alto rendimento:

Essa parte do clube ser social acaba fazendo com que o clube seja limitante ao alto rendimento [...] por uma questão de conflito de objetivos, por uma questão do espaço, eu digo espaço físico mesmo, por uma questão de mentalidade. [...] Isso gera uma série de conflitos de interesses. (Atleta 9)

[...] você divide ali a área com os sócios e aí o horário do treino não é o melhor, a quantidade de raias é muito pouca, a piscina é muito mais quente do que deveria ser, então você acaba tendo vários problemas ali de estrutura... (Atleta 17).

De acordo com Galatti (2010) e Mattar (2012), é comum de se observar em clubes sócio-esportivos a existência de um enorme viés político, o que cria um ambiente contraproducente em que grupos com visões e interesses conflitantes impedem que a organização atue de maneira integrada e em direção única.

Por fim, especificamente quanto aos aspectos culturais e comportamentais da natação de alto rendimento no Brasil, alguns atletas mencionaram uma postura negativa dos nadadores brasileiros frente às competições internacionais e aos grandes adversários. Para alguns entrevistados, falta ainda aos nadadores do país uma mentalidade mais forte e mais positiva para encarar esses desafios que naturalmente fazem parte da realidade de um atleta de alto rendimento. O Atleta 22 retrata essa percepção:

Só que eu acho assim, quando vem em competições, eu acho que a nossa mentalidade como brasileiro é um pouco fraca, sabe? Eu acho que, por exemplo assim, eu sempre vinha para umas competições na Europa e eu sempre pensava que tipo ‘Ah, eu vou para a competição, mas eu vou acabar perdendo porque eles são muito melhores do que eu’, entendeu? Então [...] a gente precisa também ter um pouco maior esse incremento da mentalidade para encarar as competições. (Atleta 22).

Essa ideia é complementada pelo Atleta 9, quando ele afirma: “existe muito essa questão de respeitar demais o adversário”.

Nesse mesmo sentido, há estudos indicando que atletas olímpicos relatam que a pressão e as distrações nos Jogos Olímpicos tornam seus níveis de confiança mais frágeis e que eles se sentem mais vulneráveis à instabilidade (GOULD et al., 1999). Certamente essa visão de inferioridade e esse sentimento de incapacidade que alguns nadadores brasileiros de alto rendimento apresentam não pode ser generalizada para todos. Segundo Vealey (1992), o sucesso no esporte parece ser facilitado por uma autopercepção positiva do atleta e por melhores competências cognitivas e comportamentais. Outro fato bastante relevante sugerido pelo autor é de que a cultura organizacional do esporte e da sociedade influenciam na manifestação da confiança esportiva dos atletas (VEALEY, 1986).

Visto isso, é fundamental que essas características comportamentais que permeiam a cultura da natação de rendimento do Brasil sejam trabalhadas para que os atletas consigam assumir uma postura mais positiva e segura em momentos decisivos de suas carreiras.

5.2.3. Instalações esportivas

O segundo fator de sucesso mais citado pelos nadadores são as instalações esportivas. As estruturas para treinamento e para competições são abordadas pelo pilar 6 do modelo SPLISS (DE BOSSCHER et al., 2007). O Quadro 8 apresenta falas dos entrevistados que retratam a opinião dos mesmos sobre o tema.

Quadro 8 – Trechos da entrevista que representam a categoria “3 – Instalações esportivas”

Atleta 1	Pontos que a gente poderia melhorar são as estruturas das piscinas, né? Então não são todas que têm os itens necessários para fazer um treinamento. Então assim, um aquecimento ideal, uma cobertura ideal, um vestiário ideal. Coisas básicas, né? Uma água tratada, uma água bem tratada. Acho que isso poderia ter em mais piscinas.
Atleta 3	Também estruturas, estruturas de treinamento. Aqui no Brasil ainda temos poucas estruturas, pouquíssimas mesmo. Até a seletiva olímpica passada houve bastante reclamação da estrutura lá do Parque Aquático Maria Lenk, que chamam de uma estrutura muito boa, mas é um parque aquático aberto, então tem muita influência que pode prejudicar os atletas, como frio, chuva, vento.
Atleta 8	É, eu acho que assim, pensando em estruturas de qualidade... Então você pega uma piscina de qualidade, que tenha 25m ou 50m, com blocos minimamente decentes, que sejam aquecidas, com raia, que tenha um vestiário do lado e que talvez tenha uma sala de musculação próxima, é difícil você achar essa estrutura no Brasil em relação a outros lugares que a gente acha na Europa, na Ásia, nos Estados Unidos, na América do Norte. Então acho que a gente tem poucas opções.
Atleta 22	Eu acho que no Brasil a gente consegue contar no dedo mesmo quantas piscinas boas a gente tem. A gente estava até tendo problema agora com esse Maria Lenk, onde a gente não sabia onde ia ser a competição porque o Maria Lenk mesmo, que é onde a gente sempre faz, onde as competições sempre acontecem, estava sendo reformado.

Fonte: elaborado pela autora

Fica evidente que o principal ponto observado pelos nadadores olímpicos é com relação à baixa quantidade de piscinas de qualidade no território brasileiro. Os atletas reconhecem que a presença de instalações esportivas é fundamental para o desenvolvimento dos nadadores, mas que, infelizmente, no país ainda há poucas estruturas para a realização de treinamentos e competições nacionais. As piscinas semiolímpicas e olímpicas do Brasil com os melhores equipamentos, cobertas e aquecidas, estão localizadas nos principais clubes do país, ou seja, são piscinas privadas. Ter acesso a uma piscina pública de 25m ou 50m,

aquecida, e que conte minimamente com água tratada, blocos de partida e raias, é uma realidade ainda bem limitada no país, ainda mais considerando sua dimensão territorial.

Nesse sentido, a presença de instalações é importante para o desenvolvimento da natação brasileira em duas vertentes: potencializar a natação de alto rendimento; e massificar e oportunizar a prática da natação de base. Por um lado, centros aquáticos que contem com piscinas olímpicas que sigam os padrões impostos pela World Aquatics, e que possuam toda uma estrutura auxiliar no seu entorno (vestiários, piscina de soltura, sala de musculação, arquibancada, serviços multidisciplinares, etc.), são extremamente relevantes para que atletas de elite se desenvolvam e para que grandes competições nacionais sejam realizadas com efetividade e segurança.

Por outro lado, a fim de aumentar a base de nadadores praticantes, piscinas nesses padrões de excelência podem ser dispensáveis. A opinião da Atleta 15 representa bem este fato: “E a gente poderia ter uma peneira muito maior e que fosse mais acessível praticar natação, né? Tipo, nem maiô ou material caro, eu digo de ter uma piscina mesmo, cair e nadar”. A existência de um maior número de piscinas, sobretudo públicas, distribuídas pelos municípios brasileiros é um fator primordial para oportunizar a prática da natação para crianças e adolescentes.

Assim, uma alternativa para a implementação de um maior número de instalações esportivas distribuídas ao longo do território nacional seria por meio de um sistema de rede (MAZZEI; AMARAL, 2016). Países com dimensões continentais, como é o caso do Brasil, e que possuem sucesso esportivo reconhecido (p. ex.: Austrália, China e Estados Unidos) obtiveram êxito em organizar seus centros de treinamento em formato de rede, que partem de instalações maiores, localizadas em grandes centros, e contam com instalações menores espalhadas regionalmente (HOULIHAN; GREEN, 2008).

Nesse sentido, para viabilizar a existência de uma rede de centros de treinamento no Brasil, um nadador olímpico entrevistado abordou a necessidade de inicialmente se realizar um mapeamento das estruturas do país para se compreender as necessidades da modalidade:

Eu acredito que a confederação obrigatoriamente teria que ter uma ação junto com as federações para fazer um mapeamento e entender as estruturas que existem no país. Eu sei que em São Paulo a gente tem entre quatro e cinco mil atletas praticantes. Então já é um destaque aí em comparação com os outros estados. Mas para desenvolver a natação, embora necessite de estrutura também, precisaria fazer um mapeamento para entender quais são as necessidades, entender os problemas que estão ali e propor soluções e determinar metas a longo prazo. (Atleta 23).

A visão desse nadador é corroborada e complementada por Mazzei e Amaral (2016) quando afirmam que primeiramente é necessário catalogar as instalações já existentes com uma tipologia padronizada (objetivos e abrangência: centro nacional, regional, local, etc.). Após esse mapeamento, é necessário formar parcerias e unir esforços entre as confederações e as organizações públicas (prefeituras e estados), instituições educacionais (geralmente universidades), grandes clubes e Forças Armadas para viabilizar a implementação de uma rede de centros de treinamento no Brasil (MAZZEI; AMARAL, 2016).

Para tanto, é imprescindível definir quais organizações e entidades serão responsáveis pela gestão dessas estruturas e por sua manutenção. A fala do Atleta 9 representa a preocupação quanto a administração e a utilização das instalações já existentes no país: “Nós temos estruturas maravilhosas no nosso país [...], mas que são mal gerenciadas e muitas vezes são subutilizadas”. Exemplo claro desse fato foi o que ocorreu com diversos estádios, piscinas e pistas construídas para os Jogos Olímpicos Rio 2016 que, após alguns anos, foram abandonadas e, em muitos casos, nunca mais foram utilizadas (GLOBOESPORTE, 2023).

Portanto, fica evidente que as instalações esportivas como um fator de sucesso é um tema complexo e que envolve diversos elementos. Não basta simplesmente construir novas piscinas para a prática da modalidade. Para que a natação seja efetivamente difundida é necessário verificar em quais estados e municípios há uma demanda maior por novas instalações, estabelecer os responsáveis pela gestão dessas estruturas e desenvolver um planejamento a longo prazo que defina de que modo essas instalações serão utilizadas.

5.2.4. Competições

Fator muito mencionado pelos nadadores entrevistados, as competições são o ponto chave para atestar o sucesso esportivo de um atleta e de um país. Composto o pilar 8 do SPLISS, a participação em competições de alta qualidade contribui para o desenvolvimento e o ganho de *expertise* de atletas de alto rendimento (DE BOSSCHER et al., 2007). “Não existem avanços no rendimento se não se oferecer ao atleta a possibilidade de competir. O jogo de participação na competição é o meio altamente válido para se consolidar e melhorar os níveis atingidos no treinamento” (GRECO; BENDA, 2007, p. 79).

Dentre os elementos que compõe esse pilar, estão tanto a frequência de participação de atletas em campeonatos internacionais, quanto o nível competitivo dos campeonatos realizados nacionalmente (DE BOSSCHER et al., 2015). Assim, essa quarta categoria foi

subdividida em 2 subcategorias: (4.1) Participação em competições internacionais, e (4.2) Nível das competições nacionais.

O Quadro 9 apresenta falas com a opinião dos atletas a respeito da participação em eventos internacionais. De maneira geral, todos os nadadores reconhecem a necessidade de competir internacionalmente com uma maior frequência, mas também sinalizam que, por uma distância geográfica, a participação em campeonatos no exterior fica reduzida.

Quadro 9 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “4.1 – Participação em competições internacionais”

Atleta 4	Outro fator que também pode contribuir para o sucesso é competir mais vezes. Infelizmente, geograficamente, a gente está mal localizado quando se para pra pensar a respeito de competição. Porque a gente está a 10h de viagem de uma competição nos Estados Unidos e de uma competição na Europa. Então competir em alto nível mais vezes, pelo menos para mim, eu acho válido porque te deixa mais preparado para quando chega no Mundial ou numa Olimpíada.
Atleta 6	Acho que ter competições, mais competições fortes, né? Estar toda hora competindo internacionalmente, isso também vai te ajudar a ter um melhor resultado lá pra fora também. Acostumado a competir o tempo inteiro.
Atleta 20	Para competir de alto nível durante o ano precisa viajar, e o mais próximo que a gente consegue viajar é para Estados Unidos. Porque na América do Sul não existe nenhum concorrente para o Brasil, nem na América Central, somente nos Estados Unidos [...] Essa é uma diferença que a gente tem, porque os americanos têm muita gente de alta qualidade, eles competem em alto nível sempre, o ano inteiro. E a Europa são países muito próximos uns dos outros, [...] então eles têm competições de alto nível também o tempo inteiro. Então esse eu acho que é o maior fator de diferença do Brasil para os países de alto nível da nataçãõ.
Atleta 22	Então assim, isso é uma coisa que nós, nadadores, a gente está tentando fazer mais, que é procurar essas competições fora do Brasil, essas competições de mais alto nível, para estar mesmo nadando, para ter essa competitividade um pouquinho maior.

Fonte: elaborado pela autora

Por conta desse distanciamento geográfico, participar de eventos realizados nos EUA ou na Europa, como mencionaram os entrevistados, envolve planejamento, recursos e investimentos financeiros que, muitas vezes, impedem que esses nadadores estejam competindo internacionalmente com a frequência que gostariam. Assim, “a participação em um calendário competitivo internacional é importante, mas também é fundamental que o atleta se sinta respaldado em relação aos custos e despesas relativos aos eventos esportivos para maximizar seu desempenho” (MAZZEI; SILVA JÚNIOR, 2016, p. 256).

Visto que a participação em competições internacionais é limitada, uma alternativa seria fomentar e realizar mais eventos nacionais para estimular a competitividade entre os nadadores brasileiros. Porém, os nadadores apontam que os campeonatos nacionais não

possuem o mesmo padrão e o mesmo nível de competitividade que os eventos internacionais. O Quadro 10 sintetiza a opinião dos atletas quanto às competições realizadas no Brasil.

Quadro 10 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “4.2 – Nível das competições nacionais”

Atleta 14	Porque a essência do resultado esportivo está em ir para a competição, entende? Você não propiciar esse ambiente é muito complicado. Então se a gente tivesse aqui circuitos que fossem de locais a nacionais, é... se você tivesse, não digo todo final de semana, mas se na média você tivesse uma boa competição pelo menos uma vez por mês ao longo do ano todo, [...] se tivesse uma boa competição de nível de alta competitividade durante a temporada, realizado uma vez por mês para ele poder estar competindo, com certeza o resultado ia ser outro.
Atleta 20	A questão de competir mais vezes isso é uma coisa que falta no Brasil, especialmente competição de qualidade. Mas aí é uma coisa que você não pode criar qualidade do nada né? Precisa ter atletas de qualidade, competições de alto nível e tal. E infelizmente no Brasil a gente não tem muitas né? Então falta bastante isso. Eu acho que essa é a grande diferença entre o Brasil e os países de primeiro mundo na natação, essa competitividade. Porque aqui no Brasil a gente só consegue competir em alto nível nas competições principais.
Atleta 21	A gente tem estrutura de Finkel, de Maria Lenk, de algumas competições que eu acho bem interessantes. Mas eu acho que falha muito nas competições de base, falham muito na questão de conseguir desenvolver de uma maneira um pouco mais constante competições para esses atletas de base.
Atleta 22	Para mim o que eu acho que falta um pouco no Brasil é a questão de competitividade, talvez. Eu acho que assim, querendo ou não, o nosso calendário de competições ele não é nada extenso. A gente praticamente tem duas competições no ano todo, que são dois Brasileiros que a gente tem, o Maria Lenk no começo do ano e o Finkel no final do ano.

Fonte: elaborado pela autora

Com base nessas falas, verifica-se que os entrevistados apontam tanto para a baixa quantidade de competições nacionais realizadas no país (que basicamente se restringem aos dois campeonatos brasileiros realizados por ano), quanto para o grau de competitividade desses campeonatos. Os Atletas 14 e 22 sugerem que a qualidade e o nível técnico dos nadadores brasileiros estão diretamente relacionados com a frequência de competições realizadas no país. Para eles, se a natação brasileira possuísse mais campeonatos ao longo do ano, isso acarretaria no crescimento da qualidade dos resultados esportivos dos nadadores do Brasil.

Porém, conforme sinalizado pelo Atleta 20, não é somente a frequência das competições que deve ser analisada, mas também o nível desses campeonatos, visto que não é interessante haver competições nacionais com baixa competitividade se o objetivo é formar atletas com padrões competitivos razoáveis. Assim, “quanto maior for a exigência em campeonatos nacionais, maior a probabilidade de formação de equipes e seleções com

competência e exigências para os padrões internacionais de rendimento (MAZZEI; SILVA JÚNIOR, 2016, p. 260).

Uma outra vertente relacionada às competições foi apontada pelo Atleta 21 e diz respeito aos eventos nacionais direcionados para os nadadores de base. A realização de competições (desde locais, regionais, estaduais e até nacionais) para crianças e jovens que estão iniciando suas trajetórias esportivas na natação é fundamental para se estimular o interesse pelo esporte. Esses eventos também exercem um papel importante no envolvimento dos familiares e de toda a comunidade local com a formação social e esportiva dessas crianças e adolescentes, despertando nesses jovens sentimentos de acolhimento e de pertencimento a uma equipe. Além disso, fomentar a competitividade entre os nadadores de base é imprescindível para se gerar um maior contingente de atletas que alcancem o alto rendimento esportivo futuramente.

5.2.5. Desenvolvimento e suporte para treinadores

Outro fator mencionado por mais da metade dos nadadores olímpicos entrevistados é presença de profissionais (sobretudo treinadores) capacitados. Este fator é abordado pelo SPLISS em seu pilar 7: Desenvolvimento e suporte para treinadores (DE BOSSCHER et al., 2007). Basicamente esse pilar envolve desde a quantidade de treinadores bem capacitados existentes no país, quanto as oportunidades de desenvolvimento profissional e troca de conhecimento entre esses treinadores, e ainda a valorização dada a esses profissionais (DE BOSSCHER et al., 2015).

Com base nas respostas obtidas pelos nadadores, essa categoria foi subdividida entre (5.1) Profissionais capacitados; e (5.2) Oportunidade de capacitação e troca de conhecimento. O Quadro 11 traz a visão dos atletas com relação à presença de treinadores capacitados no cenário da natação brasileira.

Quadro 11 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “5.1 – Profissionais capacitados”

Atleta 4	Profissionais empenhados eu diria que é outro ponto. Isso é o que acontece, os nossos profissionais são bons.
Atleta 5	A gente tem uma qualidade aqui de treinamento, de treinadores muito boa. Então isso é uma coisa que dá para falar que a gente também tem benefício nisso. Então, um atleta sem um treinador bom, por mais que ele seja dedicado e enfim, tem afinco para fazer, não vai longe se ele não tem um direcionamento correto.
Atleta 10	Acho que mão de obra humana. Nós temos treinadores bons, e aí eu quero deixar muito claro o que eu estou falando: o treinador bom no sentido de fazer periodização, tá? Eu entendo que um bom treinador tem muitos outros aspectos que faltam a todos eles.”
Atleta 19	“Eu acho que a gente sempre teve grandes profissionais e que, sim, é superimportante você ter. Treinadores super capacitados e que não parem no tempo, que estejam sempre estudando, se aprimorando. E você vê que alguns meio que paravam na linha do tempo, mas outros não, estavam sempre buscando novas tecnologias, buscando novos treinamentos, novos estudos.

Fonte: elaborado pela autora

Os atletas que mencionaram esse fator reconhecem a existência de bons profissionais no Brasil, e que estes são um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento de nadadores de sucesso no país. Porém, vale ressaltar que há uma vasta gama de competências e habilidades necessárias para um bom treinador esportivo. Conforme observado pela Atleta 10, bons treinadores não se restringem apenas a possuir conhecimentos técnicos da modalidade, de periodização de treinos, fisiologia do exercício e afins. Bons treinadores também devem ser dotados de habilidades interpessoais, que saibam liderar e motivar sua equipe, devem possuir uma comunicação clara e efetiva tanto com os atletas quanto com outros membros da comissão técnica, e que possuam a capacidade de resolução de conflitos (ROSADO, 2000).

Já no Quadro 12 são apresentadas as falas dos atletas com relação às oportunidades de capacitação profissional e troca de conhecimento entre os treinadores brasileiros.

Quadro 12 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “5.2 – Oportunidade de capacitação e troca de conhecimento”

Atleta 9	O técnico brasileiro da natação ele é muito fechado no mercado nacional, no interno, no que ele acha que sabe, no que ele acha que domina. Então não existe também muito esse intercâmbio, talvez por uma distância geográfica, talvez por uma questão cultural e histórica, mas não existe muito esse interesse, essa prática de se buscar conhecimento fora. O técnico brasileiro e os técnicos que se julgam os melhores do país, e geralmente são os técnicos dos grandes clubes brasileiros e que já estão em atividade há algumas décadas, eu tenho a impressão de que eles se acham o suficiente e eles não buscam o aperfeiçoamento.
Atleta 14	A clínica é importante. O fator mais relevante daí é a transparência na troca de conhecimento e informação entre esses profissionais. É um ambiente propício a realmente gerar troca, troca de conhecimento. Porque muitas vezes você vai, mas você fica escondendo o que você faz.
Atleta 23	Uma outra coisa que eu acho que é muito fraco, eu falo com propriedade também, é a reciclagem dos treinadores. Eu não digo dos treinadores juniores, eu digo dos treinadores masters, eles não se reciclam. Hoje em dia a gente entende como é fácil você fazer cursos fora, hoje tem tradução simultânea de tudo, tem legenda em tudo. Então pode ser ou um investimento pessoal, ou das federações e confederações pensando nisso, nesses treinadores sendo mentores dos treinadores mais jovens. Isso é muito importante, eu entendo que eles sempre comentam dos treinadores juniores seguirem os treinadores masters aqui, os treinadores sênior aqui do país. Mas eu acho que isso limita conhecimento. Eu acho que os treinadores mais veteranos precisam se reciclar sempre.

Fonte: elaborado pela autora

A partir desses trechos fica evidente que os nadadores olímpicos consideram que a troca de conhecimento e experiência entre os treinadores e a busca por novos aprendizados é fundamental para que esses profissionais se mantenham atualizados e desenvolvam programas de treinamentos cada vez mais efetivos. Entretanto, esses atletas apontam que essa constante reciclagem entre os treinadores de natação do país é um fator que ainda precisa ser aprimorado, sobretudo entre os treinadores mais antigos e experientes. Na visão dos nadadores, os treinadores do país necessitam constantemente buscar aprendizado advindo de outros polos da natação mundial, e repassar esse conhecimento entre os demais treinadores atuantes no Brasil. E apontam ainda que esse constante aprendizado e aperfeiçoamento pode ser um investimento pessoal de cada treinador, ou ainda, um investimento que as federações e confederações poderiam fazer para melhorar a qualidade dos profissionais atuantes no país.

Além desses dois elementos bastante abordados pelos entrevistados, este pilar do SPLISS abarca ainda a valorização da profissão de treinador no país e o padrão de vida desses profissionais. O Atleta 23 foi o único que mencionou essa temática em sua fala:

Mas eu entendo também que os profissionais que trabalham para o esporte eles não são bem remunerados. Então dificilmente você consegue profissionais excelentes para dedicar 100% para o esporte, isso eu tenho notado com mais frequência. Eu estou falando dos profissionais que trabalham para os atletas. Eu acho que deveria ser mais bem valorizado, o preparador físico, o fisioterapeuta... Então a gente entende que muitas vezes é um sonho para os profissionais irem para uma Olimpíada, participar de um Panamericano. Mas se você pensar na parte de remuneração, eu não vejo a maioria satisfeito, sabe? Então é aquela coisa 'eu vou entregar o que dá para entregar'. (Atleta 23).

A opinião deste atleta vai ao encontro do estudo de Böhme e Bastos (2016) que identificou que mais de 75% dos treinadores brasileiros afirmam que o apoio financeiro dado a eles é insuficiente. Além disso, a valorização dada ao profissional está além da remuneração; ela se baseia também em fatores como dignidade, realização, reconhecimento, segurança e perspectivas promissoras. Um outro dado relevante obtido nessa pesquisa é que embora haja uma legislação que reconheça a profissão de treinador esportivo (BRASIL, 2023) e embora exista um conselho nacional que regulamente a profissão, mais de 80% dos treinadores do país diziam não possuir o reconhecimento devido (KANETA; KANASIRO; DOS SANTOS, 2016).

Com base nas discussões acima, fica claro que ao mesmo tempo em que boa parte dos nadadores entrevistados afirma que o país possui bons profissionais e bem capacitados para executarem a função de treinador, muitos também apontam para uma falta de oportunidades e interesse por parte desses treinadores na busca por obter novos conhecimentos e manterem-se atualizados. Essa realidade, entretanto, não parece ser uma particularidade da natação brasileira. O estudo do SPLISS 2.0 coletou a opinião de 431 atletas, 57 treinadores e 10 diretores esportivos brasileiros de diversas modalidades. As análises apontam que o Brasil apresenta resultados insatisfatórios no que diz respeito às oportunidades de capacitação e desenvolvimento profissional dos treinadores, bem como com relação ao padrão de vida e valorização da profissão de treinador no país. Porém, o estudo apontou que os atletas brasileiros avaliam o nível e a experiência de seus treinadores como razoavelmente satisfatórios (DE BOSSCHER et al., 2015).

Com base nesses resultados, fica evidente a necessidade de que as organizações encarregadas de desenvolver o esporte no país, sejam elas públicas (como o Ministério do Esporte e as Secretarias Estaduais e Municipais) ou privadas (como o Comitê Olímpico do Brasil, Comitê Brasileiro de Clubes, confederações, etc;) promovam ações para capacitação dos treinadores e troca de conhecimento entre esses profissionais. Bons exemplos que têm sido desenvolvidos atualmente são os cursos de extensão promovidos pelo CBC (Formação

Esportiva e Desenvolvimento de Atletas) (COMITÊ BRASILEIRO DE CLUBES, 2023a) e pelo COB (Curso de Esporte de Alto Rendimento) (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, [s.d.]).

5.2.6. Identificação e desenvolvimento de talentos

Um elemento amplamente citado pelos nadadores olímpicos em diversos momentos ao longo da entrevista foi a dificuldade em conciliar a rotina de treinamentos e competições com a rotina de estudos (mencionado por 12 dos 23 atletas entrevistados). Esse fator é um dos elementos que compõe o Pilar 4 do modelo SPLISS: Sistemas de identificação e desenvolvimento de talentos (DE BOSSCHER et al., 2007). No modelo, esse quarto pilar abarca desde a existência de um sistema para detectar e desenvolver talentos esportivos, quanto o suporte dado a esses atletas para conseguirem conciliar os estudos (desde a etapa do ensino fundamental até o ensino superior) com seu desenvolvimento esportivo. Assim, essa categoria foi dividida entre (6.1) Suporte para conciliar estudos e esporte; e (6.2) Sistema de detecção e desenvolvimento dos talentos.

O Quadro 13 apresenta falas que retratam a falta de convergência entre o sistema educacional e o sistema esportivo no Brasil e a consequente dificuldade que os atletas têm em conseguir desenvolver suas carreiras esportivas e estudantis / acadêmicas simultaneamente.

Quadro 13 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “6.1 – Suporte para conciliar estudos e esporte”

Atleta 8	E aliar o esporte à educação né, principalmente Ensino Fundamental e Universitário. Eu acho que esses são fatores que podem prejudicar. Podem, não. Prejudicam muito. E acho que você que vive o esporte também, você vê, chega num certo momento que acaba tendo que escolher. Poucos acabam escolhendo o esporte, porque acaba sendo uma aposta e tudo mais.
Atleta 12	Onde a gente peca aqui é não ter o vínculo do sistema em si, né? O sistema educacional ele não está convergido com o sistema esportivo. Isso eu acho que é a falha maior do nosso país. Apesar de eles criarem algumas ferramentas que ajudem esse processo, ele não é eficaz. Então assim, o Minas, o Pinheiros, o Unisanta, Florianópolis com a UNISUL, eles possuem algumas atribuições no sentido de dar bolsa de estudo, mas o próprio sistema ele não ajuda.
Atleta 13	Infelizmente o Brasil não tem natação na escola pública, não tem. É difícil manter uma piscina em escola pública? É difícil. Por que os Estados Unidos dá certo? Porque lá desde o high school, desde antes, toda escola tem uma piscina, eles são incentivados a praticar atividade esportiva. A gente sabe que a atividade esportiva melhora o resultado intelectual, as crianças que praticam o esporte têm melhores resultados intelectuais, assimilam melhor da matéria, tudo isso a gente já sabe, não precisa ficar repetindo. Mas no Brasil não tem essa política e é minha grande crítica. [...] Eu só acho que uma das formas é tentar cada vez mais incentivar o esporte nas escolas.
Atleta 16	E hoje o Brasil tá perdendo muito mais, é... pra lá, pra fora, pelo fato de não conseguir associar o estudo com o esporte. Acho que isso é um fator muito importante aqui no Brasil. Porque hoje a gente vê muito mais atletas indo embora, viver lá fora para tentar fazer os estudos e continuar o esporte. Então consegue assimilar isso. Então hoje o país peca, eu acho que peca muito mais nisso daí.
Atleta 23	Acredito que os nadadores... eu vejo bastante assim do interior que tem grande destaque, indo para os Estados Unidos não só por conta da estrutura, mas para a conseguir bolsas de estudo. Eu acho que isso poderia ser um motivador para os atletas ficarem no país, se tivesse parceria com Universidades. A gente não tem, a gente tem Unisanta e mais nada. Então seria uma coisa muito interessante, que poderia ser desenvolvida aqui no país.

Fonte: elaborado pela autora

A falta de convergência entre os sistemas educacional e esportivo faz com que o jovem atleta, na maioria das vezes, tenha de optar por um caminho. Por um lado, há a pressão de treinadores para que o atleta tenha um bom desempenho esportivo; por outro, há a pressão dos pais para que o filho(a) tenha um bom desempenho na escola. Com a dificuldade de equilibrar a vida estudantil com a rotina esportiva, jovens talentos ou optam por seguir se dedicando integralmente aos estudos e abandonam um futuro promissor no esporte, ou esses atletas decidem apostar em suas trajetórias esportivas e abandonam os estudos, comprometendo seu futuro a longo prazo.

A solução para essa problemática não é simples e depende de inúmeros esforços tanto por parte das entidades esportivas quanto por parte das instituições educacionais. No modelo SPLISS, o desenvolvimento desse fator de sucesso passa pela elaboração e implementação de

um sistema nacional coordenado para que o jovem atleta concilie estudos e esporte. Essa coordenação nacional significa que os arranjos educacionais mais flexíveis e adaptáveis à rotina do atleta não devem ser dependentes de iniciativas individuais do próprio sportista e de seus familiares (DE BOSSCHER et al., 2015). Como proposta de solução, alguns países com sucesso sportivo internacional criaram escolas específicas de elite, com programas voltados aos jovens talentos, que os permitem conciliar os horários de treinamento com os estudos, adequar o calendário escolar com base nas competições internacionais, ter ensino a distância orientado, dentre outros suportes personalizados (DE BOSSCHER et al., 2015).

Esse sistema nacional coordenado evidentemente não existe no Brasil. Conforme mencionado pelos próprios atletas, os nadadores brasileiros ficam dependentes de parcerias isoladas entre os clubes e algumas instituições de ensino superior que conseguem oferecer bolsa de estudos aos atletas. Um exemplo que ocorre no Brasil é a parceria formada entre o COB e a Faculdade Estácio para garantir a formação profissional dos sportistas de alto rendimento do país. A parceria prevê a concessão de bolsas de estudo a atletas olímpicos e panamericanos em atividade e em transição de carreira, tanto para cursos de graduação quanto para pós-graduação.

Entretanto, aos jovens atletas que ainda estão nas etapas de ensino fundamental e ensino médio, esse suporte é praticamente inexistente. No Brasil, a ação que mais se aproxima desse sistema coordenado se dá no futebol do Estado de São Paulo. No Estado, há a Lei nº 13.748, de 2009, que determina aos clubes de futebol assegurarem matrícula em instituição de ensino (pública ou particular) aos jogadores menores de 18 anos a eles vinculados e ainda zelar pela frequência e pelo rendimento escolar desses atletas (ESTADO DE SÃO PAULO, 2009). Caso os clubes não comprovem perante à Federação Paulista de Futebol e à Secretaria de Educação do Estado o cumprimento dos dispositivos da Lei, eles poderão ser penalizados com multa e impedimento de participação em torneios e competições oficiais.

Outro fator relevante para a formação de jovens talentos é a existência de um sistema voltado para a detecção, seleção e desenvolvimento desses jovens atletas a longo prazo. A necessidade de se haver um sistema de identificação e desenvolvimento de talentos reside no fato de que para um país alcançar o sucesso sportivo internacional, é imprescindível que haja uma contínua e sistematizada formação de atletas talentosos ao longo dos anos (DE BOSSCHER et al., 2008b). Assim, esse pilar envolve as diversas etapas de desenvolvimento sportivo de jovens atletas, englobando desde a iniciação sportiva em clubes locais e a transição para grandes clubes sportivos do país em busca do alto rendimento; e a mudança

gradual no nível de competitividade, partindo de competições regionais para campeonatos internacionais. O Quadro 14 apresenta a opinião de alguns nadadores olímpicos brasileiros quanto aos processos de detecção e desenvolvimento de talentos esportivos na natação do país.

Quadro 14 – Trechos da entrevista que representam a subcategoria “6.2 – Sistema de detecção e desenvolvimento dos talentos”

Atleta 16	É, eu acho que também o profissionalismo hoje está ficando muito mais cedo. Então eu acho que é ruim pra carreira, de longevidade do atleta, né? Quando você profissionaliza um atleta muito cedo, o profissionalizar que eu falo é tipo um atleta de 12 anos já vivendo tudo, toda essa pressão de ser atleta. Então, acho que é uma coisa que eu tentaria mudar se eu pudesse trabalhar isso, né? Porque quanto mais cedo você traz esse tipo de coisa pro atleta, acho que mais cedo ele vai parar, né? E é ruim acho que pra maturação dele no esporte, sabe? Ele fica maduro muito cedo e num momento onde que ele tinha que levar um pouco mais no lúdico ali, na brincadeira, aquela brincadeira séria que a gente fala né.
Atleta 18	E assim, falta realmente uma política de esporte mais bem elaborada para recrutar os melhores talentos de cada região, oferecer uma qualidade de treino melhor, oferecer uma ajuda de custo até decente mesmo, é uma palavra forte para se dizer, mas é a verdade, uma ajuda de custo decente para que o atleta consiga se dedicar integralmente aos treinamentos, sabe? Muitas vezes isso não é possível. O atleta não dorme direito, não come direito e tem que estar lá dentro da piscina, dentro da quadra, dentro do ginásio, na pista, fazendo o impossível, entendeu?
Atleta 23	[...] para desenvolver a natação, embora necessite de estrutura também, precisaria fazer um mapeamento para entender quais são as necessidades, entender os problemas que estão ali e propor soluções e determinar metas a longo prazo. Eu digo com relação a desenvolvimento do atleta a longo prazo. Então desde o brincar lá quando a gente está pensando no início da prática, brincando ali até chegar no competitivo, para fazer o mapeamento e o acompanhamento desses atletas quando identificam talentos, isso é um ponto.

Fonte: elaborado pela autora

As falas acima abarcam diversos elementos que compõe o Pilar 4 do modelo SPLISS: identificação do talento, seleção e encaminhamento desse atleta, treinamento e suporte adequado conforme as etapas de seu desenvolvimento e o acompanhamento a longo prazo dado para a formação desse talento. Em linhas gerais, observa-se que a percepção dos nadadores entrevistados é de que há uma carência no que diz respeito a esses fatores de sucesso citados. Os atletas apontam para a falta de uma política de esporte voltada para a detecção e desenvolvimento desses talentos e também para a falta de um conhecimento mais aprofundado por parte das federações e confederações sobre a realidade, as necessidades e carências desses jovens atletas ao longo das etapas de sua formação esportiva.

Semelhantemente à opinião dos nadadores, o estudo realizado por Silva Filho et al. (2016) identificou que a maioria dos treinadores brasileiros de natação do país afirmam não

existir um sistema coordenado nacionalmente para o desenvolvimento de talentos esportivos no Brasil. Alguns treinadores indicaram que esse processo de detecção e promoção de nadadores talentosos é, no máximo, realizado de maneira pontual dentro de cada entidade esportiva ou, de modo muito esporádico, pelas federações e confederação. Entretanto, essa não é uma realidade que se restringe ao cenário da natação no país. Meira et al. (2012) apontam que o Brasil possui algumas ações nesse sentido oriundas do COB e do Ministério do Esporte, porém realizadas de maneira isolada e descentralizadas, sem indicativo de haver uma estrutura nacional implantada para o desenvolvimento de atletas de alto rendimento.

Países com grande sucesso esportivo internacional desenvolveram nas últimas décadas sistemas próprios para a detecção, seleção, formação e promoção de talentos esportivos. Alguns países (como é o caso da Austrália, China, Rússia, Alemanha, França entre outros) desenvolvem modelos mais centralizados no Estado e executados por organizações governamentais. Já os Estados Unidos são o principal exemplo de país que desenvolve um sistema de desenvolvimento de talentos descentralizado, pautado exclusivamente nas Associações Atléticas Universitárias, nas Ligas Esportivas e no Comitê Olímpico. Independentemente do modelo de organização adotado, existem similaridades entre os sistemas de identificação e promoção de talentos esportivos dos países com sucesso esportivo internacional. O primeiro ponto: a existência de canais de comunicação eficientes entre as entidades responsáveis pelo esporte que permitam às crianças e jovens praticar esporte com perspectivas de ascender a diferentes níveis de desempenho, desde o esporte educacional e recreativo até o alto rendimento (MEIRA et al., 2012).

Outro aspecto semelhante entre os países é a convergência entre o sistema esportivo com o sistema educacional. Conforme já apresentado e discutido anteriormente, é eminente a necessidade de haver o sistema escolar como base para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento. Em alguns países, o sistema educacional se integra com clubes e escolas especializadas de esporte, formando uma ampla base de praticantes de diversas modalidades (MEIRA et al., 2012).

Portanto, não faltam ao Brasil bons exemplos internacionais de como estruturar adequadamente um sistema para desenvolver jovens talentos de modo sustentável e contínuo. Inclusive, um aspecto já mencionado em seções anteriores e que também merece a atenção nesse fator de sucesso, a dimensão continental do território brasileiro. A estruturação de um sistema nacionalmente coordenado para a detecção e promoção de talentos no país deveria ser cuidadosamente planejada para atender todas as regiões do Brasil. Desse modo, jovens

talentos provenientes dos mais diferentes Estados do país teriam iguais oportunidades de desenvolvimento esportivo. Assim, a longo prazo, a natação brasileira teria uma constante renovação nos atletas de alto rendimento que compõem a seleção nacional.

5.2.7. Suporte financeiro

Considerado a base do modelo SPLISS, a entrada de recursos financeiros é o pilar-chave que permite o desenvolvimento de todos os demais fatores necessários para o sucesso esportivo internacional (DE BOSSCHER et al., 2007). Este pilar leva em consideração os investimentos no esporte (desde a base até o alto rendimento), seja por parte do governo, das loterias federais, dos Comitês Olímpicos Nacionais e de patrocínios nacionalmente coordenados (DE BOSSCHER et al., 2015).

O Quadro 15 traz a opinião de alguns nadadores entrevistados quanto ao suporte financeiro aplicado na natação brasileira. Certamente todos os atletas evidenciam a importância e a necessidade de se haver um investimento adequado para que a modalidade possa ser desenvolvida com excelência. Dentre os temas abordados em suas falas estão: os investimentos feitos pelo próprio Estado, o financiamento dado através de legislações específicas, os investimentos advindos de patrocinadores, o modo com que esse dinheiro é aplicado e gerido e também o aumento do financiamento ao esporte nos anos que antecedem a realização de megaeventos esportivos no país, como ocorreu na Rio 2016.

Quadro 15 – Trechos da entrevista que representam a categoria “7 – Suporte financeiro”

Atleta 4	Eu diria um outro ponto importante, que esse aí seria também principalmente da federação, que seria orçamento. Porque, vamos lá, primeiro que para fazer todas essas coisas aí que eu falei, precisa ter a grana disponível. Então digamos que... em 2016 teve aquele esquema de corrupção que teve na CBDA e digamos que boa parte das ações ficaram precárias aí desde 2016. Então todas as ações hoje têm que passar pelo COB antes de ser aprovado. Então, vamos lá, a gente teria muito mais ação, muito mais competição... entendeu? Então acho que para poder fazer essas coisas [...] necessariamente precisa ter o dinheiro no bolso para conseguir fazer, entendeu?
Atleta 10	A primeira eu acho que a presença do Estado nos programas de Bolsa Atleta, Bolsa Pódio, Lei de Incentivo. Isso deu um recurso, você não consegue crescer enquanto esporte competitivo, enquanto qualquer política, né? Mas enquanto esporte competitivo, você necessita de um recurso financeiro muito grande. Então as políticas estatais, né? A gente... o Brasil depende 100%, mais de 90% de recursos estatais, então, acho que isso ajudou muito. Lei de Incentivo, Lei Pelé, Bolsa Atleta, Bolsa Pódio, eu acho que isso foi um fator importantíssimo.
Atleta 11	Gente, não vamos ser românticos, tem que ter dinheiro. Dinheiro é a base do negócio. Agora, de novo, não é só dinheiro e, sim, como esse dinheiro é aplicado. [...] Então a utilização dos recursos, que são finitos, utilizar de maneira inteligente é importante.
Atleta 17	Falta dinheiro, falta colocar dinheiro na natação. Falta gerir melhor esse dinheiro também, que não adianta ter o dinheiro e não ter uma boa gestão do dinheiro né. E a gente precisa acabar com esse negócio de homens receberem mais que mulheres só pelo fato de serem homens. Eu depois que parei de nadar descobri que tinham várias pessoas que ganhavam o dobro do que eu ganhava, que nunca tinham ido para as Olimpíadas, homens né. Então assim, é uma coisa que não dá mais para acontecer.
Atleta 20	Eu tenho um fator que ele é preponderante, ele mexe diretamente com todos os outros que é o investimento, dinheiro mesmo. Então investimento. A gente teve até, não estou avaliando qualitativamente, mas quantitativamente a gente teve um certo investimento para o período da Olimpíada do Rio especialmente né, porque era aqui no Brasil e tal. Então a gente teve um investimento grande, foi o maior da história no esporte, acho que em todos os esportes, mas na natação com certeza. Então o investimento é uma coisa, é um fator preponderante.

Fonte: elaborado pela autora

Com base nessas falas é interessante notar que os nadadores reconhecem a importância que o suporte financeiro tem para o desenvolvimento da natação no país, porém alguns deles têm a opinião de que o investimento feito na modalidade ainda é precário: “Falta dinheiro, falta colocar dinheiro na natação” (Atleta 17).

Entretanto, a literatura aponta que há muito dinheiro investido no esporte brasileiro como um todo, e na natação particularmente (BUENO; MAZZEI; BASTOS, 2022; DE BOSSCHER et al., 2015). Para se ter ideia, o comparativo feito por De Bosscher et al. (2015) aponta que o Brasil é um dos países com maiores investimentos financeiros feitos no esporte de rendimento. Já com relação ao suporte financeiro direcionado especificamente para a natação, historicamente o repasse do COB à CBDA sempre foi um dos mais elevados quando comparado às demais federações. No estudo do SPLISS realizado no Brasil, foi identificado

que nos ciclos olímpicos que antecederam Pequim 2008 (2005 a 2008) e Londres 2012 (2009 a 2012), a CBDA foi a terceira confederação olímpica que recebeu maiores repasses de recursos das loterias (BASTOS; BOHME, 2016).

Além dos investimentos públicos, os nadadores mencionaram ainda o suporte financeiro advindo dos patrocinadores: “Acho que de investimento de patrocinadores, sabe? Não só em épocas chave de Jogos Panamericanos, de Jogos Olímpicos, em que os atletas têm mais visibilidade da mídia para a sua marca estar lá estampada nos atletas. Eu acho que é importante você investir realmente a longo prazo”. (Atleta 19). Nesse sentido, o principal patrocinador da natação brasileira ao longo de tr s décadas foram os Correios. O estudo de Bueno, Mazzei e Bastos (2022) indicam que o ápice dessa parceria se deu por volta do ano de 2015 com contratos firmados com valores próximos a 50 milhões de reais. Esses altos valores investidos reforçam mais uma vez que, diferentemente do que foi expresso por alguns nadadores nas entrevistas, de fato houve muito dinheiro aplicado para o desenvolvimento da natação de rendimento no país.

Entretanto, conforme sinalizado pelo Atleta 4, as a es da CBDA ficaram precárias depois que a entidade passou por s rios problemas de corrup o. Conforme já foi apresentado na se o “3.6. O contexto esportivo do Brasil e o cenário da natação brasileira”, houve na CBDA um esquema de desvio de dinheiro relacionado aos investimentos advindos da parceria com os Correios. A opera o realizada pela Polícia Federal resultou na prisão do então presidente da entidade e de mais alguns diretores que também estavam envolvidos com a aplica o indevida desses recursos (MPF, 2018). A partir desse momento, a entidade perdeu seu principal patrocinador e sofreu com o bloqueio do repasse de verbas advindas da Lei das Loterias (BUENO; MAZZEI; BASTOS, 2022)

Esse fato leva à discussão de como se d  a gestão desses altos valores investidos nas organiza es esportivas brasileiras. A fala dos Atletas 4, 11 e 17 retratam a opinião de que a boa gestão e a utiliza o transparente e adequada desses recursos financeiros   um fator imprescindível para o sucesso esportivo da modalidade. Ou seja, o ponto-chave que fica evidente na fala dos entrevistados é que não basta ter o dinheiro disponível para ser aplicado na natação brasileira se a aplica o desses recursos não for feita de modo eficaz e sustentável.

Portanto, conclui-se que o Estado possui, sim, programas efetivos de incentivo financeiro ao esporte, e que os montantes destinados à CBDA e aos nadadores brasileiros foram gradativamente aumentando e se tornando mais sólidos no decorrer dos anos. Entretanto, tão importante quanto os valores repassados às organiza es esportivas, está o

modo com que a gestão desses recursos é feita e quais são os critérios e mecanismos de controle existentes para sua aplicação. Essa temática será abordada e discutida mais detalhadamente na seção “5.2.9 – Planejamento, organização e governança”.

5.2.8. Participação e esporte de base

Embora seja difícil mensurar a relação direta entre o fomento do esporte de base entre crianças e adolescentes com a obtenção de resultados esportivos internacionais, é evidente que o investimento no esporte de base traz inúmeros benefícios para um país (DE BOSSCHER et al., 2015). O terceiro pilar do modelo SPLISS abarca justamente o fator da participação esportiva (DE BOSSCHER et al., 2007). O Quadro 16 apresenta a opinião dos nadadores entrevistados quanto à necessidade de se investir na base da natação brasileira.

Quadro 16 – Trechos da entrevista que representam a categoria “8 – Participação e esporte de base”

Atleta 2	Você vê o governo investindo muito pouco na base. [...] Então não adianta você pegar todo o dinheiro e você investir nos atletas como eu, como o Cielo, como o Fratus, como o Scheffer. Mas você investir lá na base, porque quanto maior for a base do esporte brasileiro, maior vai ser o pico. [...] Então a importância desse terceiro fator, o investimento na base do esporte brasileiro.
Atleta 8	Eu acho que falta um pouco de estrutura de qualidade física na base. Falta fomentar o esporte. Então aí a gente entra em várias questões, políticas públicas para dar acessibilidade para o esporte. Então na natação, principalmente, é um esporte elitista, você precisa estar numa academia, estar num clube, estar numa escola muito boa para ter acesso à natação. Então isso já diminui muito a nossa base, [...] então diminui a probabilidade de a gente ter bons atletas.
Atleta 13	O nosso poder público nessa parte de formação, a gente não tem o incentivo voltado para a base, a CBDA basicamente trabalha no alto rendimento. [...] A gestão do esporte no Brasil é assim, focada no alto rendimento, ninguém se importa com a base. A gente espera que os clubes... A gente quando eu falo é a instituição, o governo, a CBDA, espera que os clubes façam a peneira inicial, trabalhem a base, para depois a CBDA só pegar aquilo que é o de melhor e ajudar financeiramente. Então tem que ter um incentivo na base, e infelizmente no Brasil não parte do poder público. Talvez seja isso minha grande crítica né? [...] Então assim, como é que tu vai aumentar o funil? Porque hoje o funil é assim, pinga lá um atlelinha ou dois olímpicos e aí o Bolsa Pódio vem, o Bolsa Atleta vem, a CBDA vem e ajuda, o clube ajuda. Mas como é que eu faço para esse funil ficar maior? Como é que eu jogo mais crianças aqui? Para ao invés de cair um atleta olímpico a cada um ano, cair, sei lá, cinco, seis, dez. Aí que está o problema.
Atleta 15	A segunda questão é o acesso, né? E você fica com uma peneira feita somente de uma classe social para cima. Pouquíssimos atletas conseguem dar continuidade vindo de baixa renda. Existem clubes, programas sociais e que têm alguns incentivos, sim, mas é uma minoria. E a gente poderia ter uma peneira muito maior e que fosse mais acessível praticar natação, né?
Atleta 23	E outra coisa que você pode colocar também de importante: incentivo da prática da modalidade. Então se a gente não aumenta a base [...], o problema é se você não investe na base. [...] O investimento precisa ser na base, estrutura, convênios com as escolas, piscinas públicas. Isso, de fato, é importante para desenvolver a natação do país.

Fonte: elaborado pela autora

Do mesmo modo em que há o consenso popular de que o cultivo de uma ampla base de jovens esportistas é fundamental para o desenvolvimento de atletas de sucesso a longo prazo, parece também ser um consenso entre os entrevistados que o fomento à prática da natação ainda é precário no país. Os dados do Ministério do Esporte (2016) referentes ao ano de 2013 indicam que o percentual de brasileiros que praticam alguma modalidade esportiva foi de apenas 25,6% da população. E a natação foi praticada por somente 5,9% destes indivíduos (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2016). Nesse sentido, observa-se na fala dos entrevistados um anseio quanto às possibilidades existentes para se ampliar a base de nadadores no país: “como é que tu vai aumentar o funil?” (Atleta 13).

Assim, os entrevistados indicam algumas propostas de solução para essa problemática referente ao aumento do número de praticantes da modalidade no país. Alguns atletas sugerem que tal aumento dos nadadores de base passa pela realização de convênios com as escolas e pela implementação de projetos nas piscinas públicas. Já outros indicam que a solução possa ser realizada por meio dos clubes (sócio) esportivos. As opiniões dos nadadores vão ao encontro das propostas de De Bosshcer et al. (2015), que indicam três vertentes para se ampliar a prática esportiva entre crianças e adolescentes no Brasil. A primeira se dá dentro do contexto escolar, nas aulas de Educação Física e em atividades extracurriculares. A segunda ocorre em entidades que fomentam o esporte de participação, como é o caso das organizações não governamentais (ONGs), do Sistema S e das prefeituras. E a terceira vertente seriam os clubes (sócio) esportivos (DE BOSSCHER et al., 2015).

Com relação aos clubes, historicamente no país eles são os principais responsáveis pelo oferecimento de atividades de esporte à população. De acordo com o CBC existem quase 14 mil clubes no Brasil (SILVA FILHO et al., 2016b) e, destes, 928 são filiados aos CBC (COMITÊ BRASILEIRO DE CLUBES, [s.d.]). Entretanto, o acesso aos clubes se restringe a apenas uma parcela da população que tem condições econômicas de se tornar associada. Isso leva à discussão da acessibilidade à prática da modalidade no Brasil. Em suas falas, os entrevistados são contundentes em dizer que a natação é um esporte elitista, ou seja, a maior parte dos indivíduos que praticam a modalidade são pertencentes a classes socioeconômicas mais elevadas. Além disso, os custos que envolvem a construção e a manutenção de uma piscina são muito altos, o que torna o acesso às piscinas públicas ainda mais precário no Brasil. Assim, para se ter acesso à prática da natação, o indivíduo acaba tendo que recorrer a organizações privadas como clubes e academias. A fala da Atleta 19 enfatiza essa problemática: “Infelizmente, muita gente boa acaba sendo perdida por aí porque não tem oportunidade, né? Já que a natação é um esporte elitista. Você não tem uma piscina a cada esquina que nem você tem uma quadra, enfim. Então a gente já começa a restringir muito por aí”.

Devido a essa realidade, a proposta dos entrevistados é que a oportunização à prática da natação deva ser realizada sobretudo pelo Estado para conseguir alcançar a parcela da população que não tem condições de acesso às instituições privadas. Porém, conforme observado pelos entrevistados, o poder público no Brasil tem suas ações voltadas majoritariamente para o esporte de rendimento, enquanto o esporte de participação e de base recebe um investimento público bem inferior. Este fato é amplamente corroborado pela

literatura (CARNEIRO et al., 2021; MATIAS et al., 2015; NASCIMENTO, 2019; STAREPRAVO; SOUZA; MILANI, 2019; VITÓRIO et al., 2021).

O mecanismo mais eficiente e mais promissor para aumentar a natação de base no país seria fomentar ainda mais o esporte dentro do ambiente escolar. “Infelizmente no Brasil não tem natação na escola pública, não tem. É difícil manter uma piscina em escola pública? É difícil”. (Atleta 13). Apesar de alguns esforços interessantes propostos pelo Ministério do Esporte como o Programa Segundo Tempo e os Jogos Escolares da Juventude, o esporte no ambiente escolar ainda é pouco explorado no Brasil. Silva Filho et al. (2016b) indicam que as aulas de Educação Física e as atividades esportivas extracurriculares parecem não ser suficientes para oportunizar a prática do esporte para um número elevado de alunos.

Assim, fica evidente que debater o acesso à prática da natação por crianças e jovens está diretamente relacionado com a discussão a respeito dos espaços e instalações existentes para a prática e também com o fomento ao esporte dentro do contexto escolar. Assim, esse debate é complementado pelas discussões já apresentadas nas seções “5.2.3. Instalações esportivas” e “5.2.6. Identificação e desenvolvimento de talentos”.

Em síntese, conclui-se que para aumentar o contingente de crianças e adolescentes praticantes de esporte no Brasil, é necessário que a prática de atividades físicas se torne mais acessível para a grande parcela da população que não tem condições de acesso aos clubes e academias privadas. O ideal seria que governos municipais, estaduais e federal desenvolvessem programas que incentivassem a prática esportiva em escolas, em projetos públicos e por meio de parcerias com as organizações do terceiro setor.

5.2.9. Planejamento, organização e governança

Considerado como a base do modelo SPLISS, o pilar 2 diz respeito à governança, à estrutura e à organização de políticas para o esporte de um país (DE BOSSCHER et al., 2007). Somado ao suporte financeiro (pilar 1), é a partir desses dois pilares-chave que os demais fatores de sucesso podem ser desenvolvidos. Este pilar envolve a coordenação e definição de responsabilidades das entidades envolvidas com o esporte no país, a comunicação eficaz entre essas organizações, o planejamento de ações a longo prazo e o direcionamento de recursos (DE BOSSCHER et al., 2015). O Quadro 17 traz a opinião dos entrevistados com relação à organização e à gestão das entidades esportivas responsáveis pelo desenvolvimento da natação no país.

Quadro 17 – Trechos da entrevista que representam a categoria “9 – Planejamento, organização e governança”

Atleta 9	E, portanto, eu acho que a divisão de responsabilidades dentro do esporte ela é muito mal-feita. Quando eu digo divisão de responsabilidade é quando você aponta quem cuida do que e como. Por exemplo, quem cuida do atleta de base e até onde cuida do atleta de base, sabe? Quem cuida do atleta competitivo? Quem cuida do esporte lúdico? Quem cuida do recreativo?
Atleta 11	Eu sei que talvez você esteja esperando a questão de organização das entidades. Acho que isso auxilia também. O que eu quero dizer? Nosso sistema federativo né, as federações estaduais, os próprios clubes, entidades e a confederação, o próprio Comitê Olímpico do Brasil, o Comitê Brasileiro de Clubes, acho que isso aí também, se o sistema funcionar, ele ajuda a criar esse ambiente melhor para o desenvolvimento dos atletas.
Atleta 15	E a má administração no geral né? Porque até hoje a gente não teve uma estabilidade dessa administração da natação né? O Coaracy estava lá há 150 milhões de anos, agora que ele saiu, um pouco antes de falecer porque não aguentava mais né? Enfim, prenderam todo mundo e tal. Mas até então todos os resultados da natação foram feitos dessa forma, em cima de falcatura, maracutaia. [...] Então na questão de gestão, simplesmente ter uma estabilidade, uma ligação, uma continuidade já favorece muito porque aí os planos vão sendo contínuos, passados de gestão em gestão e até hoje a gente não teve isso, sabe? Uma continuidade legal.
Atleta 18	Não sei se eu vou falar com o vocabulário correto, mas acho que você vai me entender. Seria meio que um planejamento de cima, digamos, por parte da confederação, sabe? Uma política do esporte mais bem elaborada, digamos assim. Eu acho que não depende só dos atletas.

Fonte: elaborado pela autora

A partir dessas falas fica evidente que a gestão das entidades responsáveis pelo desenvolvimento do esporte no país, e particularmente na modalidade natação, se mostrou pouco eficiente e pouco transparente ao longo dos últimos anos.

Dentre os temas abordados, a fala dos Atleta 9 e 11 sinalizam a necessidade de haver a estruturação de um sistema esportivo efetivo, com uma clara divisão de responsabilidades entre as organizações. Porém, conforme já abordado em detalhes na seção “3.6. O contexto esportivo do Brasil e o cenário da natação brasileira”, o país não apresenta na prática um sistema esportivo que atua de maneira coordenada entre os diferentes níveis (federal, estadual e municipal) e com um planejamento longitudinal e contínuo de suas ações (GODOY, 2013; MAZZEI et al., 2014; MEIRA; BASTOS, 2016; MEIRA; BASTOS; BOHME, 2012). O que ocorre no Brasil é apenas a definição das organizações que compõe o Sistema Brasileiro do Desporto e sua finalidade, mas não detalha as atribuições e as responsabilidades de cada uma das organizações encarregadas pelo desenvolvimento do esporte no país (BRASIL, 1998).

Já a opinião da Atleta 18 é que ainda falta à natação brasileira uma melhor coordenação e comunicação entre as organizações encarregadas pelo desenvolvimento da modalidade, que parta de um direcionamento da confederação e seja aplicado às federações e

aos clubes. A fala da atleta é corroborada e complementada por Meira, Bastos e Bohme (2015) que afirmam que a elaboração e administração de ações e políticas de esporte para o desenvolvimento da natação de alto rendimento ocorre sobretudo nos clubes, de maneira autônoma e individualizada, sem necessariamente seguir uma orientação proveniente das federações ou confederação.

Essa problemática da baixa coordenação e comunicação entre as organizações responsáveis pela promoção e desenvolvimento da natação no país é ainda complementada com a falta de planejamento e transparência apontada pela Atleta 15, que indica que faltou à confederação boas práticas de gestão e de governança. A boa governança de uma entidade, seja ela esportiva ou não, está atrelada aos princípios de transparência, democracia, prestação de contas e responsabilidade social (MEZZADRI; SONODA-NUNES, 2021). Assim, uma organização que desenvolve práticas de boa governança assegura a seus grupos de interesse que as ações realizadas estão sujeitas a controles e balanços internos adequados, e que os gestores da entidade agem em favor dos melhores interesses da organização e de seus stakeholders (HOYE; CUSKELLY, 2006). Entretanto, ao traçar um histórico recente do esporte brasileiro (e mais particularmente da natação), há diversos casos que evidenciam a falta de boa governança das organizações esportivas (GLOBOESPORTE, 2021; MPF, 2018; SALVADOR; SENECHAL; CASTRO, 2018).

Além disso, a Atleta 15 aponta que essa falta de transparência na confederação certamente ocasionou falhas no planejamento das ações para a natação brasileira, e que as ações realizadas não apresentaram uma continuidade a longo prazo. Assim, cabe discutir também como se dá o planejamento das ações em prol da natação brasileira. De Bosscher et al. (2015) indicam que o planejamento de políticas nacionais de esporte a longo prazo (pelo menos quatro anos) se mostra como um fator-chave para o sucesso esportivo em diversos países.

Entretanto, verifica-se que, de fato, há limitações relacionadas ao planejamento das políticas e ações a longo prazo para a natação do país. Observou-se que a CBDA divulga em seu site um mapa estratégico que conta com diversos objetivos a serem trabalhados e desenvolvidos pela entidade, porém não especifica o período de tempo para a realização desses objetivos, tampouco um detalhamento de ações a serem executadas para que essas metas se concretizem (CBDA, [s.d.]). Em uma breve análise nos sites das 27 federações estaduais não foi possível encontrar documentos com o planejamento das ações a serem executadas a curto, médio e longo prazo, nem as metas a serem atingidas pelas entidades. Tal

falta de planejamento longitudinal evidencia a falta de profissionalismo na gestão dessas organizações e certamente limita o desenvolvimento da natação em todo território nacional.

Assim, conclui-se que ainda há muito espaço para avanços relacionados à organização e   gestão das entidades esportivas brasileiras e da natação especificamente. Embora haja bons exemplos de organizações que têm desenvolvido uma gestão profissional e eficiente (como   o caso do COB e CBC), este talvez ainda seja o principal desafio para o esporte do Brasil atualmente. Nesse sentido, reforça-se que para que todos os demais fatores de sucesso mencionados nesse estudo sejam desenvolvidos,   imprescindível haver uma sinergia entre os investimentos financeiros (pilar 1) e a governana, o planejamento e a estrutura de políticas para o esporte (pilar 2). Conforme exposto por De Bosscher et al. (2015), mais do que apenas fornecer um suporte financeiro adequado,   necessário possibilitar que esses investimentos sejam aplicados com eficiência e efetividade, e isso envolve boas práticas de gestão e governana.

5.2.10. Fatores intr secos

Foram também mencionados pelos nadadores entrevistados fatores que colaboram para o sucesso esportivo na natação, mas que não apresentam uma relao direta com o modelo SPLISS e com os pilares indicados para serem desenvolvidos por meio de políticas de esporte. Nessa categoria foram abordados elementos intr secos aos atletas, como características psicológicas e de personalidade, e uma certa predisposio genética. Esses fatores estão atrelados aos elementos presentes no micronível, segundo a proposta de De Bosscher et al. (2006).

A respeito de características de personalidade determinantes para um bom desempenho esportivo, os nadadores sinalizam que “perseverana e resiliência são dois fatores bem importantes para a natação” (Atleta 16) e “interesse e determinao são elementos mais subjetivos, mas que são intr secos ao atleta” (Atleta 13). A fala dos atletas vai ao encontro de estudos que sugerem haver relao entre personalidade com a performance esportiva, indicando características como determinao, superao e competitividade (WEINBERG; GOULD, 2001).

J  com relao às características antropométricas, um interessante aspecto mencionado pelos nadadores brasileiros   em relao ao processo de miscigenao da populao brasileira. Visto que os brasileiros são descendentes de diversos povos, com diferentes biotipos, há uma

diversidade natural de características físicas dos corpos brasileiros, o que permite que haja indivíduos com parâmetros antropométricos e de composição corporal mais favoráveis à natação. Conforme observado pelo Atleta 21 “Eu acho que a diversidade do Brasil hoje ela ajuda muito no sucesso do esporte. [...] E eu vejo que o Brasil, pela nossa própria biodiversidade natural, por essa miscigenação, eu vejo isso como um fator muito positivo para o esporte”, essa afirmação é corroborada por Lima (2020, p. 243) “esta especificidade do nosso país atrelada a processos efetivos de identificação e desenvolvimento de talentos poderia nos levar a certa vantagem competitiva em relação aos demais países, visto que o Brasil é considerado um dos países com maior miscigenação do mundo.”

Entretanto, depender apenas de características genéticas ou de fatores atrelados à personalidade do atleta é insuficiente para se atingir o sucesso esportivo. É importante ressaltar que “mais do que uma capacidade genética demonstrada precocemente, o talento depende de uma rede emaranhada de relações entre as suas potencialidades e o ambiente em que está inserido, para que assim as mesmas possam ser descobertas e desenvolvidas ao longo do tempo (MASSETTO et al., 2007, p. 190).

Portanto, essas características inatas e intrínsecas aos atletas talentosos por si só não são suficientes para atingir o sucesso no esporte. Há uma somatória de elementos, desde aqueles mais atrelados com o ambiente imediato que o envolve, até elementos relacionados com o desenvolvimento de programas e ações bem estruturados que, somados a uma dada predisposição genética, potencializam a formação de nadadores de sucesso. Conforme observado pela Atleta 15:

Eu acho que talento nada mais é do que isso, uma pré-disposição física e com o tempo psicológica para fazer desempenhar aquele papel. Só que também sozinho ninguém faz nada. É que eu tive uma trajetória que fechou com cada coisa minha e deu no que deu. Mas acho que é uma coisa importante, sim, não vou dizer que toda e qualquer pessoa que tivesse andado o mesmo caminho, chegaria lá, faria a mesma coisa. Pode ser que não. (Atleta 15).

Dessa forma, por mais que esses elementos intrínsecos estejam atrelados ao micronível e não possam ser modificados por meio de políticas e ações dos gestores esportivos, não há como dissociá-los dos fatores presentes no macro e mesonível e da influência que esses exercem. Parâmetros socioeconômicos, populacionais e culturais de um país, bem como as políticas voltadas para a identificação, seleção e desenvolvimento de talentos potencializam o alcance do sucesso esportivo.

5.2.11. Apoio familiar

É certo que o micronível exerce grande influência no desenvolvimento dos atletas, desde os anos iniciais de sua formação esportiva até o ápice de suas performances. Nesse sentido, a qualidade das relações que os esportistas têm com seus familiares, treinadores e companheiros de equipe tem sido cada vez mais tema de estudo. Segundo Côté, Turnnidge e Evans (2014, p. 19, tradução nossa), “relacionamentos de alta qualidade têm sido associados a uma infinidade de resultados positivos, tais como iniciativa e participação esportiva contínua”.

Assim, um fator de sucesso muito mencionado pelos nadadores entrevistados é quanto ao apoio que os atletas recebem por parte de familiares ao longo de suas trajetórias esportivas, a exemplo da fala do Atleta 2: “a família ela é a base de tudo, é a base de um mental forte de uma criança, é a base de uma educação para aquela criança e para o objetivo de ser um atleta de alto rendimento. Então acho que a família é o alicerce para levar a criança ao sucesso no alto rendimento”.

Há décadas são realizados estudos que buscam analisar a influência que os pais exercem ao longo da formação esportiva de seus filhos (BREMER, 2012; CÔTÉ, 1999; KAY, 2000, 2004; KENYON, 1970; POWER; WOOLGER, 1994; SNYDER; SPREITZER, 1973). Em linhas gerais, pesquisas apontam que o apoio da família está muito atrelado ao suporte financeiro fornecido em busca de melhores condições para o desenvolvimento esportivo dos atletas, e também quanto à motivação dada ao longo de toda a trajetória esportiva, considerando tanto os bons quanto os maus momentos (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; MORAES; SOUSA, 2004; FERREIRA et al., 2012).

Os resultados presentes na literatura vão ao encontro do que foi mencionado pelos atletas nesse estudo. Alguns deram ênfase para o apoio financeiro dado pelos pais:

[...] tudo o que eu construí dentro do esporte, eu devo a minha família porque sem eles eu não ia conseguir ter treinado, não teria o investimento que eu tive para viajar, para me dedicar... (Atleta 2).

Minha família, por mais que não seja tipo super elite nem nada, mas que tinham uma condição mínima de pagar a natação, pagar suplementação, pagar viagem. Então assim, os primeiros anos a família acabou sendo fundamental. (Atleta 8).

Já outros mencionaram o apoio sobretudo motivacional e o incentivo dado pela família ao longo de toda a trajetória esportiva:

O apoio familiar é uma coisa que eu sempre tive, sempre, isso aí nunca faltou e é uma coisa que sempre que me perguntam quando falam de alto rendimento, falam que o atleta não precisa. Muito pelo contrário, o atleta precisa. [...] Então assim, o apoio familiar é muito importante, seja para dar um ‘oi’, sentar e conversar. Acho que isso aí é o diferencial maior na carreira de qualquer atleta. (Atleta 5).

Eu falo que a minha família foi o principal motivador para mim, porque realmente foi. Eu acho que se pegar todos os meus anos na natação, eu acho que eu estava ali fazendo o que eu queria. [...] Então eu falo que a questão familiar para mim foi muito grande porque em nenhum momento eles colocaram pressão em mim, sabe? (Atleta 22).

Portanto, embora não seja possível mensurar e quantificar a influência que o apoio da família exerce no desenvolvimento esportivo dos nadadores olímpicos brasileiros, fica evidente que esse fator contribui para o sucesso dos mesmos. Conforme a fala dos entrevistados, esse suporte se mostra ao longo de toda a trajetória esportiva, mas com características e papéis distintos de acordo com cada etapa de forma o do atleta.

5.2.12. Condi es climáticas e geográficas

Conforme já mencionado anteriormente, os elementos do macronível exercem grande influência na determina o do sucesso esportivo alcançado pelos países. O macronível compreende fatores que dificilmente podem ser modificados por meio de a oes humanas de curto e médio prazo, tais como a geografia e o clima, a economia, a popula o e a cultura de determinado local (DE BOSSCHER et al., 2006). Nesta se o será tratado a respeito das condi es geográficas e climáticas e como elas estão atreladas   prática da nata o no país e aos resultados internacionais alcançados pelos nadadores brasileiros.

O Brasil é um país com dimensões continentais e, por conta disso, possui seis diferentes climas em seu território, no geral marcados por temperaturas mais altas. Outro aspecto relevante a respeito da geografia brasileira se d  quanto ao seu perfil hidrográfico, sendo o país que possui a maior reserva de água doce do mundo, e também o país com o maior litoral, com uma extensão de 7637km (WIKIPÉDIA, 2024). A partir dessas características geográficas e com base na fala dos entrevistados, parece haver uma certa rela o entre as condi es climáticas do país com o incentivo à prática da nata o: “Porque nós somos um país muito grande. É um país cheio de rios, um litoral extenso, um país quente, e com muitas piscinas, n ?” (Atleta 1) e “Um fator positivo para nós aqui, eu diria, é o clima.

[...] Por mais que fora do país a gente tenha piscinas e ambientes totalmente climatizados, aqui a gente tem um clima muito favorável para isso” (Atleta 5).

Entretanto, para além do senso comum de que o clima tropical é mais propício para a prática da natação, foi feita uma busca por estudos que demonstrassem haver uma relação entre essas variáveis. Porém, não foi possível encontrar dados que comprovem uma relação direta entre a geografia e o clima do Brasil com a quantidade de piscinas no território nacional, tampouco com a quantidade de praticantes de natação no país. Mas é certo que a natação é uma das modalidades esportivas mais praticadas no Brasil, sendo superada apenas pelo futebol e voleibol (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2016).

Outra temática relacionada com a geografia do Brasil e que esteve presente na fala dos entrevistados é com relação à localização geográfica do país. Estando localizado na América do Sul, o Brasil está consideravelmente distante dos principais polos da natação mundial, como Estados Unidos, Austrália e diversos países do continente europeu. Essa distância geográfica impõe alguns empecilhos aos nadadores de alto rendimento do Brasil com relação à participação em campeonatos internacionais realizados nesses outros continentes. De acordo com o Atleta 4, “Infelizmente, geograficamente a gente está mal localizado quando se para pra pensar a respeito de competição. Porque a gente está a 10h de viagem de uma competição nos Estados Unidos e de uma competição na Europa”, ideia corroborada pela fala do Atleta 7: “O Brasil já é um país muito longe de tudo né. Para a gente sair para poder competir sempre é muito desgastante. Ir para os Estados Unidos, ir pra Europa, ir pra Austrália nem se fala. Então é muito desgastante pra gente”.

Nesse sentido, a opinião dos entrevistados é de que a falta de proximidade com os adversários estrangeiros influencia na preparação dos nadadores para os grandes eventos esportivos. O contato mais frequente com seus principais concorrentes potencializa a obtenção de resultados esportivos expressivos em importantes eventos como Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos. Além disso, para a confederação ou um clube levar uma equipe a participar de campeonatos realizados na América do Norte, Europa e Oceania requer um planejamento orçamentário mais elaborado e uma logística de viagens mais complexa. Essa complexidade e organização também se faz presente quando há a intenção de levar os nadadores a participarem de *training camps* no exterior em um dado momento da periodização.

Assim, conclui-se que quanto às características geográficas e climáticas do Brasil, o país apresenta condições propícias para o incentivo à prática da natação. Entretanto, para o

alto rendimento, a distância geográfica do Brasil em relação aos países de grande sucesso na natação acaba sendo um empecilho para a participação em campeonatos internacionais com maior frequência.

5.2.13. Mídia e visibilidade

Um fator que influencia os resultados obtidos pela natação brasileira que também foi mencionado na fala dos entrevistados é a presença da mídia e a visibilidade da modalidade. A influência exercida pela mídia não é abarcada pelos pilares do modelo SPLISS. Porém, visto que ela exerce grande impacto sobre o desenvolvimento do esporte de rendimento, os autores do modelo a consideram como parte dos fatores que compõem o “Pilar 10” (DE BOSSCHER et al., 2015).

Entretanto, como se sabe, o SPLISS abrange apenas fatores capazes de serem modificados por meio de políticas de esporte. E visto que a influência dos veículos midiáticos não é possível de ser controlada por ações dos governos e dos gestores esportivos, o impacto que eles exercem sobre o sucesso esportivo não é possível de ser mensurado (DE BOSSCHER et al., 2015). Mas ainda que o impacto da mídia sobre o desempenho esportivo do país não possa ser precisamente quantificado, é importante discutir a influência que ela exerce.

De acordo com a opinião dos nadadores olímpicos entrevistados, a visibilidade que a natação brasileira recebe através dos meios de comunicação é um ponto que poderia ser melhorado: “Acho que a visibilidade é um fator que é muito negativo. [...] isso não é de hoje né, isso é da história do nosso esporte. Aqui a gente tem visibilidade apenas em determinados esportes” (Atleta 5). A grande mídia esportiva brasileira enfoca majoritariamente no futebol, visto que é a modalidade mais popular no país, enquanto a exposição midiática dada à natação no Brasil ocorre apenas em momentos específicos como é o caso de Jogos Olímpicos e outros grandes eventos internacionais, mas ainda com um alcance reduzido e de maneira muito superficial. Aos interessados em se manterem atualizados sobre os acontecimentos da natação brasileira, felizmente existem canais de comunicação (*sites*, *blogs* e redes sociais) que abordam especificamente notícias a respeito da modalidade.

Outro aspecto apontado pelos atletas é que com um maior apoio dos meios de comunicação, naturalmente haveria maior interesse de empresas privadas em patrocinador tanto os nadadores especificamente, quanto a natação brasileira como um todo. Conforme

mencionado pelo Atleta 11, “eu acho que na conjuntura você dá a visibilidade também tanto para os atletas, como para a modalidade. De certa forma ajuda a roda a girar, porque se você não tem visibilidade, você não tem apoio, você não tem patrocínios, enfim. Isso eu acho que também facilita”. Essa observação feita pelo nadador é respaldada por Westerbeek e Hahn (2013) que argumentam que a crescente exposição de mídia das modalidades esportivas faz com que o setor privado atue cada vez mais como um cofinanciador do esporte de alto rendimento de um país. Inclusive, tais investimentos privados aumentam as possibilidades de os atletas conseguirem ‘ganhar a vida’ e se sustentarem com o esporte.

Outro ponto é quanto à capacidade da mídia em construir a figura de ídolos esportivos para inspirar e motivar as futuras gerações. A partir da imagem do ídolo são transmitidos conhecimentos e experiências que servirão de exemplo para as novas gerações de atletas. E com o tempo, “alguns destes indivíduos também se tornarão ídolos, que novamente continuarão a inspirar outros a praticarem um esporte, formando um ciclo entre participação esportiva e o esporte de alto rendimento” (MAZZEI, 2015, p. 62). O relato do Atleta 1 exemplifica essa realidade:

Nós temos alguns ídolos que podem ser espelhos. Na época, Gustavo Borges e Fernando Scherer trazendo aí algumas medalhas. E o que foi o mais importante para mim, porque eu me enxergo como nadador depois desse marco que foi em 2008, foi o ouro do César Cielo, nosso primeiro ouro. Então acho que isso também deu uma motivação para as crianças chegarem lá. Levou a natação para um outro nível, um outro patamar. (Atleta 1).

Por fim, há outro importante papel desempenhado pela mídia esportiva, mas que não foi mencionado pelos nadadores entrevistados, que é com relação a construção de um ambiente seguro para a prática esportiva. Esse ambiente seguro pode ser fortalecido com o apoio dos meios de comunicação por meio da divulgação, orientação e educação de esportistas (e da sociedade como um todo) sobre temas relevantes como *doping* e sobre as diversas formas de violência e discriminação que podem ocorrer no âmbito esportivo (racismo, sexismo, etarismo, assédios e abusos psicológicos, físicos, sexuais, morais, etc.). A medida em que esses temas forem cada vez mais debatidos e a medida em que houver maior orientação quanto às diversas formas de assédio e abuso que podem ocorrer no esporte, maior será a possibilidade de construir um ambiente seguro para a prática esportiva sobretudo para crianças, jovens e adolescentes.

5.2.14. Ciência e tecnologia

Por fim, um fator mencionado por dois entrevistados é com relação a contribuição dada pela ciência e pela tecnologia para o aprimoramento dos treinamentos e, conseqüentemente, dos resultados esportivos dos nadadores olímpicos brasileiros. Esta categoria é contemplada pelo nono pilar do modelo SPLISS, “Pesquisa científica e inovação” (DE BOSSCHER et al., 2007). Com base nos elementos do pilar 9, o sucesso esportivo está fortemente atrelado com o apoio proveniente das ciências do esporte, da pesquisa científica e inovação, e sobretudo, com a integração, disseminação e aplicação dos resultados advindos dessas áreas. Segundo os autores, este é um dos campos de interesse que mais cresce no esporte de elite na última década e vem se tornando um fator cada vez mais importante na disputa pelo sucesso esportivo (DE BOSSCHER et al., 2015). Portanto, ainda que tenha sido citado por uma porcentagem pequena de atletas, é imprescindível discutir a importância da ciência para o desenvolvimento da natação de rendimento do Brasil.

Segundo a opinião dos nadadores entrevistados, há uma falta de valorização da ciência no Brasil: “Nós temos um talento científico, um desenvolvimento científico maravilhoso no país, mas que é subutilizado” (Atleta 9). Nesse sentido, a fim de atingir o sucesso esportivo é fundamental que os estudos desenvolvidos nas mais diversas áreas (treinamento, fisiologia, gestão, medicina esportiva, biomecânica, etc.) necessariamente sejam aplicados para as reais necessidades provenientes dos atletas, treinadores, preparadores físicos, gestores do esporte, dentre outros. Para tanto, é fundamental que as contribuições provenientes dessas pesquisas cheguem até suas partes interessadas e que estas sejam traduzidas em termos práticos e compreensíveis para aqueles que irão aplicá-las (DE BOSSCHER et al., 2015).

A opinião do Atleta 3 aponta justamente para essa necessidade de se haver uma maior comunicação e aproximação das organizações esportivas com as instituições que desenvolvem as pesquisas científicas: “Eu acho que isso [estudos científicos] deveria ser linkado, aliado junto com as confederações e federações brasileiras para que isso possa ajudar o esporte nacional”. Os pesquisadores do modelo SPLISS apontam que países com elevado sucesso esportivo internacional (no caso, Austrália, Japão e Canadá) realizam parcerias formais com as universidades e, em alguns casos, até possuem seus próprios centros nacionais de pesquisa que desenvolvem estudos aplicados ao esporte de rendimento (DE BOSSCHER et al., 2015).

Tal percepção que esses nadadores olímpicos têm a respeito da desvalorização das pesquisas científicas e da falta de proximidade delas com a prática no cenário esportivo brasileiro é corroborada pela literatura (AMARAL; BASTOS, 2016). Segundo as autoras, no Brasil há uma defasagem entre ciência e prática que não ocorre em outros países de sucesso esportivo internacional. Como resultado desse distanciamento, os profissionais que atuam na formação e no treinamento de atletas do país sentem que não têm suas necessidades atendidas no que diz respeito ao apoio científico à prática do esporte de alto rendimento (AMARAL; BASTOS, 2016).

Felizmente, recentemente as grandes organizações esportivas no Brasil vem aos poucos procurando meios de gerar maior aproximação com as universidades e laboratórios de pesquisas aplicadas aos esportes. Exemplo disso é a parceria formal firmada entre o Comitê Brasileiro de Clubes e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), visando a capacitação dos gestores, treinadores e demais recursos humanos de clubes esportivos formadores de atletas integrados ao CBC.

De acordo com as informações do site do Comitê, o objetivo da parceria é “aproximar o campo prático com a universidade (e vice e versa) com a oferta de cursos, aprimorando a gestão esportiva, elevando o nível técnico dos profissionais que atuam nos clubes e conseqüentemente o desenvolvimento do esporte no Brasil” (COMITÊ BRASILEIRO DE CLUBES, 2023, [n.p.]). Espera-se que, a exemplo desse caso, demais organizações esportivas busquem criar e fortalecer vínculos com as entidades de pesquisas científicas aplicadas ao esporte no país.

5.3. TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE NADADORES OLÍMPICOS E OS FATORES QUE A AFETAM

Essa seção busca atingir o objetivo específico do estudo de mapear os principais elementos que compõem a trajetória esportiva dos nadadores olímpicos brasileiros e identificar os principais fatores que afetaram diretamente o desenvolvimento desses atletas rumo ao sucesso esportivo. Assim, nela são apresentados os resultados obtidos através da análise das informações inseridas pelos nadadores em suas linhas do tempo (instrumento RTL), e da categorização das questões 1, 3 e 4 do roteiro da entrevista semiestruturada (Quadro 1). A apresentação e discussão dos dados utiliza como referencial o modelo teórico de desenvolvimento de atletas de alto rendimento, o CDA, desenvolvido pelo COB (COMITÊ

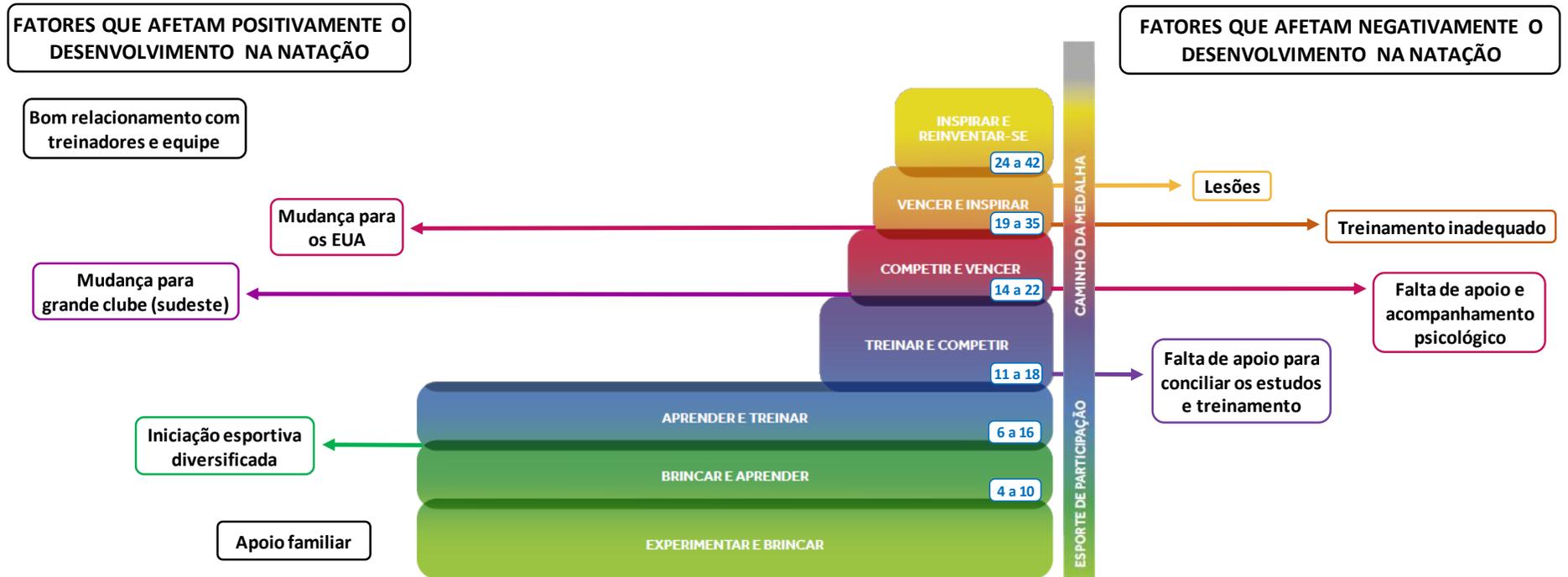
OLÍMPICO DO BRASIL, 2022) e apresentado na seção “3.5 Trajetória de Desenvolvimento Esportivo” desse estudo.

A partir das informações reportadas pelos atletas entrevistados em suas linhas do tempo, inicialmente buscou-se identificar alguns marcos que compõem a trajetória esportiva da maioria desses nadadores, tais como: o início da prática esportiva, o início dos treinamentos sistematizados e específicos, as primeiras conquistas de categoria, a mudança para grandes clubes, as primeiras conquistas nacionais no absoluto, as primeiras conquistas internacionais no absoluto, a realização de intercâmbio nos EUA e a participação nos Jogos Olímpicos. A partir dessas informações e seguindo as etapas indicadas no modelo CDA, buscou-se também indicar as idades em que os nadadores brasileiros entrevistados passaram por cada uma das sete etapas que compõem o modelo.

Além disso, a partir da análise das questões 3 e 4 do roteiro da entrevista, foram identificados fatores que afetaram de maneira particular a trajetória esportiva de cada um dos atletas entrevistados, tanto positivamente quanto negativamente. Apesar de cada nadador ter indicado fatores que influenciaram especificamente sua trajetória esportiva, alguns fatores se mostraram mais frequentes, sendo mencionados pela maioria dos entrevistados.

Com base nessas informações, a Figura 6 agrupa os principais resultados dessas análises. Nela são representados o modelo CDA com as etapas que compõem o chamado Caminho da Medalha, as idades em que os nadadores entrevistados passaram por cada etapa, bem como os principais fatores que afetaram positivamente e negativamente a trajetória esportiva dos nadadores olímpicos brasileiros.

Figura 7 – Adaptação do modelo CDA para a natação brasileira e os fatores que afetam a trajetória esportiva dos nadadores



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Comitê Olímpico do Brasil (2022, p. 38)

Ao observar as idades em que os nadadores entrevistados vivenciaram as etapas do CDA e compará-las com as idades indicadas no modelo teórico, observa-se que na natação elas se dão de maneira mais precoce. Os próprios autores do CDA indicam que “as idades indicadas são aproximadas e não devem ser assumidas como referência para a seleção de atletas. Variações são esperadas e devem ser consideradas, tanto por características individuais como da modalidade” (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022, p.28). A Tabela 5 apresenta a comparação entre as idades propostas pelo CDA para cada etapa e as idades observadas nesse estudo. Vale frisar que as idades indicadas nesse estudo foram obtidas a partir da amostra de 23 nadadores olímpicos e, portanto, não podem ser generalizadas para o contexto geral da natação brasileira.

Tabela 5 – Comparativo entre as idades indicadas no modelo CDA com as observadas na amostra do estudo

Etapa	Modelo CDA	Nadadores entrevistados
Experimentar e Brincar	Até 8 anos	(não observado)
Brincar e Aprender	6 a 12 anos	4 a 10 anos
Aprender e Treinar	10 a 16 anos	6 a 16 anos
Treinar e Competir	14 a 23 anos	11 a 18 anos
Competir e Vencer	18 a 25 anos	14 a 22 anos
Vencer e Inspirar	22 a 40 anos	19 a 35 anos
Inspirar e Reinventar-se	(não indicado)	24 a 42 anos

Fonte: elaborada pela autora

Com base nas idades observadas, cabe discutir a questão da especialização precoce na natação. Um fato observado a partir dos dados coletados é de que, dentre os nadadores entrevistados, são principalmente as mulheres que passaram pelo processo de especialização ainda muito jovens. Por exemplo, ao comparar as idades em que os entrevistados conquistaram seus primeiros títulos nacionais na categoria absoluto, para as nadadoras isso ocorreu sobretudo entre seus 14 e 16 anos, enquanto para os homens a idade variou de 17 a 22 anos. Esses dados vão ao encontro do estudo de Jorge et al. (2016) que analisou a carreira esportiva de 4756 nadadores e observou que, para as mulheres, o pico de rendimento ocorreu por volta dos 15 anos, e para os homens o pico se deu próximo aos 17 e 18 anos de idade.

Entretanto, existem diversos problemas decorrentes do processo de especialização precoce (KUNZ, 1994 apud RAMOS; NEVES, 2008; SANTANA, 2005). Apesar de os nadadores que compõem a amostra desse estudo serem atletas que tiveram / têm êxito em suas

carreiras esportivas, é importante debater as problemáticas ocasionadas pela especialização precoce visto que são poucos os atletas que alcançam esse sucesso.

O ponto crítico na questão da especialização precoce são as altas taxas de abandono da modalidade. Um estudo analisou os efeitos da especialização precoce em um grupo de ex-atletas de natação e concluiu que essa possui uma forte relação com o término da carreira prematuramente (DE OLIVEIRA et al., 2007). De modo similar com os dados observados na Tabela 5, o estudo de De Oliveira et al. (2007) indica que os ex-atletas tiveram seu auge de desempenho muito jovens (sobretudo na categoria infantil, dos 13 aos 14 anos). Entretanto, logo após esse pico de rendimento seus resultados foram decaindo, culminando no encerramento da carreira justamente no momento em que deveriam estar começando suas performances (DE OLIVEIRA et al., 2007).

Para a natação feminina essa relação entre especialização precoce e abandono da modalidade se mostra ainda mais forte. Embora as nadadoras da amostra do estudo não façam parte do contingente de atletas que deixaram de praticar a natação após passarem pelo processo de especialização, observa-se que a taxa de evasão da modalidade entre jovens nadadoras é alta. Diversos estudos indicam que as garotas tendem a iniciar suas carreiras esportivas mais novas em comparação aos meninos, e conseqüentemente abandonam a natação mais cedo (DE OLIVEIRA et al., 2007; JORGE et al., 2016; SIQUEIRA; VIEIRA, 2013). Esses fatos podem estar relacionados com o estágio maturacional dessas atletas, já que a maturação e o pico de crescimento em meninas acontece mais cedo que nos meninos.

Nesse sentido, visto que as meninas tendem a apresentar ótimos desempenhos esportivos mais cedo que os meninos, a tendência é que elas sejam submetidas a treinamentos mais intensos e específicos precocemente. Como consequência desse fato, aumentam-se as cobranças por uma frequente melhora de resultados, fazendo com que as meninas tenham que lidar com uma pressão psicológica constante. Inclusive, essa preocupação foi mencionada pela Atleta 15 em sua entrevista:

É muito novo o direcionamento do treinamento em relação a período menstrual e a separação do desenvolvimento masculino e feminino. Porque o que acontece no Brasil é que os meninos começam a treinar levando pau das meninas que já estão mais desenvolvidas. Então elas são coelho de corrida, quando elas começam a reduzir rendimento porque elas já tiveram a menarca, e têm um certo platô, eles estão começando no desenvolvimento do corpo e na puberdade mais forte. E aí eles começam a se desenvolver e vem a falácia de que as meninas não estão afim e que não estão comprometidas. E na verdade são momentos de desenvolvimento diferentes. E é muito comum a desistência de meninas nessa época, muito comum mesmo. (Atleta 15).

Portanto, é necessário que todos os envolvidos com o desenvolvimento esportivo de jovens nadadores (desde familiares, treinadores e até mesmo clubes, federação e confederação) estejam atentos a essa questão dos diferentes estágios de maturação entre meninas e meninos. É a partir desse entendimento que se torna possível desenvolver programas de treinamento adequados, em conformidade com a etapa de desenvolvimento físico (e psicológico) desses jovens atletas, de modo a evitar a especialização precoce e o abandono da modalidade.

Já com relação aos fatores que afetaram a trajetória esportiva dos nadadores brasileiros, na Figura 6 estão retratados aqueles que se mostraram mais frequentes na fala dos entrevistados. Na Figura foi identificado também em qual etapa do CDA a influência desses fatores ocorreu de maneira mais forte. Dentre os fatores positivos estão: a iniciação esportiva diversificada, a mudança para um grande clube (sobretudo da região sudeste); a mudança para os EUA; o apoio familiar e o bom relacionamento com treinadores, companheiros de equipe e toda a comissão técnica.

A iniciação esportiva diversificada consiste na prática de mais de uma modalidade ao longo da infância, antes de iniciar o processo de especialização em um esporte específico. Diversos nadadores citaram que experimentaram modalidades variadas para além da natação:

Eu passei por diversos outros esportes antes de entrar na natação. Eu morava ao lado da Universidade Federal e é aonde tinham diversos esportes disponíveis e a natação foi o último deles. Eu passei em esportes como futebol, ginástica olímpica, artes marciais, e por último veio a natação. (Atleta 3).

Mas eu sempre fui uma criança bastante ativa e eu gostava de brincar ao ar livre, eu gostava de praticar todos os tipos de esportes. Eu lembro que na escola, nesse período de Educação Infantil, a escola que eu estudei [...] tinha as Olimpíadas do Colégio. E tinham várias modalidades: atletismo, futebol, vôlei, basquete, handebol e natação. E todo ano eu me inscrevia em todas. (Atleta 13).

Na etapa Brincar e Aprender, a preocupação deve ser justamente em proporcionar às crianças práticas multiesportivas, visando o desenvolvimento esportivo geral e diversificado. Nessa etapa deve haver a estimulação pelo gosto da prática de atividades físicas, de modo a tornar as crianças ativas e saudáveis, além de favorecer a prática esportiva ao longo de toda a vida (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022). Uma forte característica dessa etapa é a dimensão lúdica e divertida das atividades realizadas, de modo que a criança sinta prazer em praticar, conforme ocorreu com a Atleta 17: “Eu comecei a nadar no Fluminense e lá eles têm

essa preocupação em fazer a natação ser muito divertida para as crianças. O que me fez me apaixonar completamente pelo esporte”.

Já a mudança para grandes clubes está sobretudo relacionada à busca por melhores infraestruturas e condições de treinamento. Essa mudança de clube ocorre principalmente nos anos em que o atleta passa a disputar campeonatos absolutos e visa obter a melhora no seu desempenho. Na amostra do estudo, os nadadores realizaram essa mudança sobretudo entre seus 15 e 23 anos. Conforme já mencionado na seção “5.1 Cidade sede dos clubes e fatores de macronível”, os principais clubes de natação do Brasil estão localizados na região sudeste do país. E na opinião dos nadadores entrevistados, o fato de deixar seu clube de origem e passar a treinar em grandes polos da natação brasileira é um fator que contribui muito para seus desenvolvimentos enquanto atletas de alto rendimento:

Primeiro ponto que já citei foi justamente o fato de me mudar, sair do Nordeste e ir para o Sudeste. Esse choque de realidade, digamos assim, foi bem importante pra mim. Como eu falei anteriormente, muito provavelmente se eu estivesse no Nordeste até hoje não seria metade do nadador que sou hoje. (Atleta 4).

Aí quando eu fui pra São Paulo treinar no Pinheiros ali com a elite da natação, ali foi quando deu um salto técnico muito grande na minha carreira, foi nítida a diferença. Então eu acho que estar numa estrutura boa e treinar junto com pessoas muito boas ali que eram de seleção brasileira já, foi um fator determinante. (Atleta 8).

Essa mudança, a saída do Rio de Janeiro, da casa de meus pais, para ir morar em outra cidade e treinar num clube grande. Se eu tivesse ficado aqui no Rio de Janeiro provavelmente eu não teria chegado aonde eu cheguei [...] Então essa mudança para mim foi também crucial para alcançar um nível mais alto que eu estava almejando. Se eu estivesse no Rio com certeza isso não aconteceria. (Atleta 20).

Nesse mesmo sentido, visando alcançar resultados ainda mais expressivos, parte dos nadadores entrevistados migrou para os Estados Unidos para dar sequência em suas carreiras de atletas profissionais. Essa mudança ocorre com mais frequência em dois momentos da trajetória esportiva dos nadadores: ou ela ocorre por volta dos 18 e 19 anos quando os atletas migram para os EUA para defenderem alguma universidade norte-americana e conseguem conciliar a rotina esportiva e acadêmica por meio de bolsa de estudos; ou ela ocorre mais tardiamente, quando os atletas já não se aplicam mais aos critérios necessários para ingressar em uma equipe universitária, mas julgam que essa mudança de cultura pode trazer resultados positivos para suas carreiras.

Esse fato de atletas mudarem de país em determinado momento da carreira é muito comum de ser observado na realidade da natação brasileira. Inclusive, de acordo com as

discussões traçadas na seção “5.2.2. Cultura, tradição e aspectos comportamentais”, esta parece ser uma particularidade da natação, visto que não ocorre com tanta frequência e com as mesmas características em outras modalidades. Por conta disso, o CDA, por se tratar de um modelo geral para todos os esportes, não apresenta debates que versam sobre essa temática, tampouco aponta as implicações que esse fato traz para o processo de desenvolvimento esportivo de atletas rumo ao sucesso internacional.

De qualquer modo, os nadadores entrevistados julgam que a permanência no Brasil poderia limitar seu desenvolvimento esportivo (e até mesmo acadêmico): “Ir para o Estados Unidos seria o polimento dessa estrutura, seria o confete, seria o algo a mais além do básico. Então assim, também acho que se eu tivesse ficado aqui, eu não teria me desenvolvido tanto a nível mundial”. (Atleta 12); “Então ter vindo para cá [Estados Unidos], ter tido essa dinâmica, ter tido essa exposição, ter conhecido outras maneiras de treinamento para mim foi talvez a decisão mais importante que eu tive na minha carreira”. (Atleta 21).

Por fim, o apoio familiar e o bom relacionamento com seus pares foram outros dois pontos citados que contribuem positivamente para o desenvolvimento esportivo dos nadadores. Diferentemente dos fatores mencionados anteriormente, esses exercem influência ao longo de toda a trajetória dos atletas, e não apenas em determinadas etapas específicas. No modelo desenvolvido pelo COB, a construção de relacionamentos positivos e saudáveis entre o praticante/atleta e o(a) treinador(a) são mencionados em todas as etapas que compõem o CDA (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022).

Na literatura são vários os estudos que sinalizam os impactos decorrentes de relacionamentos saudáveis entre o atleta com seus treinadores(as), membros da comissão técnica e companheiros de equipe (ADIE; JOWETT, 2010; CHEUCZUK et al., 2016; CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; JOWETT; COCKERILL, 2003; JOWETT; TIMSON-KATCHIS, 2005; PHILIPPE; SEILER, 2006; SMOLL; CUMMING; SMITH, 2011). Os estudos indicam que a relação positiva entre treinador(a)-atleta é capaz de promover benefícios não somente em termos de melhoria de desempenho esportivo, mas também em termos de desenvolvimento pessoal e social. Esse fato pode ser observado na fala do Atleta 20:

O terceiro ponto eu acho que foi trabalhar com profissionais muito capacitados tanto tecnicamente no ofício deles, como pessoalmente. Eu acho que as pessoas que eu trabalhei, eu dei muita sorte, a grande maioria foram pessoas excepcionais como seres humanos também, além de muito qualificadas tecnicamente. [...] Eu acho que quando você tem uma relação boa também pessoalmente com as pessoas que estão próximas de você, que trabalham com você, você tem mais chances de conquistar o sucesso, de ter

sucesso naquilo que você faz. Então eu tive essa sorte de encontrar a maioria das pessoas que, além de grandes profissionais, eles eram também seres humanos fantásticos que me ajudaram né? Então, as pessoas me ajudaram muito a chegar onde eu cheguei, então eu devo muito a elas. (Atleta 20).

No que diz respeito especificamente ao apoio familiar, no decorrer das etapas de formação esportiva dos atletas o suporte da família assume características e funções distintas. Os nadadores mencionaram que os pais desempenharam uma influência mais forte e direta nos anos iniciais da prática, mas afirmam que esse suporte permaneceu ao longo de toda a trajetória esportiva. A literatura indica que o apoio familiar está relacionado a diversos papéis, tais como: introduzir a criança à prática esportiva, encorajar e motivar a criança a permanecer no esporte, dar apoio emocional em momentos difíceis, fornecer o suporte financeiro necessário à permanência no esporte, permitir que o jovem esportista tenha suas próprias tomadas de decisão, dentre outros (BREMER, 2012; KAY, 2000, 2004). A fala do Atleta 2 retrata as diversas funções que sua família exerceu ao longo de sua carreira esportiva:

Se você for ver a linha do tempo aqui, o tempo todo eu sempre falei de ter a minha família do meu lado me blindando e me servindo como apoio para que eu pudesse trabalhar, para que eu pudesse me desenvolver, investindo no meu sonho. Então, com certeza, se eu pudesse colocar em um fator que me fez ser o cara que eu sou hoje, o atleta que eu sou hoje, tudo o que eu construí dentro do esporte, eu devo a minha família. Sem eles eu não ia conseguir ter treinado, não teria o investimento que eu tive para viajar, para me dedicar, não teria tido, talvez, a educação e a formação mental que eu tenho. [...] Então acho que se eu posso falar em um fator, uma coisa foi o apoio da minha família ao longo desses anos da minha vida esportiva. (Atleta 2).

Por outro lado, com as entrevistas também foram identificados fatores que afetaram negativamente a trajetória esportiva dos nadadores rumo ao sucesso esportivo. Dentre os elementos citados mais recorrentes na fala dos atletas estão: a falta de apoio para conciliar a rotina de treinamentos e competições com os estudos; a falta de suporte e acompanhamento psicológico; treinamentos inadequados e inespecíficos; e lesões.

É fato que no Brasil grande parte dos atletas de rendimento encontram barreiras e empecilhos para conseguir dar sequência aos estudos enquanto mantêm uma rotina esportiva com treinamentos intensos e competições. Infelizmente, essa realidade não é uma particularidade da natação do país; ela ocorre no esporte brasileiro como um todo. O próprio modelo de desenvolvimento esportivo do COB sinaliza que o descaso com as demandas escolares é um problema recorrente que tende a prejudicar o CDA (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022). A fala dos nadadores evidencia o quão prejudicial essa problemática foi tanto para suas carreiras esportivas, quanto para suas carreiras acadêmicas:

Para eu conseguir conciliar a faculdade com os treinos foi bem difícil. Foi um ano que eu fiquei muito doente, foi um ano que eu não consegui atingir determinadas metas e não foi um ano bacana para mim. (Atleta 3).

Então, por muitas vezes, eu tive uma dificuldade muito grande em conciliar, tanto que eu não consegui fazer uma faculdade por causa disso. Tive uma dificuldade muito grande em conciliar estudo e esporte. Até o ponto que eu larguei a universidade. Não fiz um nível superior por não conseguir conciliar né. Eu cheguei num ponto ali onde eu estava treinando e estudando ‘meia boca’. Então fazer duas coisas ‘meia boca’ não rola né. (Atleta 9).

Esse momento também não foi legal porque eu não consegui fazer nem um, nem outro bem. Então eu não estava nadando bem, nem estudando bem. Eu que era uma pessoa que nunca tinha tido problema com estudo, comecei a ter problema porque eu não conseguia pegar a grade de disciplinas completa [...]. Então realmente isso para mim não funcionou. (Atleta 11).

A seção “5.2.6. Identificação e desenvolvimento de talentos” discutiu mais detalhes a respeito dessa dificuldade enfrentada pelos nadadores em obter apoio por parte de escolas e universidades para que consigam atender às exigências da vida esportiva. Nela também foram apresentadas algumas propostas e direcionamentos para essa problemática.

O segundo tema abordado pelos entrevistados e que desempenhou um papel negativo para o desenvolvimento esportivo desses nadadores foi a falta de suporte relacionado à parte psicológica. É evidente que além de toda a preparação física necessária para se tornar um atleta de excelência, há também de se realizar todo um preparo e acompanhamento psicológico desses esportistas. Esse suporte psicológico se faz necessário tanto para situações vivenciadas rotineiramente por um atleta de alto rendimento como treinamentos árduos, constante pressão por melhoria de desempenho, ansiedade, distanciamento da família, privação de certos prazeres, dentre outros; quanto para situações mais específicas e pontuais como a participação em um campeonato decisivo, por exemplo. Devido a tamanha importância dada ao apoio às questões mentais e psicológicas do atleta, os nadadores entrevistados reconhecem que a falta desse suporte impactou negativamente suas carreiras esportivas:

Eu passei por um burnout também. Então acho que muito por cobrança interna minha. Então eu estava me cobrando, queria nadar bem, me dedicava, a alimentação direitinho, mas ia em competição e não nadava legal. Isso foi me minando de uma forma que eu precisei tirar um período de férias maior para me recuperar (Atleta 7).

Eu nunca falei com psicólogo na minha vida e a gente sabe que é fundamental. [...] Nunca tive psicólogo para conversar comigo e, de repente, a gente vê que muito atleta acaba não performando por falta de um suporte psicológico. Não suporta pressão porque nunca ninguém falou com ele sobre isso. Talvez seja mais um ponto aí. Mais um ponto é a falta dessas outras

áreas da saúde que auxiliam na performance de alto rendimento. O que eu não tive né, e talvez tenha impactado para mim. (Atleta 13).

Os nadadores indicam que a falta de apoio psicológico impactou sobretudo na etapa onde esses atletas já haviam alcançado alguns resultados esportivos interessantes, mas ainda havia a expectativa de alcançar conquistas mais expressivas. No Modelo de Desenvolvimento do COB, os autores indicam que na etapa do Competir e Vencer a preparação psicológica é de suma importância para que o atleta atinja progressivamente a elite esportiva e consolide sua identidade como atleta de alto rendimento (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022). Esses aspectos devem ser potencializados com programas de preparação psicológica e construção de projetos de curto, médio e longo prazos para a carreira esportiva do atleta, destacando o protagonismo que esse esportista deve ter na tomada de decisão e gerenciamento da sua própria carreira.

Após esse período, já na etapa do Vencer e Inspirar, o preparo psicológico é aplicado para que este esportista, já considerado um atleta de referência, não se acomode com os resultados que já alcançou e siga aspirando a conquista por medalhas e títulos. Nesse momento o acompanhamento psicológico deve envolver um trabalho de resiliência, renovação e constante desejo de realização (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022). Partindo desse ponto, a Atleta 15 retrata justamente a dificuldade que teve em conseguir se readaptar à rotina de um atleta de alto rendimento após ter participado dos Jogos Olímpicos, somada a falta de apoio psicológico nesse momento de sua carreira:

A interrupção do acompanhamento psicológico. Eu acho que muitos dos fatores que foram se agregando para dificultar um retorno melhor foram psicológicos, no sentido de que quando não é mais novidade, a coisa legal deixa de ser tão legal. [...] A coisa ruim continua sendo ruim e às vezes mais ruim ainda. E aí só é legal quando é muito sensacional. E só é sensacional 1% do tempo. Então você precisa ter melhores fontes de renovação de energia e eu falhei nisso depois da Olimpíada, que eu tive aquele ano de estafa. Eu senti que eu falhei muito nisso. [...] Então acho que minha primeira falha foi esse não acompanhamento psicológico. (Atleta 15).

Portanto, fica evidente que a negligência e a falta de suporte às questões mentais impedem que o atleta de alto rendimento conduza sua carreira esportiva da melhor forma e alcance o desempenho esportivo que almeja. Embora nesse estudo os nadadores entrevistados tenham mencionado o impacto que a falta desse apoio ocasionou principalmente após já serem considerados atletas de elite, o acompanhamento psicológico é fundamental em todas as etapas do desenvolvimento esportivo. Certamente cada etapa da trajetória esportiva requer

uma abordagem e um preparo psicológico específico em conformidade com as demandas e expectativas vivenciadas em cada momento.

Outro fator mencionado pelos nadadores que também impactou negativamente seu desempenho esportivo no momento em que já possuíam uma carreira solidificada no alto rendimento foi a realização de treinamentos inespecíficos e que não convergiam com suas expectativas. Após atingirem um alto nível de performance esportiva, alguns entrevistados comentaram que encontraram dificuldades em se adaptar a modelos e propostas de treinamentos que os fizessem continuar melhorando seus resultados. Alguns nadadores apontam que essa problemática foi devido à falta de conhecimento específico por parte dos treinadores, enquanto outros indicam que esta foi pela falta de comunicação entre o atleta e o treinador a respeito dos ajustes que poderiam ser feitos dentro do método de treinamento proposto:

Aí o contraponto: estar dentro de um ambiente onde ainda faltava um aprofundamento técnico da parte do treinador do Brasil sobre que tipo de trabalho tinha que ser feito especificamente para cada tipo de atleta. Isso retardou muito o nível, o resultado que eu poderia ter tido já muito antes, em termos de nível internacional, sabe? [...] Na época que eu voltei para o Brasil, por exemplo, [...] mudou totalmente o meu sistema de treino, e eu não consegui mais me adaptar. (Atleta 14).

Eu acho que uma das minhas falhas foi não pôr força nas coisas que eu já sabia sobre mim, nas coisas que eu aprendi, levar isso como bagagem acumulada e às vezes deixar outras pessoas dizerem o que é melhor para mim em certos aspectos. Não sei como descrever isso, mas eu acho que saber falar 'não' mais vezes, saber me impor melhor, saber dar valor a este conhecimento adquirido sobre a minha performance, sobre a minha pessoa em vários aspectos. Acho que essa foi também uma das minhas grandes falhas. [...] Daí você perde esse 'quê' da individualidade, você deixa de ter alguns fatores que eu considero importantes. (Atleta 15).

Esta realidade certamente não é uma particularidade da natação. No próprio modelo CDA está indicado que na etapa do Vencer e Inspirar, como os atletas já têm mais experiência e autoconhecimento, o treinamento deve estar centrado no atleta, potencializando processos que favoreçam seu melhor desempenho. Nessa etapa o atleta já possui um vasto conhecimento sobre seu próprio corpo e, portanto, é capaz de reconhecer qual tipo de estímulo responder melhor, e quais são suas necessidades de intensidade e descanso. Assim, é recomendado que treinadores e comissão técnica levem em consideração a percepção do atleta na elaboração do treinamento e das estratégias de competição (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022).

Alguns nadadores mencionaram ainda que a realização de treinamentos que não estavam de acordo com suas individualidades enquanto atleta acabaram ocasionando outro grande problema, as lesões:

Mas eu acho que assim ó, um ponto negativo é que o esporte de alto rendimento ele acaba não sendo saudável. Então assim, eu tive lesões que me deixaram fora da Olimpíada de 2012. Então eu tive uma lesão no ombro, porque eu fui treinar na Espanha, morei um ano lá, e o treino era puxado. [...] Assim, eu fui buscar metragem e na verdade não funcionou metragem para mim. Então eu fui tentar fazer um treino mais resistente, mas acabei me lesionando. [...] Eu nadava 14000m por dia. E acabou que eu senti muito o ombro. Não consegui recuperar, né. Fazendo fisioterapia, não precisei operar por pouco. [...] E voltei para um treino mais de explosão e de força que é a minha característica. (Atleta 1).

Eu acho que a gente tem que aprender a olhar mais para as pessoas de forma individualizada. Eu acho que em algum momento alguém deveria ter pensado assim "gente, está valendo a pena a gente levar o corpo da XXXX a esse extremo já que a gente tá machucando tanto ela?" Eu acho que alguém em algum momento deveria ter se feito essa pergunta, sabe? [...] Como é que ninguém... Como é que não calcularam a rota? Então eu acho que a falta de individualidade ela me atrapalhou muito forte. (Atleta 17).

É fato que o esporte de altíssimo rendimento não é saudável para o atleta e, por conta disso, a ocorrência de lesões é muito frequente. Para se ter ideia, dentre os 23 nadadores entrevistados nesse estudo, 13 deles afirmaram ter passado por alguma lesão ao longo de suas carreiras. Na literatura há diversos estudos que indicam que as maiores causas de lesão em atletas de natação se dão devido ao volume dos treinamentos e ao excesso de repetições e desequilíbrio muscular, e que as ocorrências de lesões são sobretudo nos ombros, na lombar e na virilha (para os nadadores de peito) (BANKS et al., 2005; BARRY et al., 2021; DE AGUIAR et al., 2010; DRIGNY et al., 2020; TRINIDAD; GONZÁLEZ-GARCIA; LÓPEZ-VALENCIANO, 2021; WELDON; RICHARDSON, 2001).

A partir das entrevistas pôde ser observado que parte dos atletas que foram acometidos por lesões não sofreram consequências tão graves, embora reconheçam que as lesões atrapalharam seu desenvolvimento esportivo. Já outra parte dos nadadores mencionaram que sofreram sérias consequências decorrentes das lesões, tendo que passar por cirurgia, ficar afastado dos treinamentos por vários meses e deixando de participar de campeonatos importantes. E infelizmente houve nadadores da amostra que tiveram que encerrar suas carreiras esportivas devido às lesões:

E aí nesse final de carreira foi uma guerra contra várias lesões. A minha lesão na lombar piorou muito. Eu comecei a ter uma lesão na torácica que me tirou do Mundial de Dubai. E aí depois eu ganhei uma lesão na cervical e eu descobri que eu tinha que operar de novo. [...] Eu operei de novo o ombro e aí o médico até falou "você não vai mais nadar?", eu falei "não vou mais nadar". [...] Isso foi a decisão mais difícil da vida, mas também foi a decisão mais acertada da minha vida. (Atleta 17).

E depois do Rio eu achei que eu não conseguiria mais, tanto pela idade, quanto pela motivação e pela lesão também. E ela me acompanhou, ela me acompanha até hoje. [...] Então aí em 2016 eu parei. Foi o final da minha carreira de atleta, minha aposentadoria. (Atleta 20).

Com isso, ao identificar os principais fatores que afetaram diretamente a trajetória esportiva dos nadadores olímpicos brasileiros pode-se dizer que o objetivo dessa seção foi alcançado. Ainda que as informações coletadas sejam referentes a apenas uma parcela dos nadadores de elite do país, as discussões traçadas são capazes de fornecer reflexões que podem ser estendidas e aplicadas para o contexto da natação brasileira como um todo. Os dados aqui apresentados fornecem ainda mais embasamento para a formulação de políticas esportivas coerentes às necessidades da natação brasileira.

6 CONCLUSÃO

O alcance do sucesso esportivo internacional tem sido cada vez mais tema de estudo em diversos países e modalidades esportivas. Pesquisas têm buscado identificar quais fatores são capazes de influenciar esse sucesso e quais são as estratégias e ações a serem desenvolvidas pelos países para alcançar resultados esportivos cada vez mais expressivos. No contexto da natação brasileira de alto rendimento é muito comum observar a comunidade aquática questionando justamente isso “o que é necessário (ou, o que ainda falta) para a natação do Brasil alcançar o sucesso esportivo internacional?”

Assim, este estudo pode ser considerado um dos pioneiros na busca por identificar os fatores que afetam os resultados esportivos alcançados pela natação brasileira. Por meio da percepção dos próprios nadadores e da análise de suas trajetórias esportivas, esta pesquisa teve como objetivo central identificar e analisar os fatores que influenciam o sucesso esportivo de nadadores olímpicos brasileiros.

Para isso, este estudo foi realizado em duas etapas. A primeira etapa, que fez uso da abordagem quantitativa, teve como objetivo identificar em que medida o perfil populacional e socioeconômico das cidades sede dos principais clubes de natação do Brasil pode estar relacionado com o desenvolvimento da modalidade no país. Os resultados dessa etapa apontam que os principais clubes responsáveis por desenvolver os nadadores de alto rendimento do país estão localizados majoritariamente na região Sudeste, em cidades populosas, com alta densidade demográfica, e altos índices de desenvolvimento humano e econômico – mais especificamente nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Com base nesses dados, a conclusão que se chega é que, por mais que o início da trajetória esportiva dos nadadores brasileiros seja plural e ocorra em diferentes cidades, à medida em que esses nadadores atingem o alto rendimento, torna-se praticamente imprescindível que eles desenvolvam suas carreiras em clubes localizados em alguma das capitais mencionadas. A concentração de clubes na região Sudeste e a baixa distribuição geográfica desses “polos” da natação brasileira de alto rendimento por todo o território nacional certamente traz algumas limitações para o desenvolvimento da modalidade. A existência de centros de treinamento espalhados em outras regiões do Brasil poderia contribuir para que jovens talentos tivessem maiores oportunidades de desenvolver suas

carreiras, o que a longo prazo acarretaria em um maior desenvolvimento no nível técnico e competitivo dos nadadores em todo o território nacional.

Já a segunda etapa do estudo empregou a metodologia qualitativa, e teve como objetivo identificar os fatores que influenciam o sucesso da natação brasileira tendo como base a opinião dos próprios nadadores. Para isso, foram entrevistados 23 nadadores brasileiros que foram semifinalistas e/ou finalistas em Jogos Olímpicos. A partir das entrevistas realizadas, os fatores de sucesso mencionados foram divididos em 14 categorias (6 dessas com suas respectivas subcategorias). A categorização dos fatores foi pautada no modelo teórico SPLISS, mas houve liberdade para a criação de novas categorias que não são contempladas pelo modelo. Assim, as categorias dos fatores de sucesso identificados são:

1. Suporte para atletas e pós-carreira (com 4 subcategorias);
2. Cultura, tradição e aspectos comportamentais (com 2 subcategorias);
3. Instalações esportivas;
4. Competições (com 2 subcategorias);
5. Desenvolvimento e suporte para treinadores (com 2 subcategorias);
6. Identificação e desenvolvimento de talentos (com 2 subcategorias);
7. Suporte financeiro;
8. Participação e esporte de base;
9. Organização, planejamento e governança;
10. Fatores intrínsecos (com 2 subcategorias);
11. Apoio familiar;
12. Condições climáticas e geográficas;
13. Mídia e visibilidade;
14. Ciência e tecnologia.

A opinião dos nadadores é de que alguns desses fatores ainda necessitam ser aprimorados e mais bem desenvolvidos no contexto da natação brasileira para que a modalidade alcance resultados internacionais mais expressivos. Em um paralelo com os nove pilares do SPLISS, a conclusão que se chega é de que no contexto da natação brasileira de alto rendimento existe um elevado investimento financeiro (Pilar 1), porém a gestão e a organização da modalidade ainda apresentam falhas (Pilar 2). Somado a isso, há no Brasil a triste cultura da falta de incentivo à prática esportiva e a falta de reconhecimento do Esporte como ferramenta de educação, saúde e cidadania (Pilar 3). Essa realidade acarreta em alguns

problemas para o desenvolvimento da natação brasileira: a ineficácia em se massificar da natação de base (Pilar 3), a falta de suporte coordenado para o desenvolvimento de talentos (Pilar 4), a baixa quantidade de instalações esportivas adequadas para a prática (Pilar 6), baixos níveis competitivos dos campeonatos nacionais (Pilar 8) e na desvalorização da ciência em prol do avanço esportivo (Pilar 9). Esse panorama encontrado na natação brasileira infelizmente também ocorre no contexto de outras modalidades esportivas no país, conforme alguns estudos da literatura indicam.

Além desses resultados, a segunda etapa do estudo também buscou mapear e analisar a trajetória esportiva dos nadadores olímpicos a fim de alcançar um conhecimento ainda mais detalhado a respeito dos fatores que influenciam o sucesso da natação brasileira. Para isso, foi utilizado como referencial teórico o Modelo de Desenvolvimento Esportivo do COB, com enfoque no Caminho de Desenvolvimento de Atletas (CDA). Este modelo foi utilizado para pautar as análises das trajetórias esportivas e para dar sustentação teórica às discussões realizadas. Portanto, é importante ressaltar que neste estudo não se pretendeu traçar um modelo de desenvolvimento esportivo para a natação brasileira.

Assim, com base na análise das trajetórias foi possível traçar um comparativo entre as idades em que os nadadores do estudo passaram pelas etapas do desenvolvimento esportivo com as idades sugeridas no modelo do COB. Os dados sugerem que na natação brasileira a especialização e o início da carreira no esporte de alto rendimento tende a acontecer de maneira mais precoce quando comparadas às idades indicadas pelo CDA.

Além disso, as entrevistas com os nadadores possibilitaram identificar tanto elementos que colaboraram com o desenvolvimento esportivo desses atletas, quanto elementos que o dificultaram. Dentre os elementos que afetaram positivamente a trajetória esportiva desses nadadores e que contribuem com seus desenvolvimentos esportivos, os fatores que se mostraram mais frequentes na fala dos entrevistados foram: uma iniciação esportiva diversificada, a mudança para um grande clube (sobretudo da região sudeste), a mudança de país, o apoio familiar e o bom relacionamento com seus treinadores, comissão técnica e companheiros de equipe. Por outro lado, ao serem questionados sobre os fatores que afetaram negativamente suas trajetórias esportivas, os fatores mais comuns foram: a falta de apoio para conciliar os estudos e a rotina esportiva, a falta de suporte e acompanhamento psicológico, a realização de treinamentos inadequados e as lesões.

Um dos elementos de destaque que emergiu dessa etapa do estudo e que pode ser encarado como uma particularidade da natação do Brasil é com relação ao fato de nadadores

brasileiros terem se mudado para os Estados Unidos em determinado momento de suas trajetórias esportivas. A mudança para os EUA foi mencionada por muitos nadadores como um fator que afetou positivamente seu desenvolvimento esportivo. Essa cultura difundida na modalidade está muito relacionada com a busca por uma realidade que no Brasil ainda apresenta falhas. Ou seja, alguns atletas consideram que a permanência no Brasil poderia limitar seu desenvolvimento esportivo (e até mesmo educacional) e apostam nessa mudança de país a fim de alcançar as oportunidades e condições que almejam para desenvolverem suas carreiras no alto rendimento e se prepararem academicamente para o pós-carreira.

Por fim, como limitações desse estudo há o fato de que a metodologia empregada foi majoritariamente qualitativa, o que não permite que sejam feitas generalizações precisas com os dados coletados. Para isso, recomenda-se complementar os resultados obtidos nesse estudo com dados provenientes de processos metodológicos quantitativos para se alcançar um conhecimento mais sólido a respeito dos fatores que levam ao sucesso esportivo da natação brasileira.

Ainda como limitações deste estudo há também o fato de que os resultados obtidos são provenientes apenas da opinião de alguns nadadores olímpicos. Para se ter uma visão mais abrangente e um maior aprofundamento do tema estudado, seria interessante incluir a opinião de treinadores, gestores e demais grupos de interesse da modalidade. Além disso, outra limitação da amostra do estudo é que dentre o grupo dos nadadores que colaboraram com a pesquisa, não houve nenhum atleta representante da região Norte do país; e que mais de 60% dos entrevistados são provenientes da região Sudeste. Essa característica da amostra final limita as interpretações que podem ser feitas a partir dos dados coletados, visto que não representa a realidade da natação do país em sua totalidade. Por fim, há também o fato de que todas as análises dos dados obtidos foram realizadas por apenas um pesquisador, o que pode ter tornado as interpretações feitas enviesadas.

Já com relação às contribuições teóricas dessa pesquisa, ela agrega no entendimento dos fatores que contribuem para o alcance do sucesso esportivo, visto que cada modalidade esportiva possui sua particularidade. Além disso, por ser pioneira na investigação desta temática no contexto da natação brasileira, esta pesquisa permite que inúmeros estudos sejam desenvolvidos a fim trazer dados mais detalhados e reflexões mais aprofundadas sobre cada fator de sucesso identificado. Isto é, a partir dos achados nesse estudo abrem-se muitos espaços para que novas pesquisas sejam feitas no contexto da natação do Brasil, buscando alcançar um maior entendimento sobre como desenvolver cada fator de sucesso identificado.

Outra implicação teórico-prática proveniente desse estudo é que ele fornece alguns elementos primários que certamente podem contribuir com a elaboração de um modelo de desenvolvimento de nadadores brasileiros de alto rendimento.

Como implicações práticas, sabe-se que a elaboração de políticas esportivas de alto rendimento é uma tarefa complexa e que envolve inúmeros fatores. Assim, para o desenvolvimento de políticas de esporte eficazes, e para a realização de programas e ações eficientes, é fundamental que essas sejam sustentadas por dados. Portanto, este estudo contribui com o cenário da natação brasileira, à medida em que forneceu dados referentes aos fatores que ainda são passíveis de melhora e indicou diversos direcionamentos que deveriam ser aplicados na prática a fim de gerar avanços para a modalidade a longo prazo.

REFERÊNCIAS

ADIE, J. W.; JOWETT, S. Meta-Perceptions of the Coach–Athlete Relationship, Achievement Goals, and Intrinsic Motivation Among Sport Participants. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 40, n. 11, p. 2750–2773, 2010.

AMARAL, C. M. S.; BASTOS, F. C. Pesquisa científica e inovação. *In*: BOHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. (ed.). **Esporte de alto rendimento: fatores críticos - gestão - identificação de talentos**. 1. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2016. p. 265–290.

BAKER, J.; SCHORER, J.; COBLEY, S.; SCHIMMER, G.; WATTIE, N. Circumstantial development and athletic excellence: the role of date of birth and birthplace. **European Journal of Sport Science**, v. 9, n. 6, p. 329–339, 2009.

BALYI, I.; HAMILTON, A. **Long-Term athlete development: trainability in childhood and adolescence. Windows of opportunity. Optimal trainability**. Victoria: BC: National Coaching Institute British Columbia & Advanced Training and Performance Ltd, 2004.

BANKS, K. P.; LY, J. Q.; BEALL, D. P.; GRAYSON, D. E.; BANCROFT, L. W.; TALL, M. A. Overuse Injuries of the Upper Extremity in the Competitive Athlete: Magnetic Resonance Imaging Findings Associated with Repetitive Trauma. **Current Problems in Diagnostic Radiology**, n. July/August, p. 127–142, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, J. A.; MAZZEI, L. C. Gestão de Clubes Esportivos. *In*: MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C. (ed.). **Gestão do Esporte no Brasil: Desafios e Perspectivas**. São Paulo: Ícone Editora, 2012. p. 91–118.

BARRY, L.; LYONS, M.; MCCREESH, K.; POWELL, C.; COMYNS, T. The relationship between training load and pain, injury and illness in competitive swimming: A systematic review. **Physical Therapy in Sport**, v. 48, p. 154–168, 2021.

BASTOS, F. C.; BOHME, M. T. S. Suporte financeiro. *In*: BOHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. (eds.). **Esporte de alto rendimento: fatores críticos - gestão - identificação de talentos**. São Paulo: Phorte, 2016. p. 69–97.

BÖHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. (ed.). **Esporte de alto rendimento: fatores críticos - gestão - identificação de talentos**. São Paulo: Phorte Editora, 2016.

BRASIL. **Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993: Regulamenta o art. 37, inciso XXI, da Constituição Federal, institui normas para licitações e contratos da Administração Pública e dá outras providências**, 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8666cons.htm. Acesso em: 28 jun. 2023

BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de Março de 1998: Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências**, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm. Acesso em: 28 jun. 2023

BRASIL. **Lei nº 14.597, de 14 de Junho de 2023: Institui a Lei Geral do Esporte**, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14597.htm. Acesso em: 07 mar. 2023

BREMER, K. L. Parental Involvement, Pressure, and Support in Youth Sport: A Narrative Literature Review. **Journal of Family Theory & Review**, v. 4, n. 3, p. 235–248, 2012.

BREUER, C.; HALLMANN, K.; WICKER, P. Determinants of sport participation in different sports. **Managing Leisure**, v. 16, n. 4, p. 269–286, 2011.

BRONFENBRENNER, U. **The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BROOM, E. F. Lifestyles of aspiring high performance athletes: A comparison of national models. **Journal of Comparative Physical Education and Sport**, v. 8, n. 2, p. 24–54, 1991.

BROUWERS, J. **The Role of Elite Sport Policies, Pathways and Inter-Organisational Relationships in Developing Elite Tennis Players**. Thesis (Doctor of Philosophy), Griffith University, 2015.

BROUWERS, J.; SOTIRIADOU, P.; DE BOSSCHER, V. Sport-specific policies and factors that influence international success: The case of tennis. **Sport Management Review**, v. 18, n. 3, p. 343–358, 2015.

BROUWERS, J.; SOTIRIADOU, P.; DE BOSSCHER, V. Sport-specific policies and factors that influence international success: The case of tennis. *Sport Management Review*, v. 18, n. 3, p. 43–358., 2015. <https://doi.org/http://doi.org/10.1016/j.smr.2014.10.003>

BUENO, B. L.; MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C. Local de nascimento dos nadadores olímpicos brasileiros como fator de influência para o Sucesso Esportivo. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 10, n. 3, 2020.

BUENO, B. L.; MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C. 100 anos de natação olímpica brasileira: participações, resultados e investimentos financeiros nas últimas décadas. **Olimpianos, Journal of Olympic Studies**, v. 6, p. 268–284, 2022.

CAETANO, C. I.; SENTONE, R. G.; LÓPEZ-GIL, J. F.; CAETANO, H. B. S.; CAVICHIOLLI, F. R. Influence of population size and density on sports performance of Brazilian artistic gymnastics. **Retos**, v. 83, n. 1987, p. 66–70, 2020.

CAPITANIO, A. M. Educação através da prática esportiva: missão impossível? **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. ano 8, n. 58, 2003.

CARNEIRO, F. H. S.; TEIXEIRA, M. R.; SILVA, D. S.; SANTOS, M. R.; MASCARENHAS, F. O financiamento federal do esporte de alto rendimento no Ciclo Olímpico e Paralímpico Rio 2016. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, jun. 2021.

CARRERAS, L. **Cómo educar en valores: materiales, textos, recursos y técnicas**. 14. ed. Madrid: Narcea, 2006.

CBDA. **Mapa Estratégico**, [s.d.]. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmninnibpcapjcgclcfndmkaj/https://www.cbda.org.br/documentos/mapa_e_strategico.pdf

CBDA. **Sobre a CBDA**. Disponível em: <https://transparencia.cbda.org.br/gestao/sobre>. Acesso em: 10 out. 2022

CBDA. **Luiz Fernando Coelho e Renato Cordani são eleitos presidente e vice-presidente da CBDA**. Disponível em: <https://cbda.org.br/br/geral/noticias/19586/luiz-fernando-coelho-e-renato-cordani-sao-eleitos-presidente-e-vice-presidente-da-cbda>. Acesso em: 12 dez. 2020

CBDA. **Natação: Perfil de Atleta**. Disponível em: <https://cbda.org.br/br/natacao/atletas>.

CHARTIER, M. **Analyse des expériences des étudiants-athlètes en contexte de sport universitaire**. [s.l.] Université Laval, 2018.

CHELLADURAI, P. **Managing organizations for sport and physical activity: a systems perspective**. Scottsdale: Holcomb Hathaway, 2009.

CHEUCZUK, F.; FERREIRA, L.; FLORES, P. P.; VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; NASCIMENTO JÚNIOR, J. R. A. Qualidade do Relacionamento Treinador-Atleta e Orientação às Metas como Preditores de Desempenho Esportivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 1–8, 2016.

CLUMPNER, R. A. 21st century success in international competition. *In*: WILCOX, R. (ed.). **Sport in the global village**. Morgantown: WV: FIT, 1994. p. 298–303.

COMITÊ BRASILEIRO DE CLUBES. **Nossa História | Comitê Brasileiro de Clubes**. Disponível em: <https://www.cbclubes.org.br/institucional/sobre-o-cbc/nossa-historia>. Acesso em: 29 nov. 2023.

COMITÊ BRASILEIRO DE CLUBES. **Formação Esportiva e Desenvolvimento de Atletas**. Disponível em: <https://www.cbclubes.org.br/2a-edicao-formacao-esportiva-e-desenvolvimento-de-atletas>. Acesso em: 7 jan. 2024.

COMITÊ BRASILEIRO DE CLUBES. **Capacitação - Parceria Unicamp**. Disponível em: <https://www.cbclubes.org.br/capacitacao-parceria-unicamp>. Acesso em: 31 dez. 2023.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Cursos do IOB**. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/home/instituto-olimpico-brasileiro/cursos-do-iob>. Acesso em: 7 jan. 2024.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Natação brasileira bate recorde nos Jogos Tóquio 2020 antes de cair na piscina**. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/natacao-brasileira-bate-recorde-nos-jogos-toquio-2020-antes-de-cair-na-piscina/>. Acesso em: 7 jan. 2024.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Modelo de Desenvolvimento Esportivo do Comitê Olímpico do Brasil**. 2. ed., 2022.

CÔTÉ, J. The Influence of the Family in the Development of Talent in Sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, p. 395–417, 1999.

CÔTÉ, J.; MACDONALD, D. J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. When “where” is more important than “when”: Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. **Journal of Sports Sciences**, v. 24, n. 10, p. 1065–1073, 2006.

CÔTÉ, J.; HORTON, S.; MACDONALD, D. J.; WILKES, S. The Benefits of Sampling Sports During Childhood. **Physical & Health Education Journal**, v. 74, n. 4, p. 6–11, 2009.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; EVANS, M. B. The Dynamic Process of Development Through Sport. **Kinesiologia Slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14–26, 2014.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativos, Quantitativo e Misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CROTTY, M. **The foundations of social research: Meaning and perspective in the research process**. London: SAGE Publications, 1998.

CURTIS, J. E.; BIRCH, J. S. Size of Community of Origin and Recruitment to Professional and Olympic Hockey in North America. **Sociology of Sport Journal**, v. 4, n. 3, p. 229–244, 1987.

DA COSTA, I. T.; CARDOSO, F. DA S. L.; GARGANTA, J. O índice de desenvolvimento humano e a data de nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de futebol ao alto nível de rendimento? **Motriz. Revista de Educaçao Fisica**, v. 19, n. 1, p. 34–45, 2013.

DE AGUIAR, P. R. C.; BASTOS, F. N.; NETTO JÚNIOR, J.; VANDERLEI, L. C. M.; PASTRE, C. M. Lesões Desportivas na Nataçao. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 16, n. 4, p. 273–277, 2010.

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S. A Conceptual Framework for Analysing Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. **European Sport Management Quarterly**, v. 6, n. 2, p. 185–215, 2006.

DE BOSSCHER, V.; BINGHAM, J.; SHIBLI, S.; VAN BOTTENBURG, M.; DE KNOP, P. **Sports policy factors leading to international sporting success - An international comparative study**. Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2007.

DE BOSSCHER, V.; HEYNDELS, B.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S. The paradox of measuring success of nations in elite sport. **Revue Belge de Geographie - BELGEO**, v. 9, n. 2, p. 217–234, 2008a.

DE BOSSCHER, V.; BINGHAM, J.; SHIBLI, S.; VAN BOTTENBURG, M.; DE KNOP, P. **The Global Sporting Arms Race: An international comparative study on Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success**. Aachen: Meyer & Meyer, 2008b.

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S.; BINGHAM, J. Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, v. 12, n. 3, p. 113–136, 2009.

DE BOSSCHER, V.; SHIBLI, S.; WESTERBEEK, H.; VAN BOTTENBURG, M. **Successful Elite Sport Policies: An international comparison of the Sports Policy factors Leading to International Sporting Success (SPLISS 2.0) in 15 nations**. Aachen: Meyer & Meyer Verlag, 2015.

DE BOSSCHER, V.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S.; WESTERBEEK, H. A gestão do esporte de alto rendimento em nível nacional: O modelo SPLISS. In: BÖHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. (ed.). **Esporte de alto rendimento: fatores críticos, gestão e identificação de talentos**. 1. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2016. p. 35–65.

DE OLIVEIRA, G. S.; DE ARAÚJO JUNIOR, I. P.; ANDRIES JUNIOR, O.; NETO, J. B.; CIELO, F. L. A Relaçao entre a Especializaçao Precoce e o Abandono Prematuro da Nataçao.

Movimento & Percepção, v. 8, n. 11, 2007.

DIGEL, H. A comparison of competitive sport systems. **New Studies in Athletics**, v. 17, n. 1, p. 37–50, 2002.

DIGEL, H.; BURK, V.; FAHRNER, M. **High-performance sport. An international comparison**. Edition Sp ed. Tübingen: Bräuer, 2006.

DOUYIN, X. A comparative study on the competitive sports training systems in different countries. **Journal of Comparative Physical Education and Sport**, v. 2, p. 3–12, 1988.

DRIGNY, J.; GAUTHIER, A.; REBOURSIÈRE, E.; GUERMONT, H.; GREMEAUX, V.; EDOUARD, P. Shoulder Muscle Imbalance as a Risk for Shoulder Injury in Elite Adolescent Swimmers: A Prospective Study. **Journal of Human Kinetics**, v. 75, n. October, p. 103–113, 2020.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The Development and Maintenance of Expert Athletic Performance : Perceptions of World and Olympic Champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 14, p. 154–171, 2002.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Lei no 13.748, de 08 de outubro de 2009 - Determina aos clubes de futebol que assegurem matrícula em instituição de ensino aos jogadores menores de 18(dezoito) anos a eles vinculados**, 2009. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2009/lei-13748-08.10.2009.html>. Acesso em: 23 nov. 2023

FERNANDES, R.; BARBOSA, T.; VILAS-BOAS, J. P. Fatores cineantropométricos determinantes em natação pura desportiva. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 4, n. 1, p. 67–79, 2002.

FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; COSTA, V. T. DA; MORAES, L. C. C. DE A. Nadadores medalhistas olímpicos: contexto do desenvolvimento brasileiro. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 18, n. 1, p. 130–142, mar. 2012.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J. Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. **Sport Psychologist**, v. 23, n. 1, p. 3–23, 2009.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; MACDONALD, D. J. Community Size in Youth Sport Settings: Examining Developmental Assets and Sport Withdrawal. **PHENex Journal**, v. 2, n. 2, p. 1–9, 2010.

FREY, K. Análise de Políticas Públicas: Algumas reflexões conceituais e suas implicações para a situação brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, v. Setembro, n. 18, 1999.

GALATTI, L. R. **Esporte e clube sócio-esportivo : percurso , contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2010.

GLOBOESPORTE. **Nuzman é condenado a 30 anos de prisão por corrupção passiva e organização criminosa**. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/nuzman-e-condenado-a-30-anos-de-prisao-por-corrupcao-passiva-e-organizacao-criminosa.ghtml>. Acesso em: 9 dez. 2023.

- GLOBOESPORTE. **Instalações olímpicas do passado impressionam por abandono.** Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2023/10/20/instalacoes-olimpicas-do-passado-impressionam-por-abandono-veja.ghtml>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- GODOY, L. **O sistema nacional de esporte no Brasil: revelações e possíveis delineamentos.** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013.
- GOMES-SENTONE, R.; LOPEZ-GIL, J. F.; CAETANO, C. I.; CAVICHIOLL, F. R. Relationship between human development index and the sport results of brazilian swimming athletes. **Journal of Human Sport and Exercise**, v. 14, n. Proc5, p. S2009–S2018, 2019.
- GOULD, D.; GUINAN, D.; GREENLEAF, C.; MEDBERY, R.; PETERSON, K. Factors affecting olympic performance: Perceptions of athletes and coaches from more and less successful teams. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 371–394, 1999.
- GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação Esportiva Universal: Da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** 1. ed. Belo Horizonte: Editora Universitária UFMG, 2007.
- GREEN, M.; HOULIHAN, B. **Elite Sport Development: Policy Learning and Political Priorities.** London; New York: Routledge, 2005.
- GREEN, M.; OAKLEY, B. Elite Sport development systems and playing to win: uniformity and diversity in international approaches. **Leisure Studies**, v. 20, n. 4, p. 247–267, 2001.
- GULBIN, J.; WEISSENSTEINER, J.; OLDENZIEL, K.; GAGNÉ, F. Patterns of performance development in elite athletes. **European Journal of Sport Science**, v. 13, n. 6, p. 605–614, 2013.
- HAM, C.; HILL, M. **The policy process in the modern capitalist state.** London: Harvester Wheatsheaf, 1993.
- HANCOCK, D. J.; COUTINHO, P.; CÔTÉ, J.; MESQUITA, I. Influences of population size and density on birthplace effects. **Journal of Sports Sciences**, v. 36, n. 1, p. 33–38, 2018.
- HENRIKSEN, K.; STAMBULOVA, N.; ROESSLER, K. K. Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 11, n. 3, p. 212–222, 2010.
- HENRY, I.; DOWLING, M.; KO, L. M.; BROWN, P. Challenging the new orthodoxy: a critique of SPLISS and variable-oriented approaches to comparing sporting nations. **European Sport Management Quarterly**, v. 20, n. 4, p. 520–536, 2020.
- HOULIHAN, B.; GREEN, M. **Comparative Elite Sport Development.** Systems, Structures and public policy. London: Elsevier, 2008.
- HOYE, R.; CUSKELLY, G. **Sport Governance.** 1. ed. London: Routledge, 2006.
- IBGE, I. B. DE G. E E. **Cidades**, 2022. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 dez. 2016.
- INSTITUTO AYRTON SENNA. **Educação pelo esporte: educação para o desenvolvimento humano pelo esporte.** São Paulo: Saraiva, 2004.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Sports.** Disponível em:

<https://olympics.com/en/sports/>. Acesso em: 26 abr 2023

JAYANTHA, K.; UBAYACHANDRA, E. G. Going for Gold Medals: Factors affecting Olympic Performance. **International Journal of Scientific and Research Publications**, v. 5, n. 6, p. 1–7, 2015.

JORGE, G. M.; WERNECK, F. Z.; DE OLIVEIRA, G. T.; LINHARES, L. C.; COELHO, E. F.; FERREIRA, R. M. Avaliação do desenvolvimento longitudinal da carreira esportiva de nadadores - análise descritiva. **Revista de Educação Física**, v. Anais do I, p. 115–117, 2016.

JOWETT, S.; COCKERILL, I. M. Olympic medallists' perspective of the athlete-coach relationship. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 4, p. 313–331, 2003.

JOWETT, S.; TIMSON-KATCHIS, M. Social Networks in Sport: Parental Influence on the Coach-Athlete Relationship. **The Sport Psychologist**, v. 19, p. 267–287, 2005.

KANETA, C. N.; KANASIRO, M. A.; DOS SANTOS, A. L. P. Desenvolvimento e suporte para técnicos. In: BOHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. (ed.). **Esporte de alto rendimento: fatores críticos - gestão - identificação de talentos**. São Paulo: Phorte, 2016. p. 217–243.

KASZNAR, I.; GRAÇA FILHO, A. S. **A indústria do esporte no Brasil economia, PIB - produto interno bruto, empregos e evolução dinâmica**. 4ª ed. São Paulo: Brasil, M. Books do, 2012.

KAY, T. Sporting excellence: A family affair? **European Physical Education Review**, v. 6, n. 2, p. 151–169, 2000.

KAY, T. The family factor in sport: A review of family factors affecting sports participation. In: **Driving up participation: The challenge for sport**. London: Sport England, 2004. p. 39–58. http://www.sportni.net/wp-content/uploads/2013/03/Driving_up_participation_the_challenge_for_sport.pdf. Acesso em: 12 dez. 2023

KENYON, G. S. The use of path analysis in sport sociology with a special reference to involvement socialization. **International Review of Sport Sociology**, v. 5, p. 191–203, 1970.

LAND, M.; LIGHT, R. Interpreting and implementing the Long Term Athlete Development model: English swimming coaches' views on the (swimming) LTAD in practice. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 5, n. 3, p. 389–402, 2010.

LANGLEY, D. J.; KNIGHT, S. M. Continuity in sport participation as an adaptive strategy in the aging process: A lifespan narrative. **Journal of Aging and Physical Activity**, v. 7, n. 1, p. 32–54, 1999.

LAROSE, K.; HAGGERTY, T. R. **Factors associated with national Olympic success: an exploratory study**. Dissertation (Master in Education) – Université de Brunswick, Ottawa, Canada, 1996.

LI, P.; WEISSENSTEINER, J. R.; PION, J.; DE BOSSCHER, V. Predicting elite success: Evidence comparing the career pathways of top 10 to 300 professional tennis players. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 15, n. 5-6, p. 793-802, 2020.

LIMA, L. B. Q. **Fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional da ginástica**

artística feminina brasileira. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2020.

LYLE, J. W. B. Managing excellence in sports performance. **Career Development International**, v. 2, n. 7, p. 314–323, 1997.

MACDONALD, D. J.; CHEUNG, M.; COTE, J.; ABERNETHY, B. Place but not date of birth influences the development and emergence of athletic talent in American football. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 21, n. 1, p. 80–90, 2009.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing - Foco Na Decisão.** 3ª ed. São Paulo: Pearson Brasil, 2011.

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7ª ed. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MASSETTO, S. T.; KANETA, C. N.; MASSA, M.; BÖHME, M. T. S.; NOGUEIRA, M. D. G. R. Concepção de talento na percepção de nadadoras olímpicas brasileiras. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 3, p. 189–197, 2007.

MATIAS, W. B.; ATHAYDE, P. F.; HÚNGARO, E. M.; MASCARENHAS, F. A Lei de Incentivo Fiscal e o (não) direito ao esporte no Brasil. **Movimento**, v. 21, n. 1, p. 95–110, 2015.

MATTAR, M. F. Gestão de clubes de futebol. In: MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C. (ed.). **Gestão do Esporte no Brasil: Desafios e Perspectivas.** 1. ed. São Paulo: Ícone Editora, 2012. p. 119–137.

MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C.; BÖHME, M. T. S.; DE BOSSCHER, V. Política do esporte de alto rendimento no Brasil: Análise da estratégia de investimentos nas confederações olímpicas. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 14, n. 2, p. 58–73, 2014.

MAZZEI, L. C. **High-performance Judo:** organizational factors influencing the international sporting success. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física, São Paulo e Thesis (Doctor in Physical Education and Movement Sciences), Vrije Iniversiteit Brussel, Brussel, 2015.

MAZZEI, L. C.; DE BOSSCHER, V.; FERREIRA JULIO, U.; LOPES CURY, R.; BÖHME, M. T. S. High-performance judo: identification of the organisational factors influencing international sporting success. **Managing Sport and Leisure**, v. 0, n. 0, p. 1–18, 2020.

MAZZEI, L. C.; AMARAL, C. M. S. Estruturas para treinamento e competições (instalações esportivas). In: BOHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. (ed.). **Esporte de alto rendimento: fatores críticos de sucesso - gestão - identificação de talentos.** São Paulo: Phorte, 2016. p. 197–215.

MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C.; BÖHME, M. T. S. **Política do Esporte no Brasil: Investimentos nas Confederações Olímpicas de 2002 a 2012.** Revista Portuguesa de Ciências do Desporto - S1A - XV Congresso de Ciência do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa. **Anais...**Recife: Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 2014

MAZZEI, L. C.; BUENO, B. L. **Políticas públicas, legislação e responsabilidade social no**

esporte. São Paulo: Editora Senac, 2023.

MAZZEI, L. C.; SILVA JÚNIOR, G. O. Competições nacionais e internacionais. *In*: BOHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. (ed.). **Esporte de alto rendimento: fatores críticos - gestão - identificação de talentos**. São Paulo: Phorte, 2016. p. 245–264.

MEIRA, T. B. **Programas de desenvolvimento da natação de alto rendimento no estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. MEIRA, T. B.; MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C.; BOHME, M. T. S. Programas de desenvolvimento de talentos esportivos nas pesquisas comparativas internacionais sobre esporte de alto rendimento e na realidade brasileira. **R. Min. Educ. Fís., Viçosa**, v. 20, n. 2, p. 37–73, 2012.

MEIRA, T. B.; BASTOS, F. C. Governança, organização e estrutura de políticas para o esporte. *In*: BOHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. (ed.). **Esporte de alto rendimento: fatores críticos - gestão - identificação de talentos**. São Paulo: Phorte Editora, 2016. p. 99–128.

MEIRA, T. B.; BASTOS, F. C.; BOHME, M. T. S. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 2, p. 251–262, 2012.

MEIRA, T. B.; BASTOS, F. C.; BOHME, M. T. S. Análise da estrutura e organização esportiva da natação no Estado de São Paulo. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, v. 29, n. 4, p. 583–600, 2015.

MEIRA, T. B.; MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C. Organizational structure of Brazilian elite sport. The 20th EASM Conference. **Anais...Aalborg: European Association for Sport Management**, 2012.

MELLO, C. **Caso Rebeca Gusmão**. Disponível em: <https://federacoes.cbda.org.br/br/todos/noticia/10330/caso-rebeca-gusmao>. Acesso em: 29 ago 2020.

MEZZADRI, F. M. **Políticas Públicas e Esporte**. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2014.

MEZZADRI, F. M.; SONODA-NUNES, R. J. (ed.). **Gestão e Governança do Esporte Brasileiro**. 1. ed. Francisco Beltrão: Berzon Gráfica e Editora, 2021.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Diagnóstico Nacional do Esporte - DIESPORTE caderno 2**. Brasília: Ministério do Esporte, 2016.

MORAES, L. C. C. A.; SOUSA, C. D. A. As diferentes influências da tríade pais-atletas-treinadores na trajetória de desenvolvimento de judocas brasileiros de nível internacional. *In*: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. (ed.). **Temas Atuais em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Gráfica Silveira, 2004. p. 111–132.

MPF, M. P. F. **Águas Claras: MPF acusa ex-cúpula da CBDA e empresários por desvios e fraudes em licitações de passagens e hospedagens**. Disponível em: <https://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/586179526/aguas-claras-mpf-acusa-ex-cupula-da-cbda-e-empresarios-por-desvios-e-fraudes-em-licitacoes-de-passagens-e-hospedagens>. Acesso em: 28 set 2021.

MUSSO, F.; ANDRE, R.; FRANCONI, B. Key Factors for Ensuring Performance and

Attracting Practitioners to Small Sport Clubs. **International Journal of Sport Management and Marketing**, v. 19, n. 5-6, 2019.

NAGAOKA, A. M.; YOSHIMURA, M. R.; MARQUES, S. H.; FRUTUOSO, M. F. P.; NETTO, R. S. M. Perfil antropométrico de nadadores de alto nível. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 2, n. 11, p. 374–380, 2008.

NASCIMENTO, A. S. **A lei federal de incentivo ao esporte: análise do perfil dos proponentes e dos financiadores esportivos (2007-2016)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2019.

NOGUEIRA, M. D. G. R.; BOJIKIAN, L. P.; DOS SANTOS, A. L. P.; MAIELO, V. P. Suporte para atletas e pós-carreira. *In*: BOHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. (ed.). **Esporte de alto rendimento: fatores críticos - gestão - identificação de talentos**. São Paulo: Phorte, 2016. p. 175–196.

NOGUEIRA, M. D. G. R. **Transição pós-carreira atlética de maratonistas aquáticos brasileiros: elementos para a elaboração de programa**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

OLYMPEDIA. **Olympedia - Results by Games**. Disponível em: <https://www.olympedia.org/editions/results>. Acesso em: 4 maio 2021.

PHILIPPE, R. A.; SEILER, R. Closeness, co-orientation and complementarity in coach-athlete relationships: What male swimmers say about their male coaches. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 7, p. 159–171, 2006.

POWER, T. G.; WOOLGER, C. Parenting Practices and Age-Group Swimming: A Correlational Study. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 65, n. 1, p. 59–66, 1994.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Rio de Janeiro: 2013**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>. Acesso em: 02 set. 2020

RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. A Iniciação Esportiva e a Especialização Precoce À Luz Da Teoria Da Complexidade – Notas Introdutórias. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 1–6, 2008.

REIS, E. **Estatística Descritiva**. 7^a ed. Lisboa: Edições Silabo, 2008.

ROSADO, A. Um Perfil de Competências do Treinador Desportivo. *In*: SARMENTO, P.; ROSADO, A.; RODRIGUES, J. (ed.). **Formação de treinadores desportivos**. Rio Maior: Escola Superior de Desporto de Rio Maior Edições, 2000.

ROSSING, N. N.; NIELSEN, A. B.; ELBE, A. M.; KARBING, D. S. The role of community in the development of elite handball and football players in Denmark. **European Journal of Sport Science**, v. 16, n. 2, p. 237–245, 2016.

RUBIO, K. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. [s.l.] Editora SESI-SP, 2015.

SALVADOR, A.; SENECHAL, A.; CASTRO, L. F. **Prisão da cúpula da nataçã**

evidencia descaso com verba pública. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/prisao-da-cupula-da-natacao-evidencia-descaso-com-verba-publica/>. Acesso em: 10 abr. 2023

SANTANA, W. C. Uma proposta de subsídios pedagógicos para o futsal na infância. **Universidade Norte do Paraná - UNOPAR**, v. 03, n. 4, p. 1–9, 2005.

SANTOS, E. S.; MILANI, F. G.; REVERDITO, R. S.; STAREPRAVO, F. A. O financiamento do Esporte e do Lazer pelos municípios do Estado do Mato Grosso de 2005 a 2008. **Licere**, v. 22, n. 1, p. 49–69, 2019a.

SANTOS, P. A.; SOUSA, C. V.; DA SILVA AGUIAR, S.; KNECHTLE, B.; NIKOLAIDIS, P. T.; SALES, M. M.; ... SIMÕES, H. G. Human Development Index and the frequency of nations in Athletics World Rankings. **Sport Sciences for Health**, v. 15, n. 2, p. 393–398, 2019b.

SEMOTIUK, D. M. East bloc athletics in the Glasnost era. **Journal of Comparative Physical Education and Sport**, v. 9, n. 1, p. 26–29, 1990.

SHARP, R. L. Swimming. *In*: MAUGHAN, R. J. (ed.). **Nutrition in Sport**. Oxford: Blackwell Science, 2000. p. 609–620.

SHIBLI, S.; DE BOSSCHER, V.; VAN BOTTENBURG, M.; WESTERBEEK, H. Measuring performance and success in elite sports. *In*: SOTIRIADOU, P.; DE BOSSCHER, V. (ed.). **Managing High Performance Sport**. London; New York: Routledge, 2013. p. 30–44.

SILVA FILHO, F. J.; MEIRA, T. B.; MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C.; BÖHME, M. T. S. Talentos esportivos no judô e na natação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 3, p. 627–636, 2016a.

SILVA FILHO, F. J.; DE SOUSA, V. M. L.; LUGUETTI, C. N.; DANTAS, L. E. P. B. T. Participação esportiva. *In*: BOHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. (ed.). **Esporte de alto rendimento: fatores críticos - gestão - identificação de talentos**. São Paulo: Phorte, 2016b. p. 129–145.

SIQUEIRA, T. D. A.; VIEIRA, R. S. C. Desmotivação e Abandono Precoce: Estudo em uma População de Adolescentes Femininos de Natação em Manaus. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 5, n. 2, p. 121–125, 2013.

SKINNER, J.; EDWARDS, A.; CORBETT, B. **Research Methods for Sport Management**. Oxon; New York: Routledge, 2015.

SMOLL, F. L.; CUMMING, S. P.; SMITH, R. E. Enhancing Coach-Parent Relationships in Youth Sports: Increasing Harmony and Minimizing Hassle. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 6, n. 1, p. 13–26, 2011.

SNYDER, E. E.; SPREITZER, E. A. Family Influence and Involvement in Sports. **Research Quarterly American Association for Health, Physical Education and Recreation**, v. 44, n. 3, p. 249–255, 1973.

STAREPRAVO, F. A.; SOUZA, V. F. M.; MILANI, F. G. **Políticas Públicas na Educação Física**. 1. ed. Curitiba: Editora InterSaberes, 2019.

STRACHAN, L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. A new view: Exploring positive youth development in elite sport contexts. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 3, n. 1, p. 9–32, 2011.

THUANY, M.; LIMA-BARBOSA, M.; ALCÂNTARA, T.; CAVALCANTE, J.; GOMES, T. N. Birthplace of Brazilian athletes who competed in Tokyo 2020 and the states variables related to the chances of being a medalist. **Olimpianos, Journal of Olympic Studies**, v. 5, p. 185–196, 2021.

TOZETTO, A. V. B.; DA ROSA, R. S.; MENDES, F. G.; GALATTI, L. R.; DE SOUZA, E. R.; COLLET, C.; ... DA SILVA, W. R. Local de nascimento e data de nascimento de medalhistas olímpicos Brasileiros. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 19, n. 3, p. 364–373, 2017.

TRINIDAD, A.; GONZÁLEZ-GARCIA, H.; LÓPEZ-VALENCIANO, A. An updated review of the epidemiology of swimming injuries. **PM&R**, v. 13, n. 9, p. 1005–1020, 2021.

VEAL, A. J.; DARCY, S. **Research methods in sport studies and sport management: a practical guide**. Oxon: Routledge, 2014.

VEALEY, R. S. Conceptualization of sport-confidence and competitive orientation: Preliminary investigation and instrument development. **Journal of Sport Psychology**, v. 3, n. 2, p. 221–246, 1986.

VEALEY, R. S. Personality and sport: a comprehensive view. *In*: HORN, T. S. (ed.). **Advances in sport psychology**. Champaign: IL: Human Kinetics, 1992.

VITÓRIO, S. L.; CERBI, L. E.; BUENO, B. L.; SANCHEZ, C.; MAZZEI, L. C. Diagnóstico das Leis Estaduais de Incentivo ao Esporte no Brasil. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 3, p. 222–236, dez. 2021.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

WELDON, E. J.; RICHARDSON, A. B. Upper Extremity Overuse Injuries in Swimming: A Discussion of Swimmer's Shoulder. **Clinics in Sports Medicine**, v. 20, n. 3, p. 423–438, 2001.

WESTERBEEK, H. M.; HAHN, A. G. The influence of commercialisation and globalisation on high performance sport. *In*: SOTIRIADOU, P.; DE BOSSCHER, V. (ed.). **Managing High Performance Sport**. London: Routledge, 2013.

WIKIPÉDIA. **Geografia do Brasil**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_do_Brasil. Acesso em: 7 jan. 2024.

WORLD AQUATICS. **World Aquatics: Results**. Disponível em: <https://www.worldaquatics.com/results?year=2023&month=latest&disciplines=>. Acesso em: 30 jun. 2020.

WYLLEMAN, P.; LAVALLEE, D. A developmental perspective on transitions faced by athletes. **Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective**, n. August, p. 507–527, 2004.